

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAROLINA MARIA FERNANDES GUERRA

**ALEMANHA À VISTA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A REVISÃO DO  
ESTADO DE BEM-ESTAR GERMÂNICO E A POLÍTICA EUROPEIA EM  
VIRTUDE DA CRISE DO EURO**

SÃO PAULO, 2013

CAROLINA MARIA FERNANDES GUERRA

**ALEMANHA À VISTA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A REVISÃO DO  
ESTADO DE BEM-ESTAR GERMÂNICO E A POLÍTICA EUROPEIA EM  
VIRTUDE DA CRISE DO EURO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do certificado de pós-graduação em Jornalismo Internacional à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José Eduardo Montechi Valladares de Oliveira.

SÃO PAULO, 2013

CAROLINA MARIA FERNANDES GUERRA

**ALEMANHA À VISTA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A REVISÃO DO  
ESTADO DE BEM-ESTAR GERMÂNICO E A POLÍTICA EUROPEIA EM  
VIRTUDE DA CRISE DO EURO**

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do certificado de pós-graduação em Jornalismo Internacional à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José Eduardo Montechi Valladares de Oliveira.”

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Componente da Banca

---

Componente da Banca

---

Componente da Banca

São Paulo

Maio /2013

À cidade de Berlim,  
que me ensinou muito sobre o amor ao próximo.

## Resumo

Reportagem sobre as mudanças recentes promovidas pelo governo alemão no Estado de bem-estar social local e as políticas do país em relação à crise do euro sob a ótica da influência da ideologia neoliberalista no cenário político-econômico europeu. As ‘turbulências’ na economia global estão justificando o corte dos benefícios providos aos cidadãos do continente. O euro, enquanto moeda única, aos poucos está se mostrando insustentável para economias de menor grau de industrialização como Portugal e Grécia. Os planos de austeridade impostos a países endividados são colocados em prática sem contrapartida de propostas para o desenvolvimento local. Já na Alemanha, a desigualdade social está aumentando. Este livro se propõe a estudar o impacto desses cortes no cotidiano da sociedade alemã e na Europa, as perspectivas da população e as propostas de organizações para que não aconteça uma redução na qualidade de vida e nem nos padrões de segurança social.

Palavras-chave: **Alemanha, Berlim, Portugal, Grécia, Espanha, Itália, Europa, crise do euro, euro, Estado de bem-estar social, neoliberalismo.**

## *Abstract*

*Report about the recent changes promoted by the German government in the local welfare state and the country's policies in relation to the euro crisis from the perspective of the influence of neoliberal ideology in the economical environment of Europe. The 'turbulences' in the global economy are justifying cuts in the benefits provided to citizens of the continent. The euro as the single currency is gradually proving to be unsustainable for economies with lower degree of industrialization such as Portugal and Greece. The austerity plans imposed to 'help' indebted countries are put into practice without proposals for local development. As for Germany, social inequality is increasing. This book aims to examine the impact of these cuts in the routine of the Germans and in Europe, as wells as perspectives of the population and the proposal of organizations in order to prevent reduction in the quality of life and in the standards of social security.*

*Keywords: **Germany, Berlin, Portugal, Greece, Spain, Italy, Europe, the euro crisis, euro, welfare state, neoliberalism.***

# Sumário

Introdução.....	07
<b>Capítulo 1</b>	
Panorama do Estado de bem-estar social na Alemanha e reformas recentes.....	15
Agenda 2010 e outras medidas de cortes de benefícios.....	18
Emprego e benefícios.....	20
Percepção do modelo econômico e reações populares.....	22
Integração com estrangeiros.....	26
<b>Capítulo 2</b>	
O passado e o presente na Alemanha .....	31
Origens do Estado de bem-estar social na Alemanha .....	37
Arte, estilo de vida e custo de vida .....	40
<b>Capítulo 3</b>	
A Alemanha na crise do euro.....	45
Política externa .....	50
O caso Lazarinka e a política de integração da UE.....	54
Política interna.....	55
<b>Capítulo 4</b>	
Democracia em Estado de crise .....	60
Outras influências do mercado.....	65
Decisões a portas fechadas.....	69
A resistência .....	72
<b>Capítulo 5</b>	
O bem-estar social x neoliberalismo .....	75
O ordoliberalismo alemão .....	82
A influência da ideologia neoliberal.....	84
A ideologia do bem-estar.....	85
Conclusão.....	87
Referências.....	92
Anexos.....	105

# Introdução

Quando comecei a gerar a ideia de escrever este livro-reportagem, o cenário político-econômico da Alemanha e da Europa começavam a dar sinais de transformação. Era ainda julho de 2010 e a chanceler Angela Merkel anunciava um pacote de medidas de austeridade para reduzir até o ano de 2014 o déficit público de 80 bilhões de euros. Enquanto isso, eu me mudava para Berlim atrás dos sonhos de ser correspondente internacional e aprender alemão. Foram oito meses na capital alemã.

Durante esse período, consegui escrever alguns textos para revistas brasileiras. A frequência dos trabalhos somada às quantias que me pagaram, porém, passaram longe de garantir meu sustento. Minhas economias se esvaíram e eventualmente pedi ajuda financeira à minha família. Eu poderia ter procurado emprego em um bar ou uma loja qualquer, mas essa não era minha ideia. Eu já havia provado a mim mesma, quase dez anos antes, durante os onze meses que passei em Londres, que era capaz de me virar em uma capital europeia, mesmo sem falar a língua perfeitamente. A viagem para Berlim, depois da primeira longa estadia que tive na Europa, tinha outro objetivo.

Eu tinha o plano de me inscrever em um mestrado de jornalismo na Alemanha, e as exigências para entrar no curso eram certificados de proficiência em inglês e alemão e um ano de experiência como jornalista. Eu já falava inglês, trabalhava havia mais de dois anos na redação de uma revista de circulação nacional e estudava alemão aos sábados. Minha justificativa para passar um tempo naquele país era adquirir o diploma de alemão – o qual de fato consegui, ao final daquele mesmo ano.

Se me perguntassem hoje se ainda quero fazer o tal mestrado, não saberia responder. Embarcar numa nova viagem significaria outros dois anos fora do Brasil, e com possibilidades reduzidas de trabalhar, já que o curso é em período integral. Um dia voltar à Alemanha não está totalmente fora de meus pensamentos. Mas o breve período que passei por lá, com tudo o que vivi e aprendi, durante e depois da viagem, ainda é objeto de reflexão.

Interpreto minha vivência na Alemanha como um mosaico fragmentado – ainda sem todas as peças. Berlim é diferente do resto da Alemanha e de qualquer outra cidade que

eu tenha conhecido. Não há mais muro, mas a memória dele e suas consequências ainda estão lá. Ainda são duas cidades em uma. A maior diferença de vinte anos atrás é que a cidade está em paz e militarmente desocupada.

A vida no verão também é muito diferente da do inverno. Nos dias quentes, a alegria e a juventude se multiplicam nos parques e nos bares. A bicicleta é um dos principais meios de transporte. Nos dias frios, as ruas ficam vazias. As festas continuam, mas em lugares fechados em que ainda é permitido fumar, e por conta das temperaturas que alcançam por vezes vinte graus negativos, é comum que se beba mais.

Grande parte dos meus dias em Berlim parecia seguir um tempo mais lento, longe do caos das grandes metrópoles. A começar que ainda não existe na cidade um aeroporto de porte internacional. Há voos para outros países europeus, mas a estrutura aeroportuária local não comporta receber grandes aviões, próprios para voos entre continentes. Assim, dificilmente alguém de fora da Europa chega à Alemanha por Berlim. A cidade é sede do governo, mas está a 550 quilômetros de distância de Frankfurt, o centro financeiro do país. O custo de vida em Berlim, apesar de estar aumentando, ainda é menor que em outras cidades da Europa ocidental como Londres e Paris – o que acaba atraindo muitos jovens estrangeiros, em especial artistas.

Também não é difícil se deparar com um protesto na capital alemã. Acompanhei manifestações por mais respeito da polícia em relação aos torcedores de futebol que vão aos estádios (com a presença de várias torcidas de times rivais), um movimento contra a privatização da companhia de água local, e uma mobilização, talvez a maior do tempo em que morei lá, contra a decisão da chanceler Merkel em prolongar o uso de energia nuclear – incluindo neste caso debates acalorados na mídia. Em todo esse período, não encontrei entre os habitantes da cidade, nenhuma pessoa com ambições de se tornar um executivo de uma grande corporação (talvez pelo fato de não ter frequentado faculdades de negócios e não estar empregada em uma corporação).

Por outro lado, Berlim é conhecida como a capital das *start-ups*, com uma forte cultura digital. Fui a alguns congressos do gênero como o *Transmediale*, que acontece anualmente para discutir o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea, e o *Cognitive Cities*, cuja proposta era pensar em cidades inteligentes, com a tecnologia ajudando as pessoas em suas necessidades. Enquanto o *Transmediale* questionou o tanto

de informações pessoais que fornecemos a redes sociais como o *Facebook* (e principalmente, o que essas empresas fazem com isso), o *Cognitive Cities* discutiu o uso de *softwares* que podem, por exemplo, mapear os banheiros públicos de determinado local.

Também estive em eventos coletivos como o *Betahaus* e o *Kulturlabor Trial&Error*, em que a proposta era dividir conhecimento. Quando estive na sede da *Betahaus* em Berlim, por exemplo, localizada em um prédio no bairro de Kreuzberg, o mote era uma aula de tricô aberta ao público. Enquanto uma garota ensinava os interessados a costurar, outro grupo fazia desenhos de grafite e outro testava uma nova forma de imprimir desenhos com *laser*. Já minha experiência com o *Kulturlabor* foi durante um evento em que o grupo montou um bazar de roupas. As peças, no entanto, não eram vendidas. Podia-se trocar uma roupa que se estava usando por outra disponível no estande, ou simplesmente levar algo de que gostou para casa trocando por um conhecimento (de qualquer tipo) fornecido mediante a gravação de um depoimento em uma câmera instalada no local.

Esse período vivido na Alemanha despertou em mim uma curiosidade pelo funcionamento de um modelo de Estado de bem-estar social universal – recurso este que no Brasil ainda é muito distante, apesar dos benefícios que temos instituídos por aqui (por esse motivo, evitei, ao longo dos capítulos, fazer comparações entre as políticas brasileira e alemã). Procurei, ao longo deste trabalho, propor uma discussão sobre as mudanças no micro e no macrocenário de Berlim e da Europa em relação ao Estado de bem-estar social.

A Europa vive a recessão mais longa desde o final da II Guerra Mundial – e os europeus, tanto alemães como gregos, estão descontentes. É certo que a rede vigente de proteção social, ao menos na Alemanha, está longe de ser extinta. A tendência atual, porém, é de redução, ou ao menos congelamento de gastos sociais. Na União Europeia, outra tendência que foi acentuada pela crise do euro foi a distância entre a vontade popular e as ações do poder político. Ao mesmo tempo, por conta de sua importância econômica na região, a Alemanha consolidou-se como líder político do bloco. Sua ingerência, até agora, resultou em privatizações e cortes drásticos nos gastos públicos de países como a Grécia, Portugal e Espanha.

## Justificativa

A equação que a Alemanha está tentando resolver, assim como outras economias da zona do euro, é: como manter a economia competitiva, manter a qualidade de vida e continuar crescendo em um cenário de austeridade financeira? Este livro se propõe a estudar o impacto dos cortes de gastos no cotidiano da sociedade alemã, as perspectivas da população e as propostas de organizações para que não aconteça uma redução na qualidade de vida e nem nos padrões de segurança social. Estatísticas apontam que a desigualdade social cresceu na Alemanha nos últimos anos, como descrito nos capítulos a seguir<sup>1</sup>. Soma-se a isso o fato de que economias emergentes da Ásia crescem usando mão de obra barata e sem as mesmas políticas de bem-estar social.

Enquanto isso, aumentam os protestos populares contra as medidas de austeridade em países como Grécia, Espanha e Portugal, vítimas da *Troika*, o grupo de especialistas formado por Comissão Europeia, Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Central Europeu (BCE), responsável por inspecionar o andamento da economia dos países endividados. Discussões sobre o fim do euro como moeda única do bloco chegaram a pairar nos bastidores da política europeia. A explicação é que economias mais fracas, como é o caso de Portugal e Grécia, perdem em produtividade ao não conseguirem as benesses de um câmbio flutuante. Por outro lado, uma moeda forte impulsiona economias fortemente industrializadas, como é o caso da Alemanha. Por esse motivo, a chanceler Angela Merkel é uma das mais ferrenhas defensoras da permanência do euro.

“A base do capitalismo é que as pessoas consumam cada vez mais e que a produção seja feita com mão de obra barata. Para resolver essa equação os governos e bancos concederam crédito à população. Mas agora, após a crise financeira de 2008, isso não será mais possível.” Essa frase foi dita a mim no ano de 2010 por Bill Kerry, diretor da ONG *Equality Trust*, com sede em Londres, na Inglaterra, e resume algumas das questões em que a Europa se encontra no momento. A *Equality Trust* prega que sociedades mais igualitárias funcionam melhor e têm índices reduzidos de violência e doenças. Segundo Kerry, a resposta para uma melhora social pode vir tanto de um

---

<sup>1</sup> Dados da Destatis, a agência oficial de estatísticas da Alemanha, apontam que no ano de 2007, 15,2% da população alemã encontrava-se em risco de pobreza, definido pela parcela da população que recebe menos de 60% da média nacional de salários, subindo para 15,8% em 2010. Disponível em: [https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty\\_HHTyp\\_SILC.html#Footnote1](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty_HHTyp_SILC.html#Footnote1). Acessado em: 01/10/2013

Estado forte, que arrecada muitos impostos e redistribui os recursos, como é o modelo das economias escandinavas; quanto de um Estado reduzido como é o caso do Japão. O importante, e o que fará diferença na qualidade de vida de uma sociedade são os níveis de igualdade entre as classes sociais. A teoria está explicada no livro *The spirit level – Why equality is better for everyone* (Nível elevado: Por que igualdade é melhor para todos, em uma tradução livre).

Participa da mesma corrente o médico alemão Dieter Lehmkuhl, que coordena o movimento *Vermögende für eine Vermögensabgabe* (Pessoas ricas a favor de impostos altos, em uma tradução livre). Dieter e seu grupo, porém, acreditam que o governo deve garantir segurança, educação e saúde e que os ricos devem bancar isso. “Se a desigualdade social crescer, teremos mais violência, crimes, pobreza, corrupção e instabilidade. A desigualdade mina as bases de uma sociedade e ameaça a democracia. Como rico, eu não quero viver em cidades com portões e grades, sem me sentir seguro nas ruas”, disse Lehmkuhl em entrevista ao jornal *Folha Universal*, realizada pelo jornalista Daniel Santini, em março de 2010<sup>2</sup> (posteriormente a esta reportagem, acabei me encontrando com Lehmkuhl em Berlim e discutimos o assunto).

Outra contribuição para a discussão está no livro *A doutrina do choque* (publicado em 2007), da jornalista Naomi Klein, que relata como determinados grupos se beneficiam de situações de crise. De acordo com ela, muitos economistas renomados, defensores do neoliberalismo e do livre mercado, influenciam governos e acabam por pregar uma política capitalista selvagem, cujos ganhadores são as grandes empresas. Entre crises fabricadas, guerras e desastres naturais em diversos países ao redor do mundo, vemos especuladores lucrando com as medidas emergenciais que a gravidade das situações exige. Ora, as economias em crise da zona do euro foram todas impelidas a cortar custos e fazer privatizações. A tese de Klein nos convida a observar atentamente quem serão os novos donos de empresas que deveriam se manter públicas. Além disso, privatizações realizadas às pressas, em geral, resultam em vendas a um preço muito inferior ao normal, muitas vezes em nome da “urgência” de se levantar recursos para sanar dívidas públicas.

---

<sup>2</sup> A reportagem pode ser lida no link: <<http://humbertocapellari.wordpress.com/2010/03/03/ele-quer-pagar-mais-taxas-10-perguntas-para-dieter-lehmkuhl/>>. Acessado em: 05/05/2011

Uma obra que dialoga com o livro de Naomi Klein é a trilogia de filmes *Zeitgeist* (2007), do diretor Peter Joseph, que argumenta que uma economia hermética, com regras e conceitos complicados, torna o terreno mais fácil para a implantação de medidas duras para as populações.

Outra linha de pesquisa que também se fez necessária para entender a situação da Alemanha foi estudar a origem do Estado provedor, instituído nesse país, especialmente no período do pós-guerra. As ideias do sociólogo alemão Claus Offe, que foi aluno de Jürgen Habermas, e escreveu o livro *Capitalismo Desorganizado*, também contribuíram para essa compreensão. Offe discute a legitimidade do Estado e suas estratégias de política social nas sociedades modernas. Para a contextualização histórica, foram usados como fontes os livros *A era dos extremos*, de Eric Hobsbawn e *Pós-Guerra*, do historiador britânico Tony Judt.

A ideia deste livro-reportagem foi produzir uma série de artigos que funcionam de forma independente, mas dialogam entre si no contexto do trabalho. As reportagens foram feitas a partir da experiência que tive em Berlim, somada à leitura de livros relacionados ao tema, notícias, estudos e entrevistas. Os capítulos foram divididos da seguinte forma:

### **1- Panorama do Estado de bem-estar social na Alemanha e reformas recentes**

Uma análise das reformas recentes no Estado de bem-estar social alemão, com foco nas mudanças promovidas pelos governos de Angela Merkel e de Gerhard Schröder. Outros temas abordados são aspectos gerais da economia alemã como o crescimento do PIB e o nível de desemprego, além de reações ao modelo político-econômico vigente e a questão da integração com os estrangeiros.

### **2- A relação do passado e do presente na Alemanha**

A herança histórica na Alemanha é muito presente no cotidiano. Além das duas guerras que devastaram o país, houve o muro – consequência direta do conflito, e que só caiu no ano de 1989. Com isso, durante décadas, os alemães tiveram que aprender a conviver com dois países dentro de uma nação. Este capítulo aborda a relação do passado e do presente no país por meio de alguns filmes e exposições. O histórico do Estado de bem-estar social também está descrito, além de uma breve análise econômica dos níveis alemães de desigualdade, pobreza e do estilo de vida em Berlim.

### **3- Papel da Alemanha na crise do euro**

Este capítulo traz um panorama da crise do euro, com foco na atuação da Alemanha. O país desponta como líder político da região e pressiona por cortes de custos em economias menores como Grécia e Espanha. Outro ponto abordado é uma análise das diretrizes da política externa alemã, baseada em documentos publicados pelo Ministério das Relações Exteriores, além de um perfil de Merkel e seus partidos de coalizão.

### **4- Democracia em Estado de choque**

Este item descreve como as decisões em relação à crise do euro são tomadas; a facilidade de se tomar decisões alheias à vontade popular em momentos de crise (como aponta Naomi Klein em *Terapia do Choque*); o surgimento de movimentos como o *Occupy* e os agentes que ganham com a crise.

### **5- O bem-estar social x neoliberalismo**

O capítulo final traz uma discussão teórica sobre o que justifica o Estado de bem-estar social e as pressões a que os benefícios estão expostos em uma lógica de orientação capitalista neoliberal. Claus Offe, Tony Judt e Slavoj Žižek foram algumas das referências usadas para escrever o texto. Um Estado de bem-estar social pleno depende em grande parte da vontade política da população em pagar impostos. Por outro lado, o setor privado propaga sua necessidade de ganhar competitividade, pressionando por um Estado reduzido e benefícios fiscais em um cenário de alto endividamento público. O capítulo traz também um paralelo entre as políticas neoliberais aplicadas nos anos 80 e a orientação neoliberal da política europeia atual.

### **Conclusão**

O último texto expõe as considerações finais do livro, sobre como os números da economia tornaram-se o principal medidor de bem-estar de um país, em especial na Europa, em detrimento de análises qualitativas das condições de vida e níveis de desigualdade social. A hegemonia alemã sobre a Europa, acentuada com a crise do euro, também é discutida, além de questionamentos em relação à viabilidade da permanência

do euro em economias como Portugal e Grécia, que encontram dificuldades em manter a moeda única.

# Capítulo 1

## Panorama do Estado de bem-estar social na Alemanha e reformas recentes

Um sentimento ronda a Alemanha. É como se houvesse uma sensação generalizada entre os alemães de que os tempos estão mudando, de que nada será como nas décadas anteriores. O Estado de bem-estar social, que foi tão acessível às gerações das décadas de 1960, 1970, 1980 e, em menor grau, nos anos 1990, está sendo alvo de revisões ao longo dos últimos anos. Apesar de que os benefícios concedidos à população muito dificilmente acabarão, a tendência atual está, sem dúvida, mais para o enxugamento do que para a expansão. O fantasma da inviabilidade econômica que ameaça o ideal do Estado de bem-estar social foi politicamente pontuado e neutralizado, pelo menos aos olhos da opinião pública. Cortes foram feitos, afetando especialmente a camada mais pobre da população. A sensação de uma Alemanha mais desigual, porém, está crescendo. Essa percepção é multiplicada no cotidiano. Está nos dependentes de heroína que pedem dinheiro nas estações de Berlim, está nas filas dos que buscam ajuda financeira do governo, no aumento da imigração, nos alemães que se mudam dos centros das cidades para pagar aluguéis mais baratos em um fenômeno conhecido como *gentrificação* (em alemão, *Grafizierung*).

É claro que os níveis de pobreza não chegam aos pés dos miseráveis da África nem sequer aos das classes D e E dos países emergentes. É uma situação bem diferente. O momento atual é de ataque ao Estado de bem-estar social. Os benefícios, ao menos em tese, tornaram-se responsáveis pelo não fechamento das contas do governo<sup>3</sup>. Uma apresentação de teatro do artista e jornalista alemão Diedrich Diederichsen resume bem a crítica predominante. Sua peça, um monólogo ácido sobre a política atual, foi encenada no teatro do bairro de Kreuzberg, em Berlim, no ano de 2011. Em dado

---

<sup>3</sup> A associação entre a crise e o Estado de bem-estar social foi largamente difundida por instituições de governo e pela imprensa desde o início dos problemas nas economias da Europa. Um comunicado da Comissão Europeia, de abril de 2013, relata o aumento de conflitos nas relações laborais da Europa, alertando para a necessidade de envolvimento dos trabalhadores no processo de negociações. "Temos de reforçar o papel dos parceiros sociais a todos os níveis, para que possamos sair da crise em que vivemos e salvaguardar os benefícios do modelo social europeu", disse o comissário para o emprego, os assuntos sociais e a inclusão László Andor, associando a crise ao corte de benefícios. Ironicamente, a Comissão Europeia é uma das grandes formuladoras da política de austeridade vigente no continente. Fonte: [Relações laborais: novo relatório aponta crispação no diálogo social na Europa. Europa](#). Disponível em: <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_IP-13-321\\_pt.htm?locale=FR](http://europa.eu/rapid/press-release_IP-13-321_pt.htm?locale=FR)>- acessado em 23/04/2013

momento da peça, o ator lê uma série de manchetes do jornal *Bild*<sup>4</sup>, um tabloide sensacionalista alemão. Entre chamadas que beiram o cômico, como as propriedades do abacaxi contra o câncer, e outras mais sérias, como a crise do euro e a ajuda da Alemanha à Grécia, termina criticando a busca incansável pelo crescimento econômico. “Crescimento, crescimento, crescimento”, diz ele à medida que vai mostrando as capas do jornal, ironizando a afeição da busca por números positivos na economia. Ao final, pouco antes dos aplausos, um questionamento: crescimento para onde e para quem?

Em números, a economia da Alemanha está no positivo. Apesar da crise, que trouxe uma queda no Produto Interno Bruto (PIB) de 5,1% em 2009, houve recuperação no ano seguinte, com um crescimento de 4,0% em 2010, e 3,1% em 2011, de acordo com dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>5</sup>. Já 2012 se provou um ano mais complicado. O ano acabou com um parco aumento de 0,9% no PIB e a previsão é encerrar 2013 com aumento de 0,6%, ainda por conta da crise do euro e turbulências nas dívidas soberanas no bloco europeu (tabela 1).

**Tabela 1 – Crescimento do PIB e previsões para os anos seguintes**

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Alemanha	3,9	3,4	0,8	-5,1	4,0	3,1	0,9	0,6	1,9
Espanha	4,1	3,5	0,9	-3,7	-0,3	0,4	-1,3	-1,4	0,5
Grécia	5,5	3,5	-0,2	-3,1	-4,9	-7,1	-6,3	-4,5	-1,3
Irlanda	5,3	5,4	-2,1	-5,5	-0,8	1,4	0,5	1,3	2,2
Itália	2,3	1,5	-1,2	-5,5	1,8	0,6	-2,2	-1,0	0,6
Portugal	1,4	2,4	-0,0	-2,9	1,4	-1,7	-3,1	-1,8	0,9
Área do euro (15 países)	3,4	3,0	0,3	-4,3	1,9	1,5	-0,4	-0,1	1,3
OCDE-Total	3,2	2,8	0,2	-3,6	3,0	1,8	1,4	1,4	2,3

Fonte: OCDE *Economic Outlook n° 92 – December 2012 – OECD Annual Projections*<sup>6</sup>

Em relação ao nível de gasto público com o social, o índice caiu de 26,6% em 2000 para 25,1% em 2007<sup>7</sup> (tabela 2). Foi nesse intervalo de tempo que o governo alemão

<sup>4</sup> O *Bild* é o jornal europeu diário de maior circulação, produzido em Berlim e pertencente ao grupo *Axel Springer*, de acordo com informações do *site* da empresa,

<[http://www.axelspringer.de/en/media/cw\\_mediafactsheet\\_en\\_87011.html](http://www.axelspringer.de/en/media/cw_mediafactsheet_en_87011.html)>, acessado em 19/04/2013

<sup>5</sup> Os dados estão disponíveis na base de dados da OCDE e podem ser encontrados no seguinte *link*:

<[http://www.oecd-ilibrary.org/economics/data/oecd-economic-outlook-statistics-and-projections/oecd-economic-outlook-no-92\\_data-00646-en](http://www.oecd-ilibrary.org/economics/data/oecd-economic-outlook-statistics-and-projections/oecd-economic-outlook-no-92_data-00646-en)>. Acessado em: 06/05/2012

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=40203>>. Acessado em: 30/04/2013

implantou a *Agenda 2010* – um pacote de medidas de corte nos benefícios sociais concedidos aos alemães. Apesar dos esforços das administrações de Gerhard Schröder (mandato de 1998 a 2005) e Angela Merkel (desde novembro de 2005) em promover ajustes no Estado de bem-estar social (mais detalhes das políticas de corte no tópico a seguir), a percentagem de gastos apresentou pouca queda e voltou a aumentar nos anos seguintes. No ano de 2009 em especial, quando houve decréscimo de 4,9% da economia, o gasto com o social subiu 2,6 pontos percentuais em relação ao ano anterior, ficando em 27,8% – o maior índice dos últimos anos. A situação se repete nos outros países analisados na tabela 2. Todos apresentaram retração do PIB e aumento dos gastos com o social em relação ao PIB no ano de 2009.

**Tabela 2 – Gastos públicos com o social (% em relação ao PIB)**

	1999	2000	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Alemanha	21,7	26,6	26,1	25,1	25,2	27,8	27,1	26,2
França	25,1	28,6	29,8	29,7	29,8	32,1	32,2	32,1
Espanha	19,9	20,2	21,1	21,3	22,9	26	26,5	26
Grécia	16,6	19,3	21,3	21,6	22,2	23,9	22,6	21,8
Portugal	12,5	18,9	23	22,7	23,1	25,6	25,6	25,2
Reino Unido	16,7	18,6	20,3	20,4	21,8	24,1	23,7	23,9
Suécia	30,2	28,4	28,4	27,3	27,5	29,8	28,3	27,6
EUA	13,6	14,5	16,1	16,3	17	19,2	20	19,8
Dinamarca	25,1	26,4	27,1	26,5	26,8	30,2	30,1	30
OCDE	17,7	18,9	19,6	19,3	20	22,3	22,2	21,9
Irlanda	17,3	13,4	16,1	16,7	19,7	23,6	23,7	23,4
Itália	19,9	23,1	25	24,7	25,8	27,8	27,8	27,6

Fonte: OCDE Factbook 2013<sup>8</sup>

## Agenda 2010 e outras medidas de cortes de benefícios

<sup>7</sup> Os dados podem ser encontrados na página da OCDE no link: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/3012021ec088.pdf?expires=1360809986&id=id&accname=guest&checksum=B0D8A802EA6C95301F211AAAA733D750>>, acessado em 06/05/2012

<sup>8</sup> Dados no site **OECD iLibrary**. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/3012021ec088.pdf?expires=1360809986&id=id&accname=guest&checksum=B0D8A802EA6C95301F211AAAA733D750>>. Acessado em: 07/05/2012

No ano de 2003 o governo social-democrata de Gerhard Schröder apresentou a *Agenda 2010*, sob o argumento de ajustes no orçamento. Parte da agenda incluiu a adoção, no campo do trabalho, do modelo batizado de *Hartz IV*, cujo objetivo principal era fazer o mercado de trabalho mais “flexível”, por meio de ajustes nos benefícios e mais incentivo à busca de emprego. Assim, pensou o governo, mais gente entraria no mercado e o número de benefícios diminuiria.

Entre as principais medidas da *Agenda 2010* está a redução do tempo máximo em que uma pessoa pode receber o valor total do seguro-desemprego (denominado *Arbeitslosengeld I*) de 36 meses para 12 meses, e 18 meses para empregados mais velhos. Isso também facilitou para as empresas empregarem e desempregarem pessoas, pois o processo tornou-se menos burocrático e menos custoso.

Outra resolução foi a integração de benefícios. Os desempregados de longo prazo (denominados pela categoria *Arbeitslosengeld II*) em vez de receberem uma parte de seus antigos salários, passaram a receber o salário-base da ajuda social, fixado em 374 euros, mais ajuda de moradia. Receber esse benefício também ficou mais difícil. O salário do parceiro ou cônjuge, além das economias do indivíduo, passaram a entrar para os critérios de seleção, como explicou o economista Christian Schiller no *blog* do FMI<sup>9</sup>.

O último ponto importante da reforma de Schröder foi a própria estrutura da agência nacional de empregos, que se remodelou e tornou-se mais ativa na busca de ocupação para os desempregados.

No ano de 2010, a chanceler Angela Merkel anunciou uma nova redução de gastos. A meta é cortar 80 bilhões de euros do orçamento até o ano de 2014. Além de medidas que envolvem a possibilidade de corte de 10 mil vagas no funcionalismo público e até 40 mil postos de trabalho entre soldados e vagas temporárias, houve mais um pequeno enxugamento nos benefícios.

---

<sup>9</sup> O artigo de Schiller, datado de 27 de julho de 2009, intitulado “*Does German welfare state need another fitness program?*” está disponível no sítio **Public Financial Management Blog**. Disponível em: <http://blog-pfm.imf.org/pfmblog/2009/07/does-the-german-welfare-state-need-another-fitness-program.html?cid=6a00e54ef0059588340133f30c6ae8970b>. Acessado em: 08/052012

Apesar de não haver ajustes na aposentadoria, os novos cortes afetaram em especial a camada mais pobre da população – que já havia sentido os efeitos da *Agenda 2010*. Beneficiários do seguro-desemprego com filhos deixarão de receber uma ajuda extra de 300 euros. O argumento é que as necessidades básicas são cobertas em outros benefícios adicionais. A taxa de reposição parental em relação à renda líquida de mais de 1.240 euros por mês caiu de 67% para 65%, sendo que o teto de 1.800 euros permanece<sup>10</sup>. Um benefício extra de 2,2 euros mensais como subsídio para o aquecimento domiciliar também foi cortado por ser considerado ineficiente. Com isso, o governo estima que cerca de 25% dos que recebem esse tipo de benefício sejam afetados<sup>11</sup>.

A saúde também foi afetada. As companhias de seguro, em 2011, passaram a poder cobrar um adicional de seus segurados. A reforma também aboliu a paridade de contribuições entre empregadores e empregados.

É por essas e outras que a aposentada oriunda da Alemanha Oriental Cornelia Yasmin tinha muitas reclamações do sistema de benefícios. Como a renda que ganha não é suficiente para pagar o aluguel e manter seu estilo de vida, Cornelia sempre mantém alugados para estudantes os dois quartos extras de sua casa. “Este mês, por exemplo, algo aconteceu e eu ainda não recebi o dinheiro do governo. E quando eu ligo lá (na assistência social), parece que não tem ninguém para me atender”, me disse ela no começo de 2011, durante uma conversa que tivemos em sua casa em Berlim.

Apesar de pequenas, em comparação às reformas promovidas por outros países europeus, como a Grécia, a estratégia do governo alemão é pressionar para que indivíduos busquem emprego e assim incentivar a busca da responsabilidade de cada um em relação à situação em que vive. Outra intenção do governo é aumentar a diferença de rendimentos entre os que recebem benefícios e os que trabalham.

## **Emprego e benefícios**

---

<sup>10</sup> LIERSE, Hanna; HEISE Arne. The Effects of European Austerity Programmes on Social Security Systems. Hamburgo: Friedrich-Ebert-Stiftung International Policy Analysis, 2011. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/id/ipa/07891.pdf>>. Acessado em: 10/07/2012

<sup>11</sup> Dados da agência nacional de emprego da Alemanha, Arbeitsagentur. Disponível em: <[http://www.arbeitsagentur.de/nm\\_426132/EN/Navigation/zentral/Leistungen/Leistungen-Nav.html](http://www.arbeitsagentur.de/nm_426132/EN/Navigation/zentral/Leistungen/Leistungen-Nav.html)>. Acessado em: 10/09/2012

As reformas de Schröder e Merkel refletiram positivamente nos índices de desemprego e negativamente no risco de pobreza na Alemanha. Em 2003, a taxa estava em 9,8%, subindo para 10,5% no ano seguinte e atingindo um pico de 11,3% em 2005. Daí em diante, houve queda para 10,3% em 2006, 8,7% em 2007, 7,5% em 2008, 7,8% em 2009 e 7,1% em 2010, de acordo com dados da OCDE<sup>12</sup>.

O ano de 2011 em especial, foi considerado um bom ano para o emprego na economia alemã. O país fechou o ano com uma taxa de 5,9% em 2011, com uma queda de 1,2 ponto porcentual em relação ao ano anterior<sup>13</sup>.

O número de subempregados, ou seja, os que não possuem emprego de meio período, mas que fazem parte do pacote de medidas do governo ou não são considerados desempregados por outros motivos, ficou em 3,89 milhões – 491 mil a menos do que em 2010, de acordo com dados da agência nacional de empregos da Alemanha. Já o número de pessoas recebendo seguro-desemprego decresceu em um ritmo menor, totalizando 813 mil pessoas, com redução de 135 mil indivíduos em relação a 2010.

Entre os que recebem benefícios de desemprego, a estatística aumenta. Cerca de 8,2% da população em idade para trabalhar na Alemanha está entre os beneficiários. Isso equivale a 4,45 milhões de pessoas nos dados de dezembro de 2011, de acordo com dados da agência nacional do trabalho *Arbeitsagentur*<sup>14</sup>. O número de pessoas desempregadas recebendo benefícios ficou em 1,96 milhão – representando um decréscimo de 96 mil em relação ao ano anterior. O governo não registra essas pessoas como desempregadas (*Arbeitslosengeld II*) porque elas têm empregos e crianças pequenas ou parentes para cuidar ou ainda são estudantes. Nesse ano foram gastos 37,5 bilhões de euros nesse tipo de benefício<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Dados disponíveis no perfil da Alemanha no *site* da OCDE: <<http://www.oecd-ilibrary.org/sites/csp-fra-table-2013-1-en/index.html?contentType=/ns/StatisticalPublication,/ns/KeyTable&itemId=/content/table/20752288-table-deu&containerItemId=/content/tablecollection/20752288&accessItemIds=&mimeType=text/html>>.

Acessado em: 26/12/2012

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Dados disponíveis no *press release* da *Arbeitsagentur* disponível em: <[http://www.arbeitsagentur.de/nm\\_426140/EN/zentraler-Content/Presse/Presse-12-001-EN-650648.html](http://www.arbeitsagentur.de/nm_426140/EN/zentraler-Content/Presse/Presse-12-001-EN-650648.html)>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>15</sup> Idem.

Em relação à pobreza, porém, a agência oficial de estatísticas da Alemanha *Destatis* revelou que 15,6% da população alemã estava em risco de pobreza no ano de 2009 – um número 0,8 ponto percentual abaixo da média da União Europeia, de 16,4% (a definição de risco de pobreza está na porcentagem da população que recebe menos que 60% da média nacional, nesse caso definida em 954 euros mensais). Em 2010, o ano seguinte, o índice subiu para 15,8%<sup>16</sup>. Somente em Berlim, cerca de 30% das crianças abaixo de 15 anos recebem algum tipo de assistência governamental<sup>17</sup>.

Na medição de emprego de fevereiro de 2012 na Alemanha, a taxa estava em 5,7% em geral e subia para 8,2% entre os jovens. Berlim tem a maior taxa de desemprego da Alemanha, com 9,5% registrados em janeiro do mesmo ano. A conexão entre crescimento econômico e níveis de seguridade social está se desfazendo continuamente na Alemanha, bem como nos governos da zona do euro em geral.

Em relação à União Europeia, o desemprego no bloco no mês de fevereiro de 2012 foi o maior em 25 anos, de acordo com dados da agência de estatísticas do continente europeu *Eurostat*<sup>18</sup>. No mês em questão, o índice registrou 10,8% de desempregados na zona do euro. Para efeito de comparação, em fevereiro de 2011, a taxa era de 9,5%. Se considerarmos todos os países da zona do euro, a estatística se traduz em 17,1 milhões de pessoas sem emprego. No total da União Europeia, o número sobe para 24,5 milhões. Somente no período de fevereiro de 2011 a fevereiro de 2012, cerca de 1,8 milhão de pessoas foram demitidas. Os casos mais graves estão na Grécia e na Espanha. No primeiro, o desemprego entre a população economicamente ativa estava em 21%. Considerando apenas os jovens, ou seja, a população de até 25 anos, a taxa de desemprego sobe para 50,4%. Entre os espanhóis, a taxa geral de desemprego estava em 25%, e entre os jovens, subindo para 50,5% (tabela 3 com os índices anuais). Não por coincidência, esses dois países foram alvos de programas de cortes de orçamentos e redução de custos, como discutido mais adiante.

---

<sup>16</sup> Dados retirados de: Community Statistics on Income and Living Conditions (EU-SILC). **Destatis**.

Disponível em:

<[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty\\_HHTyp\\_SILC.html#Footnote1](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty_HHTyp_SILC.html#Footnote1)>. Acessado em: 01/10/2013

<sup>17</sup> Dados encontrados no seguinte comunicado: Living in Europe (EU-SILC). **Destatis**. Disponível em:

<[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Current\\_KeyIndicators\\_SILC.html](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Current_KeyIndicators_SILC.html)>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>18</sup> Dados constantes em: Unemployment statistics. **Eurostat**. Disponível em:

<[http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics\\_explained/index.php/Unemployment\\_statistics](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Unemployment_statistics)>. Acessado em: 10/12/2012

**Tabela 3 – Taxas anuais de desemprego (em %)**

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Alemanha</b>	10,3	8,7	7,5	7,8	7,1	6	5,5
<b>França</b>	9,3	8,4	7,8	9,5	9,7	9,6	10,3
<b>Espanha</b>	8,5	8,3	11,3	18	20,1	21,6	25,1
<b>Grécia</b>	8,9	8,3	7,7	9,5	12,6	17,7	n/d
<b>Portugal</b>	7,8	8,1	7,7	9,6	11	12,9	15,7
<b>Reino Unido</b>	5,4	5,3	5,7	7,6	7,8	8	n/d
<b>Suécia</b>	7	6,1	6,2	8,3	8,4	7,5	7,7
<b>EUA</b>	4,6	4,6	5,8	9,3	9,6	9	8,1
<b>Dinamarca</b>	3,9	3,8	3,4	6	7,5	7,6	7,7
<b>OCDE</b>	6,1	5,6	6	8,1	8,3	8	8
<b>Irlanda</b>	4,5	4,7	6,4	12	13,9	14,7	14,8

Fonte: OCDE (*Harmonised Unemployment Rates HURs*)<sup>19</sup>

### Percepção do modelo econômico e reações populares

Um problema técnico que paralisou toda a rede de trens da empresa pública alemã *Deutsche Bahn* (DB), em dezembro de 2011<sup>20</sup>, causou desconforto na pedagoga Nicola Vermond, uma berlinense de 42 anos. Tivemos uma conversa em sua casa no final de 2011. “Eles investem na Índia e cortam custos por aqui”. Enquanto percepção popular, Nicola não está tão errada<sup>21</sup>. Obviamente não é possível dizer que os investimentos no exterior são a causa direta para possíveis acidentes. A questão que se revela é a mesma em qualquer outra grande transnacional: a necessidade de otimizar custos. De acordo com Julian Schmidt, um engenheiro alemão do ramo de transportes, em uma conversa na cidade de São Paulo, em dezembro de 2012, ninguém sabe exatamente quanto um trem pode durar. Pode ser que sejam trinta anos ou cem anos. O que mudou nos últimos anos é que houve cortes nos custos de manutenção. A razão de qualquer acidente pode

<sup>19</sup> Dados da tabela retirados de: Short-Term Labour Market Statistics: Harmonised Unemployment Rates HURs. **OECD.StatExtracts**. Disponível em: <<http://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=36324#>>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>20</sup> Informações do portal **The Local**. In: Berlin’s entire S-Bahn train network shuts down. **The Local**, 15 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.thelocal.de/national/20111215-39535.html#.UUKQXBxUcrU>>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>21</sup> Alguns meses depois, em agosto de 2012, um descarrilhamento de trens da DB, em Berlim, deixou seis pessoas feridas, conforme reportagem do portal **The Local**. In: Six hurt as train derailed in Berlin. **The Local**, 12 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.thelocal.de/national/20120821-44489.html#.UUKPdRxUcrU>>. Acessado em: 10/12/2012

ser falha humana ou mecânica, ou até as intempéries do tempo. Mas essa manutenção de qualidade inferior e a maior utilização dos trens, segundo a fonte, pode fazer com que acidentes sejam mais comuns no futuro – não só na Alemanha, como em todo o mundo, em qualquer área.

A questão, porém, vai um pouco mais além. Em 2011 a companhia de trens *DB*, operada pela empresa de mesmo nome, foi alvo de críticas e confrontos políticos. Um relatório que expôs a *performance* da companhia desagradou a opinião pública. Em dezembro de 2010, apenas 67% dos trens partiram na hora marcada e somente cerca de metade chegou na hora prevista – de acordo com reportagem publicada no portal *Spiegel*<sup>22</sup> em janeiro de 2011. O documento também relatou trilhos congelados e passageiros que ficaram horas esperando sem obter nenhuma informação, durante o inverno daquele ano. Sobrou ao então ministro do transporte Peter Ramsauer explicar a difícil matemática de que a companhia estava investindo seus lucros na manutenção de trilhos e estações. Afinal, trata-se de uma empresa que gera uma receita anual da ordem de 37,9 bilhões de euros<sup>23</sup> – grande parte disso, graças a um crescente número de investimentos no exterior. A *DB* foi fundada em 1994 com a fusão das companhias de trens das Alemanhas oriental e ocidental, constituindo-se em uma empresa de modelo acionista. O governo, mesmo com a maior parte das ações, a transformou em uma organização voltada para gerar lucros.

Para isso, modernizaram a empresa, contrataram executivos que implantaram medidas de lógica mercadológica como fechar as linhas que não davam lucro. A intenção do governo era eventualmente passar o controle total da empresa para investidores – planos que estão ainda adiados por conta da crise.

Outra discussão que ganhou as ruas da Alemanha na mesma época, em setembro de 2010, foi a questão da energia nuclear. Eu mesma fui testemunha quando mais de 100 mil pessoas se reuniram em frente ao *Reichstag*, o parlamento alemão, em Berlim, para protestar contra a então decisão do governo de prolongar o funcionamento das usinas

---

<sup>22</sup> MÜLLER, Peter; WASSERMANN, Andreas. Makeover for Deutsche Bahn: German Government Plans Radical Railroad Reform. **Spiegel Online**, 19 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/business/makeover-for-deutsche-bahn-german-government-plans-radical-railroad-reform-a-740182.html>>. Acessado em: 10/07/2012

<sup>23</sup> Informações retiradas do *site* da empresa Deutsche Bahn. In: Deutsche Bahn at a glance. **DB Bahn**. Disponível em: <[http://www.bahn.de/i/view/USA/en/about/overview/company\\_profile.shtml](http://www.bahn.de/i/view/USA/en/about/overview/company_profile.shtml)>. Acessado em: 10/07/2012

nucleares do país (fotos em anexo). Em uma reunião pacífica, havia jovens, crianças de bicicleta, idosos, pessoas dançando *techno* ao som de um trio elétrico, gente fantasiada, gente com cachorro, gente que batucava em latas e milhares de bandeiras e adesivos amarelos com a frase *Atomkraft? Nein, Danke* (Energia nuclear? Não, obrigado)<sup>24</sup>.

A passeata aconteceu porque a chanceler Angela Merkel, uma física por formação e ex-ministra do meio ambiente, considerava que a Alemanha não podia se livrar da energia nuclear até 2022, um prazo fixado por lei no governo anterior, pois o tanto de energia gerada por fontes sustentáveis não seria capaz de suprir a demanda energética nacional.

Com isso, as 17 usinas em funcionamento no país permaneceriam em atividade por mais tempo que o previsto. As plantas mais antigas, construídas antes de 1980, ficariam abertas por oito anos a mais, e as mais novas, por mais 14 anos. No ano de 2011, a energia nuclear correspondeu a 16% da matriz energética alemã. Carvão foi a principal fonte, com 25,7% e fontes renováveis de energia corresponderam a 21,9%, de acordo com dados da agência oficial de estatísticas da Alemanha *Destatis*<sup>25</sup>.

Após o desastre na usina nuclear japonesa de Fukushima, em março de 2011, e a pressão popular, Merkel acabou revendo seus planos. Uma matéria do jornal *New York Times*<sup>26</sup> de 6 de setembro de 2011, revelou que, até então, a posição pró-nuclear do governo possuía um viés econômico. Segundo a reportagem, cada ano adicional de funcionamento das usinas nucleares geraria um lucro estimado em 6,4 bilhões de euros para as companhias energéticas alemãs, entre elas, *E.ON*, *RWE*, *EnBW Energie Baden-Württemberg* e *Vattenfall*. O governo alemão vai cobrar um imposto dessas companhias, que deverá gerar cerca de 2,3 bilhões de euros por ano aos cofres públicos até pelo menos 2016.

Enquanto isso, um grupo em Berlim há anos discute a renacionalização da companhia de água *Berliner Wasserbetriebe* – controlada em 49,9% pelas empresas *RWE* e *Veolia Wasser*. A empresa fornecedora de água para a cidade de Berlim foi fundada em 1852,

---

<sup>24</sup> Fotos em anexo.

<sup>25</sup> Renewable energy sources. **Destatis**. Disponível em: <[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/EconomicSectors/Energy/Production/RenewableEnergies\\_ol.html](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/EconomicSectors/Energy/Production/RenewableEnergies_ol.html)>. Acessado em: 07/12/2012

<sup>26</sup> EDDY, Melissa. German plan to abandon its nuclear energy lags. **The New York Times**, 30 maio 2012. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2012/05/31/world/europe/german-plan-to-abandon-its-nuclear-energy-lags.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2012/05/31/world/europe/german-plan-to-abandon-its-nuclear-energy-lags.html?_r=0)>. Acessado em: 07/07/2012

após uma parceria do então governo da Prússia e a companhia britânica *Fox and Frampton*. No ano de 1873, a empresa foi adquirida pela cidade de Berlim através de uma comissão encabeçada pelo engenheiro James Hobrecht, e mais tarde, em 1937 a administração da cidade assumiu o controle total da companhia. Em 1949 a cidade foi dividida e a empresa também foi cortada em dois, para ser reunificada no começo da década de 90. Em 1999, porém, a *Berliner Wasserbetriebe* foi parcialmente privatizada. Assim, o governo da cidade ficou com 50,1% das ações e as empresas *RWE* e *Veolia*, juntas, com o restante dos papéis<sup>27</sup>.

O grupo *Berliner Wassertischs*, fundado em maio de 2006 para brigar pela renacionalização total do serviço de água<sup>28</sup>, afirmou em um folheto distribuído nas ruas de Berlim:

Em 1999 as empresas *RWE Aqua* e *Veolia* compraram 49.9% da *Berliner Wasserbetriebe* – a maior privatização parcial da Europa. O triste saldo: vagas de emprego reduzidas, algumas instalações foram fechadas, e na comparação internacional de tarifas, estamos com o preço mais alto pela água. As causas deste mal são acordos secretos com altas garantias de ganho, concluídos à custa de nós, cidadãos e cidadãs.<sup>29</sup>

Em julho de 2012 a empresa *RWE* anunciou um acordo com a cidade de Berlim para vender suas ações na *BWB* por 618 milhões de euros. Apesar de seguir os interesses do grupo *Berliner Wassertisch*, a tomada da decisão não foi prioritariamente motivada por interesses da população. De acordo com reportagem publicada no *Market Watch*<sup>30</sup>, em 17 de julho de 2012, a venda faz parte de um plano da *RWE* de vender ativos para reduzir dívidas e proteger sua nota de investimento nos padrões exigidos pelas agências internacionais como *Moody's* e *Standard & Poor's*. A *RWE* planeja vender 7 bilhões de euros em ativos até o final de 2013. Tudo porque o governo federal decidiu acelerar seu

---

<sup>27</sup> Dados extraídos do relatório *Water for Berlin*, disponível no site da empresa:

<<http://www.bwb.de/content/language2/downloads/info-engl-09.pdf>>. Acessado em: 18/07/2012

<sup>28</sup> A iniciativa *Berliner Wassertischs*, que significa algo como ‘A Tabela de Água Berlinense’, mantém um site na internet: <<http://berliner-wassertisch.net>>. Acessado em: 18/07/2012

<sup>29</sup> Tradução livre do alemão para o português

<sup>30</sup> Berlin seeks to buy RWE’s water-utility stake. **MarketWatch**, 17 jul. 2012. Disponível em:

<<http://www.marketwatch.com/story/berlin-seeks-to-buy-rwes-water-utility-stake-2012-07-17>>.

Acessado em: 12/11/2012

plano de redução da dependência de energia nuclear – outro campo de atuação da *RWE* – e isso afetou os lucros da empresa<sup>31</sup>.

### **Integração com os estrangeiros**

Em 2004, o filme *Contra a parede* (*Gegen die Wand*, no título original), do diretor turco-alemão Fatih Atkin abordou uma ferida deixada pelo milagre econômico: a integração dos estrangeiros à sociedade alemã. Logo após a Segunda Guerra Mundial, em função da grande quantidade de mortos e feridos nos conflitos, a imigração se intensificou na Alemanha. Os estrangeiros, em grande parte oriundos da Turquia, foram atraídos pela oferta de emprego, e os alemães beneficiaram-se da mão de obra mais barata ao contratar imigrantes. Os anos se passaram e muitos turcos fixaram raízes na Alemanha. A integração, porém, nunca foi plena. Por esse motivo, a obra de Atkin chamou tanta atenção.

Atkin, nascido em Hamburgo, filho de pais turcos, trabalhava como ator antes de ser diretor. Mas ele sentia-se incomodado por só conseguir papéis de turcos criminosos e começou a escrever suas próprias histórias. O enredo de *Contra a parede*, traz um romance entre Sibel, uma moça de 20 anos de uma família turca conservadora, e Cahit, um *punk* desiludido de origens turcas. A inadequação social dos dois na moderna sociedade alemã é constante ao longo do filme. Além do explosivo e complicado romance dos dois – ambos autores de tentativas frustradas de suicídio –, o filme explora a cultura turca na Alemanha, e como as tradições são mantidas em um país estrangeiro.

Anos antes, o jornalista alemão Günter Wallraff, havia abordado a questão de outra forma. Seu livro *Cabeça de turco* (1985), é o relato dos dois anos em que ele passou disfarçado de imigrante turco, sob a identidade falsa de Ali Sinirloglu. O autor se sujeitou a trabalhos duros, como chapista do *McDonald's*, metalúrgico, vedador de tubos radioativos em uma usina nuclear, entre outros. Hostilizado por seus patrões alemães, em parte por seu sotaque forte, Wallraff, quando finge ser turco, é alvo constante de discriminação. Também chama a atenção no livro seu encontro com um padre que se recusa a fazer seu batismo e sua visita a um evento do partido conservador

---

<sup>31</sup> O anúncio da venda também foi divulgado no site da empresa RWE. In: RWE sells its 24.95% shareholding in Berliner Wasserbetriebe to the State of Berlin. **RWE**, Essen, 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.rwe.com/web/cms/en/113648/rwe/press-news/press-release/?pmid=4008131>>. Acessado em: 12/11/2012

– em que ninguém conversou com ele. No trecho abaixo, o autor relata uma passagem do período em que trabalhou para a usina siderúrgica *Tyssen*.

Durante o tempo em que trabalhei na Tyssen, nunca usei sapatos de proteção, como determinam as normas de segurança. E muitos outros operários tampouco usaram. Foi muita sorte eu não ter sofrido nenhum acidente.

Conseguimos luvas de trabalho fuçando nos tambores do lixo. Em geral estão sujas de óleo e rasgadas. Pertencem aos operários da Thyssen que as jogam fora tão logo recebem luvas novas.

Quanto aos capacetes, devemos comprá-los. A não ser que um de nós tenha a sorte de encontrar um capacete velho, todo estragado. As cabeças dos operários alemães são mais valiosas e merecem mais proteção que as cabeças dos imigrantes. Por duas vezes o “xerife” Zentel arrancou meu capacete para dá-lo a um alemão que tinha esquecido o seu. Na primeira vez, protestei:

– Ei, momento. Capacete meu! Eu comprou!

Mas Zentel logo me fez ver qual era o meu lugar:

– Nada aqui é seu. Quando muito aquele monte de lixo! No fim do turno você vai receber o capacete de volta.

É assim: expropriam-nos sem consulta prévia.<sup>32</sup>

Um contraponto ao tema é o altamente criticado livro de Thilo Sarrazin, *Deutschland schaf sich ab* (A Alemanha se basta em si mesma, em uma tradução livre). Nele, o autor, um alto ex-funcionário do banco central alemão, acusa os turcos de “reduzir o coeficiente de inteligência” na Alemanha. O pior é que houve quem o apoiasse – e não foi difícil de encontrar. Certa vez estive em um bar em Berlim e ao conversar com um rapaz, o assunto Thilo Sarrazin veio à tona. “Bom, você tem que ver que ele escreve com argumentos”, disse o rapaz. Após essa frase, eu e uma amiga que estava comigo fizemos uma expressão espontânea de desaprovação e o assunto não continuou.

Não foi a primeira vez que presenciei uma manifestação contrária aos imigrantes. Em agosto de 2009, em uma viagem à Colônia, fui testemunha de um comício de um grupo de ultradireita denominado *Pro-Köln* (Por Colônia, em uma tradução livre) que havia decidido manifestar-se contra a construção de uma nova mesquita na cidade (fotos em anexo).

---

<sup>32</sup> WALLRAFF, Günter. **Cabeça de Turco**. São Paulo: Globo, 1985. p. 106.

O episódio aconteceu em frente à Catedral de Colônia, o ponto mais central da cidade. O *Pro-Köln* é um movimento que luta contra os imigrantes e o que chamam de “islamização” da cultura europeia. Naquele dia havia cerca de 50 pessoas, em sua maioria homens com mais de 60 anos, e alguns poucos jovens no meio. Eles carregavam placas com os dizeres “Colônia não precisa da construção de outra mesquita”, além de grandes bandeiras da Alemanha. Os *Pro-Kölns* foram recebidos na praça por gritos de uma turba formada por mais de 300 pessoas, que os chamava de nazistas. A polícia estava lá para garantir que o comício acontecesse. Mas o grupo que protestava contra eles, formado em sua maioria por jovens, punks, anarquistas e diversas pessoas com fantasias de carnaval, estava disposto a fazer barulho, para que o comício não fosse bem sucedido<sup>33</sup>.

Os *Pro-Kölns* conseguiram se reunir em um espaço cercado por grades e vigiado pela polícia. Já o outro grupo se concentrou ao redor das grades com o intuito de abafar o som dos discursos. Alguns jovens levaram baterias e megafones. Ao final, quando os *Pro-Kölns* começaram a se dispersar, chegou a hora do outro grupo fazer o seu ato simbólico. Eles chamaram representantes de diversas etnias, entre turcos e alemães, pegaram vassouras e varreram o local<sup>34</sup>.

Apesar da tensão, o dia acabou sem embates violentos. Diferente do dia do trabalho do mesmo ano, na véspera do 1º de maio, quando, na Alemanha, as cidades de Berlim e Hamburgo se tornaram o cenário de uma revolta promovida por radicais de esquerda, que atiraram pedras e garrafas na polícia e incendiaram latas de lixo. O dia acabou com três policiais feridos em Hamburgo e 29 em Berlim, além de 12 pessoas detidas, conforme informações do jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>35</sup>.

Por essas e outras é que a chanceler Angela Merkel se sentiu à vontade para em outubro de 2010 declarar que a sociedade multicultural falhou na Alemanha. Na ocasião, Merkel estava proferindo um discurso à juventude partidária de seu partido, os cristão-

---

<sup>33</sup> Fotos em anexo.

<sup>34</sup> O tema continua atual na Alemanha. Em julho de 2012, um pequeno grupo de direita de Munique denominado *Die Freiheit Bayern* (A Liberdade Bávara, em uma tradução livre) saiu às ruas para protestar contra a construção de um centro islâmico europeu na cidade, conforme informações da mídia local.

<sup>35</sup> Reportagem de **O Estado de S. Paulo** também publicada na versão *on-line* do jornal: Dia do Trabalho tem protestos na Alemanha e na Turquia. **Estadao.com.br**, 01 maio 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,dia-do-trabalho-tem-protestos-na-alemanha-e-na-turquia,363869,0.htm>>. Acessado em: 12/11/2012

democratas (CDU). Merkel foi mais além e instigou os imigrantes a “fazerem mais” para se integrar na sociedade alemã, conforme informações de uma reportagem publicada no portal do jornal português *Público*<sup>36</sup>.

Em outubro de 2010 foi divulgada uma pesquisa da Fundação Friedrich Ebert, que revelou que um terço dos alemães defendia a repatriação dos imigrantes e mais da metade manifestou-se favorável a restrições da prática do islamismo, conforme reportagem publicada pela *BBC*<sup>37</sup>.

Não é raro que os imigrantes sejam feitos de bodes expiatórios das mazelas sociais dos países europeus. A questão é que as populações europeias, em franco processo de envelhecimento, necessitam importar mão de obra para manter a conta da previdência senão em dia, pelo menos, não tão deficitária.

Dados da *ONU* apontam que sem a imigração, a população da Europa diminuirá em 50 milhões de pessoas até 2050, conforme artigo escrito no começo de 2004 pelo então secretário geral Kofi Annan<sup>38</sup>. “Imigrantes são um produto do capitalismo. São pessoas que deixam tudo para vir atrás de uma condição de vida melhor. A política que temos para imigrantes é vergonhosa”, me disse Bill Kerry, diretor da *ONG Equality for Trust*, com sede em Londres e que prega que sociedades mais igualitárias têm melhores performances em educação, qualidade de vida, saúde e índices reduzidos de doenças e de criminalidade<sup>39</sup>. Os imigrantes são, portanto, peça importante do funcionamento e manutenção do Estado de bem-estar social. O discurso de Angela Merkel não se justifica. Especialmente quando ela disse, no mesmo dia: “Nós somos um país que no início dos anos 60 chamou trabalhadores do estrangeiro para virem para a Alemanha e

---

<sup>36</sup> Merkel diz que a sociedade multicultural falhou na Alemanha. *Público*, 17 out. 2010. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/merkel-diz-que-a-sociedade-multicultural-falhou-na-alemanha-1461411>>. Acessado em: 12/07/2012

<sup>37</sup> EVANS, Stephen. Germany's charged immigration debate. *BBC*, Berlim, 17 out. 2010. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-11532699>>. Acessado em: 12/11/2012

<sup>38</sup> “Não há a menor dúvida de que as sociedades europeias precisam de imigrantes. Nos nossos dias, os europeus vivem mais anos e têm menos filhos. Sem a imigração, a população dos Estados Membros da UE, que em breve somarão vinte e cinco, diminuirá, passando de cerca dos actuais 450 milhões para menos de 400 milhões, em 2050”, diz o artigo de Kofi Annan, que está disponível no portal do Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC). In: ANNAN, Kofi. Razões pelas quais a Europa precisa de uma estratégia de imigração. *UNRIC*, 29 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/opiniao/5912>>. Acessado em: 12/12/2012

<sup>39</sup> A teoria defendida por Bill Kerry está exposta no livro *Spirit Level: why equality is better for everyone* (Penguin Books, 2010) de autoria dos britânicos Richard Wilkinson e Kate Pickett.

agora eles vivem aqui conosco. Durante um tempo, mentimos a nós próprios, dizíamos que eles não iam ficar, que um dia iam partir.”<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Citação tirada de reportagem “Angela Merkel polémica: integração dos imigrantes ‘falhou’” do portal do canal português **TVI24** de 17 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/alemanha-merkel-imigrantes-muculmanos-tvi24-/1199923-4073.html>. Acessado em: 12/07/2012

## Capítulo 2

### O passado e o presente na Alemanha

A indústria de cinema da Alemanha é muito eficiente quando a questão é autocrítica histórica. Obras como *A vida dos outros* (2006), do diretor Florian Henckel Von Donnersmarck, *Adeus Lenin* (2003), de Wolfgang Becker, e *Se não nós, quem* (2011), do diretor Andres Veiel, são bons recortes da história recente. Todos tocam em pontos sensíveis da trajetória alemã. *Se não nós, quem*, fala das turbulências dos anos 70 e a geração que enfrentou diretamente a herança do holocausto. Os intelectualizados personagens encontram na esquerda marxista um ideal para lutar contra o que acreditam ser uma Alemanha cada vez mais rica e consumista.

Baseado em fatos reais, o filme retrata o romance do escritor Bernward Vesper com sua então colega universitária Gudrun Einsslin. Ambos são filhos de colaboradores do nazismo e se tornam extremistas de esquerda. Enquanto ele acredita na mudança do mundo através da literatura, Gudrun parte para o terrorismo. Eles tiveram um filho, Felix Einsslin, que atualmente é diretor de teatro. Vesper é autor do livro *A viagem (Die Reise)*, um dos principais textos sobre a geração de 68 – ano em que o casal se separou. Ele morreu três anos depois por conta de uma overdose de remédios.

Já Gudrun, foi uma das fundadoras do *Baader Meinhof*, também conhecido como Fração do Exército Vermelho. Junto a Andreas Baader, de quem se torna amante, e à jornalista Ulrike Meinhof, ela comete uma série de assaltos a bancos, atentados e homicídios, até serem detidos pela polícia. Em 18 de outubro de 1977, Gudrun foi encontrada morta, enforcada em sua cela na prisão. Baader morreu no mesmo dia, encontrado também em sua cela com um tiro na nuca. Uma segunda geração de integrantes, sob o comando de Brigitte Mohnhaupt e Christian Klar, continuou o grupo – que só deixou de existir oficialmente na década de 90.

Outro diretor que tocou em questões sensíveis da história alemã foi Rainer Werner Fassbinder (1945-1982). Sua obra *O casamento de Maria Braun* (1979) é uma crítica ao ‘milagre econômico’ alemão. O sobrenome da personagem principal, aliás, é, não por acaso, o mesmo de Eva Braun, a companheira de Hitler. O filme começa com a recém-

casada Maria em busca de seu marido, que foi para o *front* de guerra e não voltou. A guerra terminou e restou aos alemães a sobrevivência e a reconstrução de suas cidades bombardeadas. A população tem fome e não há trabalho para todos. Maria encontra emprego em um café para soldados americanos, onde logo se envolve com um militar. Seu marido, porém, volta da guerra e a protagonista não hesita em matar seu novo namorado para provar sua fidelidade ao cônjuge. Ele vai preso no lugar dela e Maria começa a viver uma ascensão social conseguida por conta de sua perspicácia e ambição desmedida. Egoísta, ela nunca reflete sobre as consequências de seus atos, e principalmente, nunca olha para trás. Esse “esquecimento” do passado vivenciado por Maria, aliado ao mote do fim que justifica os meios é a forma com que o diretor Fassbinder encontrou para passar a mensagem de sua visão sobre a reconstrução alemã.

Ao final, Maria, também vítima e objeto de uma sociedade masculina, encontra a riqueza que tanto almejava. O longa acaba, propositalmente, no momento da vitória da Alemanha contra a Hungria na Copa do Mundo de Futebol de 1954. Maria acaba de reencontrar o seu grande amor e morre ao acender um cigarro enquanto o gás estava ligado. Não sabemos se ela esqueceu de fato do gás ou se foi intencional. É aí que entra a vitória da Alemanha – um esquecimento perigoso da história recente, na visão do diretor. As comemorações da vitória marcaram o primeiro momento, desde o final da guerra, em que os alemães poderiam novamente sentir orgulho de sua pátria. O diretor Fassbinder é considerado um dos principais nomes da renovação do cinema alemão.

Décadas depois, *Adeus Lenin* e *A vida dos outros* tocariam nas dificuldades do país dividido em momentos diferentes. Enquanto *A vida dos outros* relata a tensão da vida sob o olhar da Stasi (a polícia secreta da Alemanha Oriental); o outro revela um panorama da época da queda do Muro de Berlim e as questões trazidas com a reunificação.

Fora da ficção, a divisão da Alemanha acabou há apenas pouco mais de 20 anos, mas a vida na parte oriental já virou tema de museu, tamanha a rapidez com que se quer deixar esse período para trás. Em Berlim há o museu da República Democrática Alemã, conhecido como *DDR Museum*, aberto em 2006. No local, a chamada *Ostalgie* (termo usado para descrever a nostalgia da vida comunista que não existe mais na Alemanha) é tratada com ares pitorescos. O ambiente reproduz uma casa típica da parte oriental do país, com sala – para mostrar as diversões da época, quarto – para mostrar as roupas que

se vestia, e até um jardim falso – para dizer que uma das diversões dos alemães orientais era tomar sol. Um dos pontos altos é a presença do *Trabi* – um pequeno automóvel de carroceria de plástico que era comum no país. A gana por fazer um ‘museu moderno’ e interativo foi maior do que a sensibilidade em expressar respeito aos que viveram sob um regime ditatorial por várias décadas. Interessante pensar como o local ficou entre os finalistas do prêmio *Emya (European Museum of the Year Award)*, promovido pelo Conselho Europeu, nos anos de 2008 e 2012<sup>41</sup>. Em outros pontos turísticos, como o Memorial das Vítimas do Muro, que relembra dos que morreram tentando cruzar a fronteira, o tema da divisão da Alemanha é tratado com maior seriedade.

Outra exposição, da Fundação Willy Brandt, montada no ano de 2011, em Berlim, tentou mostrar o que é importante para o povo alemão na atualidade. A mostra *Deutschland für Anfänger (Alemanha para iniciantes)* criou tópicos de A a Z, com estações interativas em cada letra mostrando o que é tipicamente alemão na atualidade. Após uma pesquisa realizada com a população, descobriu-se que o curry wurst, prato típico de Berlim de salsicha com molho de curry, está entre as preferências. Na letra M, ainda estava forte a marca do Muro (*Mauer*, em alemão). A letra N trouxe a causa antinazista e uma campanha permanente contra o racismo promovida pela política local.

O futebol e os três títulos da copa do mundo<sup>42</sup> também estão lembrados em F de Futebol. O quesito R, de Religião, trouxe um panorama, ao menos nas estatísticas, de tolerância. De acordo com os números, atualmente o país conta com 34% de católicos, 34% de protestantes, 3.7% de muçulmanos e 28.3% declarados sem filiação ou de outras religiões<sup>43</sup>. Na parte dos Ídolos atuais, jogadores de futebol, a modelo internacional Heidi Klum e a banda alemã *Tokyo Hotel* foram os mais lembrados. Na opinião dos entrevistados, eles são a verdadeira cara da Alemanha contemporânea: bem-sucedida e moderna. Para fazer um contraponto com o passado, a organização da exposição montou um mural ao lado da foto dos ídolos escolhidos pelo público com

---

<sup>41</sup> No ano de 2008, o vencedor do *Emya* foi o Kumu Art Museum, na cidade de Tallinn, Estônia; e em 2012, o título foi para o museu Madinat AL Zahra, em Córdoba, na Espanha. O *press release* do prêmio pode ser lido em: <<http://www.europeanmuseumforum.info/component/content/article/15-emya-2012/36-european-museum-of-the-year-2012-award-nominations-.html>>. Acessado em: 12/07/2012

<sup>42</sup> A Alemanha foi campeã da Copa do Mundo nos anos de 1954, 1974 e 1990.

<sup>43</sup> Dados checados a partir de informações da *Central Intelligence Agency (CIA)*, que mantém um perfil atualizado com informações sobre todos os países: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gm.html>>. Acessado em: 12/07/2012

imagens dos heróis da resistência ao nazismo – com o intuito de mostrar as mudanças de pensamento entre gerações.

O pensamento dos mais novos por vezes espanta os adultos. Annegrete Junck, uma arquiteta de 35 anos de Hamburgo, me contou, durante uma conversa em Berlim no começo de 2011, que ficou surpresa ao conhecer uma jovem alemã de 20 anos e perceber que ela não tinha noção de história recente. Annegrete havia perguntado à garota se sua família era originária da Alemanha oriental ou ocidental. A resposta foi um simples e despreocupado: “Não sei”, como se este fosse um assunto muito distante. Já Johann Neumann, um cozinheiro berlinense de 30 anos, tem forte consigo de que jamais conseguiria morar na parte oriental da cidade – apesar de visitá-la algumas vezes para ir a bares e discotecas. Ele se lembra do dia em que o muro caiu, quando ele tinha 10 anos de idade. Enquanto ele acompanhou tudo pela televisão, seu pai foi ver de perto a reunião das duas partes da cidade, mas ficou com medo de levá-lo porque naquela noite, pois não se sabia ao certo o que poderia acontecer. Ninguém sabia até então se haveria confrontos ou se seria uma reabertura pacífica – como de fato foi. “A primeira surpresa de minha família foi ver que as construções da parte oriental eram todas feitas com muito concreto. Concreto para todos os lados. Depois, ao longo do tempo, eu vi soldados franceses, americanos e russos deixando a cidade. Todos com grandes desfiles e honras militares”, relembra Johann durante uma conversa que tivemos também na cidade de Berlim no final de 2011.

Os remanescentes do muro, que aliás viraram pontos turísticos, ainda dividem a cidade na arquitetura. O visual propositadamente futurista da Potsdamer Platz, centro comercial de Berlim Ocidental, contrasta com a aparência nostálgica da Alexanderplatz, centro da antiga Berlim Oriental. A praça abriga uma imponente torre de televisão – presente dos russos. Apenas três quilômetros separam um local do outro. Percorrer este caminho a pé, é lembrar toda a história alemã. O percurso inclui a Catedral de Berlim (*Berliner Dom*, em alemão), cujo início da construção data de 1465 e rememora os tempos do I Império Alemão, com os Kaisers Guilherme I, Frederico e Guilherme II.

Mais à frente, o portão de Bradenburgo, e o enorme jardim que também rememoram esta época, fazem frente para o hotel Adlon, um símbolo da Berlim cosmopolita da República de Weimar (também lembrado pela fatídica varanda em que o astro pop Michael Jackson segurou de forma perigosa o seu filho mais novo). O trajeto cruza

ainda a Friedrichstrasse, a rua de comércio de luxo da cidade. Apesar de quase nunca estar cheia, as lojas trazem as últimas novidades da moda de Nova York, Londres e Paris – contando inclusive com uma filial da Galeria *Lafayette*, famoso centro de compras parisiense. Ao fundo da rua fica o Checkpoint Charlie – antigamente o mais temido posto de controle para quem queria cruzar de uma parte da cidade à outra. Atualmente o local abriga um museu e atrai muitos turistas que aproveitam para tirar fotos com atores fantasiados de soldados russos e americanos que trabalham na porta do Checkpoint Charlie. As fotos custam dois euros. Para quem pagar um pouco mais, os atores também oferecem um carimbo de brincadeira no passaporte, simulando o procedimento de travessia de um lado a outro da cidade<sup>44</sup>.

A Segunda Guerra e a perseguição aos judeus também são lembrados em Berlim. Há um grande memorial no centro da cidade, o Memorial do Holocausto (ou *Memorial to the Murdered Jews of Europe*), cuja entrada é uma grande escultura de formas geométricas de diferentes tamanhos que lembram um cemitério, como lápides sem nome. Há ainda o Museu Judaico de Berlim, do arquiteto Daniel Libeskind; a Nova Sinagoga (reconstruída e aberta à visitação desde 1995); e, mais afastado, um antigo campo de concentração, denominado Sachsenhausen, onde também funciona um museu.

Passados mais de 50 anos desde o final da guerra, falar sobre o tema do nazismo com os alemães não chega a representar um tabu. Logo após o término do conflito, o governo da República Federal da Alemanha de Konrad Adenauer (mandato de 1949 a 1963) junto aos países vencedores, iniciaram um processo de ‘desnazificação’ da Alemanha<sup>45</sup>. As potências aliadas, ao mesmo tempo em que queriam impor sua vitória ao país que foi o grande causador da guerra, por outro lado, temiam que ao deixar o país na miséria, ou em condições precárias, abrissem espaço para o ressurgimento de outro regime totalitário – considerado um dos grandes erros do final da Primeira Guerra, conforme relatou o historiador Tony Judt, em seu livro *Pós-Guerra* (2007):

---

<sup>44</sup> A brasileira Patrícia de Camargo, que mantém o *blog* de viagens **Turomaquia**, fez um relato com fotos de quando carimbou “de brincadeira” seu passaporte durante sua visita ao Checkpoint Charlie, em Berlim: <<http://turomaquia.com/carimbando-o-passaporte-entre-alemanhas-berlim/>>. Acessado em 17/03/2013

<sup>45</sup> “Do lado da União Soviética, as referidas forças de ocupação extraditaram nazistas – primordialmente para Polônia e França – para que fossem julgados em foros onde os crimes haviam sido cometidos.” JUDT, 2007, p.67.

Em seu primeiro discurso oficial diante do Parlamento da República Federal da Alemanha, em 20 de setembro de 1949, Konrad Adenauer proferiu as seguintes palavras, referindo-se ao processo de erradicação do nazismo e ao legado nazista: “O governo da República Federal, acreditando que muitos expiaram, subjetivamente, uma culpa que não pesava muito, está decidido a deixar o passado para trás, até onde for aceitável.” Não resta dúvida de que muitos alemães endossaram com entusiasmo essa asserção. Se o processo oficial de extinção do nazismo fracassou, foi porque, por motivos políticos, os alemães haviam expurgado o nazismo espontaneamente em 8 de maio de 1945.<sup>46</sup>

O governo Adenauer, percebendo a necessidade de reerguer a Alemanha, notou que não era possível excluir os colaboradores do nazismo da população e muito menos da economia. Em vista disso, sua política foi a de olhar para frente. Isto não significou esquecer o passado, mas focar no futuro. E assim, o trauma coletivo da guerra foi se tornando um passado próximo e distante ao mesmo tempo. No começo, tentou-se impor que os alemães vissem documentários da guerra no ato de receber as rações alimentares. O que não se atinou é que se podia obrigar os alemães a assistir, mas não a prestar atenção – afinal, eles também tinham suas dores de guerra a serem digeridas.

Em relação à economia, a Alemanha de antes da guerra sempre fora um grande parceiro comercial das potências – um ponto que França, Inglaterra e Estados Unidos, na medida do possível estavam dispostos a retomar. O Plano Marshall, proposto em 1947 pelos Estados Unidos para promover a reconstrução europeia, é entendido pelos alemães ocidentais como peça fundamental para o desenvolvimento e influenciou posteriormente no período do chamado ‘milagre econômico’, que sobreveio com o governo do chanceler Adenauer. Por outro lado, após a guerra, percebeu-se também que os parques industriais não foram tão destruídos como se havia pensado. Desse modo, a Alemanha pôde se recuperar e até superar rapidamente os níveis de produção industrial do pré-guerra, conforme relatou Tony Judt em sua obra.

O impacto destrutivo *econômico* da guerra contra Hitler, conforme logo verificaram os inspetores aliados, não tinha sido tão arrasador quanto inicialmente se pensava, nem mesmo na própria Alemanha. Os bombardeios, apesar das perdas com vidas humanas, haviam causado menos prejuízo econômico do que esperavam os defensores da prática. Em maio de 1945,

---

<sup>46</sup> JUDT, Tony. **Pós-Guerra**, 2007, p. 65

pouco mais de 20% do parque industrial da Alemanha estavam destruídos; mesmo no Ruhr, onde grande parte do bombardeio aliado tinha se concentrado, dois terços das fábricas e da maquinaria sobreviveram intactos.<sup>47</sup>

## **Origens do Estado de bem-estar social na Alemanha**

A origem do Estado de bem-estar social na Alemanha remonta do século XIX, a partir de políticas do então chanceler Otto von Bismarck, que havia liderado o processo de unificação do Estado germânico, concluído em 1871. Suas motivações, porém, nada tiveram a ver com altruísmo e nem afinidade com as classes trabalhadoras. De orientação conservadora, Bismarck queria evitar que os trabalhadores fossem atraídos para a oposição, os social-democratas, em um período de rápida industrialização<sup>48</sup>. Por este motivo, estabeleceu sistema de saúde abrangente e programas de seguros para acidentados e idosos. Os princípios desse programa, décadas depois, estabeleceriam as bases do sistema de bem-estar social atual, conforme descreveu o economista Fábio Guedes Gomes em um artigo sobre o tema, intitulado “Conflito social e *welfare state*” (2006).

Bismarck tinha uma preocupação assentada no desenvolvimento do sistema de proteção social. Em 1883, foi aprovada a Lei de Seguro-Saúde com o objetivo de integrar em um sistema único de segurança as principais categorias de trabalho, principalmente aqueles trabalhadores das minas de carvão. Depois, rumo a um universo maior de inclusão, foi estendido o benefício aos trabalhadores agrícolas, artesãos, aprendizes e mão-de-obra temporária. Os resultados foram consideráveis. Em 1885, cerca de 4,6 milhões de trabalhadores tinham garantido a cobertura integral de seguro-saúde, ou seja, 10% da população alemã naquele ano. Em 1910, esse número saltou para 21,5% da população, cerca de 12 milhões de pessoas (Braga, 1999:201).

O sistema de proteção social se ampliou em 1884 quando foi instituída a Lei de Seguro-Acidente, atendendo ao mesmo universo de indivíduos. Em 1889, também foi institucionalizada a Lei de Pensões por Velhice e Invalidez. Essas

---

<sup>47</sup> JUDT, 2007, p. 97

<sup>48</sup> Bismarck também temia a ascensão do marxismo na Alemanha, especialmente após a Comuna de Paris, quando em 1871, depois do fim da guerra franco-prussiana, a França havia sido derrotada pela Alemanha. A guerra na França agravou a situação econômica no país e o cenário propiciou a criação de um movimento operário em Paris, que ao se rebelar contra o governo, tomaram o poder por dois meses, com o apoio da Guarda Nacional.

três leis de proteção social funcionavam desarticuladamente até então. Somente em 1911 foram integradas na Lei de Consolidação de Seguro. Enfim, só restava então um dos pilares da seguridade social, o seguro-desemprego. Em 1926 essa lacuna foi preenchida.<sup>49</sup>

O crescimento da rede de benefícios continuou com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, no começo da década de 1930. Parte do entusiasmo da população alemã em relação ao regime nazista é explicada pelo fato do governo promover medidas de desenvolvimento do Estado de bem-estar social, conforme relatou o historiador alemão Götz Aly, em seu livro *Hitler's Beneficiaries: plunder, racial war and the nazi welfare state* (Os Beneficiários de Hitler: saque, guerra racial e o Estado de bem-estar social nazista, em uma tradução livre), publicado em 2005.

A liderança nazista fez com que automóveis fossem acessíveis para os alemães comuns. Eles introduziram o conceito quase desconhecido de férias. O número de dias de folga dos trabalhadores dobrou e começou-se a desenvolver o turismo em larga escala na Alemanha... Desde os primeiros dias no poder, o regime de Hitler privilegiou famílias a pessoas solteiras e casais sem filhos, além de instituir políticas de proteção a fazendeiros contra as intempéries do clima e do mercado mundial. As medidas da era nazista inspiraram muitas reformas do pós-guerra, desde a política agrícola da União Europeia, retornos fiscais unificados para casais, garantia de subsídio às crianças, imposto de renda proporcional, e o começo da conservação ambiental. Funcionários nazistas elaboraram o esboço de um sistema de pensões que antecipou o adotado em 1957 pela República Federal da Alemanha. O sistema de 1939 tentou acabar com a pobreza enfrentada por aposentados e decretou que "os padrões de vida dos veteranos da força de trabalho não deveriam desviar dramaticamente de que os (padrões) de camaradas atualmente empregados."<sup>50</sup>

Nesse período de totalitarismo, conforme mostra o documentário *Arquitetura da Destruição*, do cineasta sueco Peter Cohen (1989) o ideal de um corpo saudável estava em voga no país. Assim, a população foi submetida a uma forte campanha de estética corporal que dialogava com a ideia de Adolf Hitler de 'purificação' da raça. A massa, unida, era entendida como o 'corpo alemão'. Os médicos judeus foram proibidos de

---

<sup>49</sup> Trecho do artigo "Conflito social e *welfare state*" de Fábio Guedes Gomes, publicado na **Revista de Administração Pública**, v.40, n.2, Rio de Janeiro, mar./abr. 2006, p. 205. O artigo está disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000200003>>. Acessados em: 10/07/2012

<sup>50</sup> Trecho do livro **Hitler's Beneficiaries: plunder, racial war and the nazi welfare state**, de Götz Aly (2005); tradução livre para o português.

trabalhar em 1933, e, no mesmo ano, uma lei para a esterilização dos doentes foi sancionada. Hitler também promoveu uma campanha de ‘limpeza’ nos ambientes de trabalho, promovendo hábitos de higiene e saúde. Parte da explicação para a adesão à ideologia nazista, está na promoção da ideia de um povo bonito e saudável, longe do caos e da degeneração. As medidas contribuíram para amenizar os conflitos de lutas de classe, já que parte da população naquele momento, não se via como um grupo de indivíduos, mas uma etnia unida em torno de um ideal maior, como mostra o filme de Cohen.

O próximo marco importante na história do bem-estar social veio após a Segunda Guerra, em 1957, quando o então chanceler Adenauer (que assim como Bismarck, tinha orientação política conservadora), aprovou uma lei de reformas das pensões, cujo objetivo era substituir as antigas pensões que serviam apenas para manter os idosos fora da pobreza, por aposentadorias de valor próximo aos salários que as pessoas tinham enquanto trabalhavam.

O esquema foi calculado a partir de um pagamento repartido entre empregador e trabalhador. As contribuições eram direcionadas aos aposentados, que recebiam cerca de 70% do seu antigo salário. O plano funcionou bem nas décadas de 1950 e 1960. As contribuições giravam em torno de 26% dos salários, de acordo com reportagem publicada pelo portal *Deutsche Welle*<sup>51</sup>.

Nos anos 1990, porém, as contribuições haviam subido para 40% do salário. O sistema foi fortemente impactado pelas crises do petróleo, da década de 1970, que marcou o fim do período do milagre econômico alemão. Nessa época, fatores como um crescimento menor da economia, maior desemprego na época e conseqüentemente menos contribuições, somados a um processo de envelhecimento da população, deflagraram questionamentos na estrutura de bem-estar social. Os benefícios que na época de Bismarck eram considerados longos ao durarem até cinco anos, passaram a ter que perdurar por 20 anos ou mais, conforme relatou o historiador Tony Judt.

No final da década de 70, o Estado previdenciário europeu começava a contabilizar os custos de seu próprio sucesso. A geração resultante da explosão demográfica do pós-guerra entrava na meia-idade, e os técnicos em

---

<sup>51</sup> Reportagem de 20 de outubro de 2003 disponível em: <<http://www.dw.de/o-adeus-ao-bem-estar-social/a-1004871>>.- Acessado em: 12/07/2012

estatística que trabalhavam para os governos já admitiam sobre os custos inerentes à aposentadoria dessa geração – problema que ficava ainda mais próximo no horizonte orçamentário graças à redução generalizada da idade em que as pessoas se aposentavam. Entre os alemães na faixa etária de 60 a 64 anos, por exemplo, em 1960, 72% trabalhavam em período integral; 20 anos depois, apenas 44% dos homens nessa faixa ainda estavam empregados. Na Holanda, a queda foi de 81% para 58%.

Em poucos anos, a maior geração até então registrada na história da Europa deixaria de contribuir para o Tesouro Nacional e passaria a extrair montantes imensos – fosse na forma de pensões, ou indiretamente, mas com impacto comparável, exigindo cada vez mais dos serviços médicos e sociais fornecidos pelo Estado. Além disso, sendo também a geração mais nutrida de todos os tempos, provavelmente haveria de viver mais. E a essa preocupação agora somava-se o gasto crescente com seguro-desemprego, que por volta de 1980 se tornou fator de grande impacto no orçamento de todos os Estados do Oeste Europeu<sup>52</sup>.

A reunificação da Alemanha, ao final da década de 1980, também impactou o sistema. Alemães orientais passaram a integrar o sistema, pagando menos e demandando os mesmos benefícios. A solução encontrada foi aumentar impostos.

Nesse contexto, o chanceler Schröder decretou o *Hartz IV*, em 2004, promovendo um grande corte nos benefícios, em especial para os desempregados por longos períodos. Houve muitos protestos e a proposta foi amenizada em algumas partes. Mesmo assim, *Hartz IV* é a base do modelo em vigor até agora, mesmo após as reformas realizadas pela chanceler Angela Merkel.

### **Arte, estilo de vida e custo de vida**

A Europa em geral ainda se mostra um continente moderno, aberto a manifestações artísticas e culturais contemporâneas. Há muitos europeus colecionadores e compradores de arte – que movimentam o mercado e financiam a chegada de novos artistas, renovando o panorama de obras. Mais uma vez citando Berlim, a capital se posiciona cada vez mais, ao lado de Londres e Paris, como um dos destinos preferidos de artistas. O relativo baixo custo de vida da capital alemã em relação a outras capitais

---

<sup>52</sup> JUDT, Tony. *Pós-Guerra*, p. 536

europeias atrai muitos jovens criativos, que podem produzir mais e se preocupar menos em como pagar suas contas.

Outro atrativo é que os locais onde a arte é comercializada também primam pela criatividade. Um ponto turístico interessante é a galeria Taschelles no centro de Berlim. Trata-se de um prédio invadido por artistas, onde funcionam diversos estúdios, um cinema e uma discoteca. Por ser localizado em uma região de terrenos caros, os artistas residentes já sofreram diversas ameaças de despejo, mas continuam ocupando o terreno. Outro exemplo é a galeria PSM, localizada em um complexo de oficinas de carro, em um local que em nada lembra algo para se ver e comprar arte. E é exatamente por essa razão que foi escolhido para abrigar a sede da galeria. “Aqui era a oficina de pintura dos carros do governo da Alemanha comunista”, contou Sabine Schmidt, fundadora da galeria, durante uma visita que fiz ao local no começo de 2011. “Eu queria um lugar que não fosse tão óbvio, assim as pessoas que vêm aqui, sabem o que estão buscando.”

A especialidade da PSM é arte contemporânea conceitual, especialmente pinturas, instalações, esculturas e *performances*. Um dos artistas que mais combina com o conceito da galeria, e que expõe por lá periodicamente é o japonês Ujino Moneteu, que produz sons ritmados com máquinas, motores e eletrodomésticos; ou ainda o iniciante francês Mathis Collins, de 23 anos (em 2011), que faz obras com rolhas de garrafa. Assim como a ideia da PSM é experimental, o local escolhido resume o conceito. Sabine sabe que em três anos o complexo de garagens em que está localizada será demolido para dar lugar a prédios comerciais. “Berlim é hoje muitas vezes comparada à Nova York dos anos 70. Aqui os artistas encontram uma cidade aberta à criatividade, interessante, e com um custo de vida não tão alto como Londres e Paris. Por isso está tão interessante para a arte”, me explicou Jan Salewski, porta-voz de outra galeria, a Sprüth Magers, no bairro central de Mitte, localizada onde antes funcionava um laboratório para os alunos da Universidade Humboldt, em janeiro de 2011.

Na verdade, a cidade recupera uma vocação artística que está em sua história. Até antes da Segunda Guerra, Berlim foi o palco para a expressão de muitos movimentos culturais que influenciaram e mudaram o pensamento contemporâneo. O expressionismo, por exemplo, que floresceu na capital alemã no final do século XIX e começo do século XX, com o ideal de propor uma arte pessoal e intuitiva, projetou nomes como Edvard Munch, Kandinsky e Franz Marc. Em outras áreas, Fritz Lang consagrou-se no cinema,

e a escola Bauhaus, na arquitetura e no *design*. Na década seguinte, porém, após a ascensão de Hitler ao poder, todo movimento artístico que não coincidia com os ideais nazistas foi reprimido.

A campanha nazista contra a arte moderna começa com a tomada de poder. Em 1933, Hitler fecha a Bauhaus e promove a primeira exposição difamatória da arte moderna em Karlsruhe e Mannheim. Segue-se a cassação de diversos curadores, diretores de museus e artistas-professores como Willi Baumeister (1889 - 1955) e Otto Dix. Os artistas começam a emigrar. Livros são queimados em praça pública e inicia-se um verdadeiro processo de expropriação arbitrária pelos nazistas dos acervos dos museus: mais de 16.500 obras de arte consideradas degeneradas são confiscadas, muitas das quais foram destruídas ou perdidas. Obras de valor - como *Auto-Retrato* (1888) de Vincent van Gogh (1853 - 1890) ou *Acrobata e Jovem Arlequim* (1905), de Pablo Picasso (1881 - 1973) - são vendidas num leilão em 1939 na Galeria Fischer, em Lucerna, Suíça, e revertidas em divisas para os nazistas.<sup>53</sup>

Acabou a guerra, veio a divisão e o surgimento das duas Alemanhas, e mais tarde, em 1961, o muro que dividiu a cidade de Berlim. Agora, pouco mais de 20 anos depois da reunificação, Berlim está em paz e retoma o espaço que sempre cedeu à criatividade.

“A cidade abriga tanto arte clássica quanto projetos experimentais. E a maioria das galerias tem suas portas abertas, inclusive nos shows de abertura. Para os turistas, pode ser muito interessante”, aponta Anke Hervol, chefe da seção de belas artes da Akademie der Kunst (academia de arte) em Berlim, em uma entrevista por telefone<sup>54</sup>. O interesse pela cena em Berlim é tanto que chamou a atenção até da embaixada da França, que desde 2009 promove a semana *Berlin Paris*. Trata-se de um acontecimento anual em que por um breve período, algumas galerias de Paris trocam obras de arte com galerias de Berlim. Um dos idealizadores do projeto é o galerista Mehdi Chouakri, dono da galeria que leva o mesmo nome. “Buscamos sempre novas ideias, novas visões sobre arte. Berlim é muito aberta à vanguarda artística, e não é uma cidade estressante. Por isso estou aqui”, disse ele durante uma entrevista que realizei em fevereiro de 2011.

---

<sup>53</sup> Citação retirada da **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais**, do quesito Arte Degenerada, disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=328](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=328). Acessado em: 24/04/2013

<sup>54</sup> Entrevista realizada em março de 2011.

Fora do mundo das artes, muitos alemães começam a reclamar do aumento do custo de vida na cidade. Para os artistas estrangeiros, Berlim é barato em comparação a Londres e Paris. Mas para os berlinenses, a sensação é de que os preços estão subindo. Em julho de 2012 cerca de 900 pessoas se reuniram para protestar contra o projeto de restauração da região de Mediaspree – um empreendimento urbanístico que pretende reformar o espaço às margens do rio que corta a cidade, o Spree, e fazer dali um centro urbano e tecnológico. Os manifestantes, do movimento *Spree für alle*<sup>55</sup>, argumentam que, além de acabar com um espaço de convivência, a construção encarecerá a região, em um fenômeno conhecido com gentrificação (do alemão, *Gentrifizierung* – um conceito é definido por um tipo de “enobrecimento urbano”, cuja consequência é a valorização da área).

A situação se repete quando o assunto é aluguel. Por conta do aumento do custo de vida e valorização do centro de Berlim, muitos reclamam de ter que se mudar para bairros mais afastados, onde o as locações custam menos. O bairro de Neuköln, por exemplo, antes reduto de turcos e estrangeiros, recebe cada vez mais jovens que se mudam para lá. Consequentemente, a região está enchendo de bares e restaurantes modernos, que ao longo dos anos, podem fazer do bairro um distrito para os mais endinheirados.

Em termos de custo de vida, desde a chegada do euro, os alemães viram os preços aumentarem e seu poder de compra diminuir. Dados da OCDE revelam que o poder de compra dos alemães diminuiu ao longo dos anos. Em uma comparação aos Estados Unidos, elegido como a referência, e que, portanto, o resultado será sempre 1, os alemães viram a paridade de seu poder de compra em comparação ao dos norte americanos ser reduzido. No ano de 1970, a relação do poder de compra era de 1,33 na Alemanha contra 1 nos EUA. Em 1990 passou para 0,971, seguido de uma leve alta de 1,01 em 1995, para depois enfrentar seguidas quedas de 0,967 no ano 2000, 0,867 em 2005 e 0,806 em 2009. O ano de 2010 apresentou leve alta para 0,814<sup>56</sup>.

A desigualdade e os níveis de pobreza também se mantêm em um nível considerável na Alemanha. O índice de risco de pobreza no país esteve em 14,5% no ano de 2010, que

---

<sup>55</sup> Os manifestantes mantêm um *site*: **Spreeufer Fuer Alle** (<<http://www.spreeufer-fuer-alle.de>>, acessado em 24/04/2013), em que explicam as causas e andamento dos protestos.

<sup>56</sup> Os dados de paridade do poder de compra estão disponíveis no perfil da Alemanha no *site* da OCDE: <[http://www.oecd-ilibrary.org/economics/country-statistical-profile-germany\\_20752288-table-deu](http://www.oecd-ilibrary.org/economics/country-statistical-profile-germany_20752288-table-deu)>. Acessado em 01/05/2012

se traduz em 12 milhões de cidadãos considerados ou ameaçados pela pobreza, conforme dados da Confederação Alemã do Bem-Estar Social<sup>57</sup>. Apesar do crescimento econômico, a estatística se mantém quase inalterada desde 2005, sendo que os indivíduos considerados ameaçados, nos padrões da pesquisa, são os que recebem menos de 60% da média salarial do país.

Nesse cenário, jovens e crianças são os mais afetados, segundo as pesquisas. Um relatório do Instituto Alemão de Pesquisa Econômica (*DIW*) referente ao ano de 2009 mostrou que em Berlim, 16,4% das crianças e 24,4% dos jovens adultos podem ser considerados pobres, de acordo com dados retirados de um outro artigo da *Deutsche Welle*<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Os dados foram retirados de uma reportagem da **Deutsch Welle** de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.dw.de/dw/article/0,,15620728,00.html>>. Acessado em: 01/05/2012

<sup>58</sup> *Link* da reportagem, em inglês: <[http://www.diw.de/en/diw\\_01.c.372865.en/themen\\_nachrichten/statistics\\_debate\\_child\\_and\\_youth\\_poverty\\_still\\_the\\_most\\_urgent\\_problem\\_on\\_the\\_policy\\_agenda.html](http://www.diw.de/en/diw_01.c.372865.en/themen_nachrichten/statistics_debate_child_and_youth_poverty_still_the_most_urgent_problem_on_the_policy_agenda.html)>. Acessado em: 01/05/2012

## Capítulo 3

### A Alemanha na crise do euro

Quem visitou grandes cidades da Espanha ou Portugal na primeira metade dos anos 2000, provavelmente reparou no elevado número de guindastes que apareciam na paisagem. Eram muitas obras de construção civil e uma crença no crescimento duradouro que viria, advindo da entrada destes países na zona do euro. Hoje, o cenário é outro. As obras foram terminadas, as empreiteiras ganharam dinheiro e a dívida dos países ibéricos estourou. Agora, restou a estes países, que junto à Itália, Grécia e Irlanda, foram maldosamente apelidados de *Piigs* (uma acrônimo para as iniciais de Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha), ficar à mercê de decisões econômicas de corte de custos, muitas delas tomadas fora de seus territórios, para que se encontrem soluções de volta ao crescimento econômico.

Há apenas alguns anos, em 2006 e 2007, todos esses países, com exceção de Portugal, apresentavam crescimento de PIB a taxas ou próximas ou maiores que a média dos 27 países do bloco europeu (ver tabela da página 16). Com o advento da crise nos Estados Unidos, a partir de setembro de 2008, as estatísticas caíram. O pessimismo na economia mundial afetou a Europa. A Espanha foi o único dos tais *Piigs* a apresentar algum crescimento de PIB com 0,9%. Portugal fechou o ano a 0% e os PIBs da Irlanda e Grécia caíram 2,1% e 0,2% respectivamente. A Itália decresceu 1,2% em 2008.

A partir desse momento, a própria União Europeia, por meio do Banco Central Europeu (BCE) e da Comissão Europeia, aliados ao Fundo Monetário Internacional (FMI), começou a atacar o alto gasto público desses Estados. As dívidas, que serviram em parte para financiar as obras governamentais alguns anos antes e estimular o crescimento econômico por conta da entrada na zona do euro, tornaram-se o vilão da história. Há nenhum ou poucos novos projetos de construção civil. A nova regra é aumento de impostos e cortes de gastos. Austeridade é a nova palavra de ordem para a realidade econômica desses países.

A desesperança no futuro começou a afetar a população. “Eu estava pegando o avião para Berlim e vi muitos jovens, mais jovens que eu, no mesmo voo. Eu vi nos olhos

deles. Todos estavam indo embora para não voltar tão cedo”, me relatou Rudy Brún, um artista irlandês de 35 anos que se mudou para Berlim em 2011 com a esperança de encontrar uma vida melhor e quem sabe viver de arte na capital alemã. Cruzei com o rapaz muitas outras vezes em um bar no bairro de Kreuzberg chamado *Clash*, frequentado por roqueiros, alguns *punks* e antinazistas. Rudy tinha arranjado um emprego de *barman* em um *pub* local, mas não tinha durado muito porque ainda não tinha aprendido alemão. Sua mãe lhe enviava dinheiro para o aluguel e ele não se sentia feliz para produzir arte. Falar da Irlanda com Rudy era aprender como as medidas de macroeconomia afetam uma população inteira. “Não há nada lá. Não há empregos para os jovens. Quem pode, vai embora”, dizia ele lembrando-se de sua terra natal, em uma província no norte do país.

Em primeiro de janeiro de 2011, a população total da União Europeia era de 502,5 milhões de pessoas, com um aumento de 1,4 milhão em relação ao ano anterior, de acordo com dados de um relatório da Comissão Europeia<sup>59</sup> sobre o tema. A estatística corresponde a um aumento de 2,7 para cada 1000 habitantes, sendo que 0,5 milhão corresponde a nascimentos (+1%) e 0,9 milhão a imigração (+1,7%). No caso da Alemanha, apesar de uma queda nos números entre 2008 e 2009, o país permanece, ao lado do Reino Unido, como um dos primeiros destinos dos europeus imigrantes. Somente a Alemanha recebeu 444,2 mil cidadãos europeus imigrantes no ano de 2008, caindo para 204,9 mil no ano seguinte. Neste ano, o país ficou atrás apenas do Reino Unido, que recebeu 263,3 mil cidadãos europeus em 2009, segundo dados da *Eurostat*<sup>60</sup>.

Com a crise do euro, a Alemanha, ao lado da França, consolidou seu papel de líder político da zona do euro<sup>61</sup>. A pressão externa sob o país também aumentou. Parte da situação é explicada pelo fato da economia alemã apresentar menos problemas que suas

---

<sup>59</sup> Informações disponíveis no *link*:

<[http://ec.europa.eu/homeaffairs/doc\\_centre/immigration/docs/COM%202012%20250%20final%201\\_EN\\_ACT\\_part1\\_v5.pdf](http://ec.europa.eu/homeaffairs/doc_centre/immigration/docs/COM%202012%20250%20final%201_EN_ACT_part1_v5.pdf)>. Acessado em: 05/10/2012

<sup>60</sup> Dados disponíveis no *link*:

<<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/refreshTableAction.do?tab=table&plugin=1&pcode=tec00115&language=en>>. Acessado em: 07/10/2012

<sup>61</sup> Em agosto de 2012 o ministro das finanças alemão Wolfgang Schäuble anunciou uma cooperação bilateral com a França para estudar a agenda em torno das mudanças na zona do euro. Entre os temas estão novas regras na área econômica e uma possível união bancária, de acordo com reportagem do diário português **Dinheiro Vivo**. “É a concretização formal do chamado eixo franco-alemão”, escreveu o autor da reportagem, que não assinou a matéria. *Link*:

<<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/CIECO057057.html>>. Acessado: em 07/10/2012

vizinhas, e parte porque o país é visto como maior beneficiário da atual conjuntura da zona do euro, posto que a maior parte das exportações da Alemanha vai para outros países do continente<sup>62</sup>. Grosso modo, a Alemanha é entendida como o país que vende máquinas e carros de luxo ultratecnológicos e compra de seus vizinhos como Grécia e Portugal, azeitonas e vinhos.

Para efeitos históricos de comparação, Portugal, séculos antes, amargou com as desvantagens do Tratado de Methuen, em 1703, também conhecido como “Panos e Vinhos”. O acordo previa a entrada de produtos têxteis ingleses em Portugal e vinhos portugueses na Inglaterra. O resultado foram enormes prejuízos aos lusitanos. Além do consumo de tecidos ser bem maior que o de vinhos, as terras aráveis foram transformadas em vinícolas, aumentando a necessidade de importação de itens de primeira necessidade. Soma-se a isso que a incipiente manufatura têxtil portuguesa foi incapaz de competir com os produtos ingleses, levando as indústrias locais à falência. Não houve, na época, nenhum estímulo para a economia local. A situação parece se repetir na atualidade. Os acordos da zona do euro, em sua configuração atual, resultam em dificuldades econômicas para países menos industrializados.

Outro motivo para a ascensão política da Alemanha é a simples eliminação de candidatos a líderes para resolver os problemas da União Europeia. A Inglaterra, além de não ter adotado o euro, foi bastante afetada pela crise e levantou questionamentos em relação a sua permanência no bloco europeu<sup>63</sup>. O desafio atual da política britânica é promover o crescimento interno. A França, o outro líder natural do bloco, enfrenta um problema grave de dívida pública. Restou assim à Alemanha, que ainda conta com uma indústria forte e competitiva, como o país central na tomada de decisões na crise que afeta a Europa.

Não por acaso, o ministro de Relações Exteriores da Polônia Radoslaw Sikorski declarou, no momento em que seu país assumia a presidência da União Europeia, em

---

<sup>62</sup> Os principais compradores dos produtos alemães em 2011 foram: França (10%); Países Baixos (7%); Reino Unido (7%); Itália (6%); Áustria (6%) e Estados Unidos (6%), de acordo com dados de um estudo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil de janeiro de 2013; disponível em: <<http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDAlemanha.pdf>>. Acessado em: 21/04/2013

<sup>63</sup> Em janeiro de 2013 o primeiro ministro britânico David Cameron afirmou durante discurso oficial que, se reeleito em 2015 convocará um plebiscito em seu país para decidir sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, conforme informações de reportagem do portal UOL de 23/01/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2013/01/23/cameron-planeja-plebiscito-sobre-permanencia-do-reino-unido-na-ue.htm>>. Acessado em: 21/04/2013

novembro de 2011, de que só a Alemanha poderia evitar uma crise de proporções apocalípticas. “Serei provavelmente o primeiro chefe da diplomacia polaca a dizê-lo: temo menos o poder do que a inação da Alemanha”, disse ele durante um discurso<sup>64</sup>. “Berlim tem de admitir que é a principal beneficiária do sistema atual e que tem, portanto, a maior obrigação de o tornar sustentável”<sup>65</sup>, completou o ministro polonês. Apesar da Polônia não ter aderido ao euro, o ministro sabe que a economia de seu país será afetada, caso haja uma valorização ou desvalorização brusca da moeda europeia. Diante da pressão crescente, a chanceler Angela Merkel também enviou o seu recado. “A força da Alemanha não é ilimitada”, declarou em um discurso em junho de 2012. “A eurozona não pode assumir toda a responsabilidade do crescimento. Todos os sócios devem fazer esforços”, completou<sup>66</sup>.

Merkel tem se posicionado arduamente por medidas de austeridade e pela permanência da Grécia na zona do euro. Sua postura é clara: o crescimento não pode mais ser financiado à base de dívidas governamentais. A posição da chanceler, na verdade, reflete um posicionamento histórico do *Bundesbank*, o banco central alemão, conforme relatou o economista alemão Philipp Bagus, em seu livro *A Tragédia do Euro* (2012).

Países mediterrâneos, e em particular o governo francês, possuíam outro interesse com a introdução do euro. O Bundesbank, por tradição, que sempre havia seguido uma política monetária mais rígida e austera do que a dos outros bancos centrais e, por isso, era sempre visto por estes outros bancos centrais como um constrangedor padrão de comparação. Além do mais, era o Bundesbank quem indiretamente determinava a política monetária da Europa. Se um banco central não seguisse as políticas restritivas do Bundesbank, sua moeda teria de ser desvalorizada para se realinhar ao marco alemão. Alguns políticos franceses consideravam a influência do Bundesbank como sendo um injustificável e inaceitável poder em mãos da militarmente derrotada Alemanha<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> Informações retiradas de reportagem do diário português **Jornal de Negócios**, do dia 29 de novembro de 2011, disponíveis em: <[http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/quotsoacute\\_a\\_alemanha\\_pode\\_evitar\\_uma\\_crise\\_de\\_proporccedilildees\\_apocaliacutepticasquot.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/quotsoacute_a_alemanha_pode_evitar_uma_crise_de_proporccedilildees_apocaliacutepticasquot.html)>. Acessado em: 07/10/2012

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Declarações retiradas de reportagem publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo** em 15 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/48809-ha-limite-a-poder-da-alemanha-contra-a-criese-afirma-merkel.shtml>>. Acessado em: 07/10/2012

<sup>67</sup> BAGUS, Philipp, 2012, p. 248

Com a introdução do euro<sup>68</sup>, havia uma expectativa de recrudescimento do poder econômico alemão no bloco por parte de alguns políticos do continente. Não se previu, ou pelo menos não foi dito na época, que Estados menores não poderiam tomar medidas de controle cambial e que dependeriam tanto como dependem do capital estrangeiro. A possibilidade de valorizar ou desvalorizar moedas locais em relação ao marco alemão de perdeu, com efeitos práticos diretos nos níveis de custo de vida. Também não há esforços no sentido da criação de ambientes propícios para o desenvolvimento de empresas nacionais nos países em dificuldades. Assim, em uma espécie de neocolonialismo econômico, drásticos planos de cortes de gastos estão sendo impostos a países menores.

Por outro lado, da parte da Alemanha, os políticos encontram dificuldades em explicar à população porque influem diretamente na política de outros países. Um exemplo é a declaração do membro do conselho econômico do governo alemão Peter Bofinger em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em fevereiro de 2012.

O principal problema da abordagem dos políticos alemães é dizer que estes países (Grécia e Espanha, por exemplo) não estão fazendo quase nada, que estão lá tomando sol e que mesmo assim temos que dar dinheiro a eles. E isso os cidadãos alemães não entendem.<sup>69</sup>

O plano de cortes aprovado pela Grécia, em 12 de fevereiro de 2012<sup>70</sup>, mostrou-se um verdadeiro trator na economia local. Enquanto 80 mil manifestantes se reuniam na Praça Syntagma, no centro de Atenas, o parlamento grego aprovou o quinto plano de austeridade desde 2009. Da votação, foram 199 a favor, 74 votos contra e 27 abstenções. As medidas incluíram um corte nas finanças públicas de 325 milhões de euros, além de redução de 22% no salário mínimo (passou de 751 euros para 586 euros), corte de 150 mil funcionários públicos até 2015, diminuir pensões e aposentadorias, congelamento de salários e aceleração das privatizações. Esta última parte, aliás, previu que o governo grego deve arrecadar 4,5 bilhões de euros com a venda de companhias estatais de gás e água e exploração de petróleo. Outra meta é a recuperação da

---

<sup>68</sup> Conforme Bagus (2012)

<sup>69</sup> Reportagem publicada em 13 de fevereiro de 2012. Artigo disponível no link: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/25658-merkel-e-responsavel-pelo-agravamento-da-crise.shtml>. Acessado em: 07/10/2012

<sup>70</sup> Informações retiradas do portal do jornal **O Estado de S. Paulo**, disponíveis em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,parlamento-grego-aprova-plano-de-cortes-835052,0.htm>. Acessado em: 07/10/2012

competitividade e a redução do custo do trabalho em 15% até 2015. Tudo isso para receber um pacote de socorro de 130 bilhões de euros e pagar uma dívida imediata de 14,5 bilhões de euros que, de acordo com as reportagens da época, venceria no final de março e se não fosse saudada, representaria o colapso da economia grega.

Diante disso, o ministro da economia alemã Wolfgang Schäuble ainda afirmou: “A Grécia deve deixar de ser um buraco sem fundo para a União Europeia”, citado em um artigo do jornal *Welt am Sonntag*, em junho do mesmo ano<sup>71</sup>.

“Não existe uma equação de equilíbrio em relação ao quanto um país (que está melhor economicamente), deveria ajudar o outro (em dificuldades). A medida ideal varia de acordo com o orçamento de cada país. A Alemanha, por exemplo, tem um limite de ajuda tanto orçamentário quanto no sentido de se questionar se a ajuda será suficiente para que determinado país saia do problema – porque do contrário é uma consignação de dinheiro sem resultados”, explicou a economista Cristiane Mancini, especialista em assuntos europeus, durante uma entrevista para este livro na cidade de São Paulo em dezembro de 2012.

## **Política externa**

Em 8 de fevereiro de 2012 o governo alemão lançou um documento intitulado “Moldando a Globalização - Criar Parcerias e Compartilhar Responsabilidades” (do original, *Globalisierung gestalten - Partnerschaften ausbauen - Verantwortung teilen*)<sup>72</sup>, por meio do Ministério das Relações Exteriores, com o intuito de anunciar um novo direcionamento na política externa. No texto, a Alemanha reconhece as mudanças no cenário político-econômico mundial, em que novos atores, as economias emergentes, surgem como novos centros de poder regional, em um contexto multipolar.

A estratégia do governo alemão, de acordo com o documento, será a de aumentar o diálogo com economias emergentes. O plano de atuação está dividido em seis áreas: paz e segurança; direitos humanos; política econômica e financeira; recursos naturais, água

---

<sup>71</sup> A citação foi replicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, com informações de agências internacionais em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ministro-alemao-diz-que-a-grecia-e-um-buraco-sem-fundo-,835048,0.htm>>. Acessado em: 10/10/2012

<sup>72</sup> O documento está disponível para *download* em inglês e em alemão no *site* do Ministério das Relações Exteriores do governo alemão: <[https://www.auswaertiges-amt.de/EN/Infoservice/Broschueren/Uebersicht\\_node.html?https=1](https://www.auswaertiges-amt.de/EN/Infoservice/Broschueren/Uebersicht_node.html?https=1)>. Acessado em: 11/10/2012

e energia; emprego, questões sociais e saúde; e por fim, desenvolvimento e sustentabilidade – reconhecendo que são quesitos interdependentes e podem ser mutuamente influenciados.

O governo alemão é um parceiro confiável quando se trata de resolver os problemas de hoje e de amanhã. A Alemanha tem uma reputação internacional em produtos de qualidade e inovação tecnológica. Apesar disso, a globalização econômica deve andar de mãos dadas com uma relevante discussão de objetivos e valores. Neste diálogo de valores globais, a Alemanha se orgulha de se referir a seu próprio sistema democrático de governança, sua economia social de mercado, seu engajamento internacional pelo respeito e fortalecimento dos universalmente válidos, inalienáveis e indivisíveis direitos humanos e pela igualdade entre homens e mulheres. Como força motora da integração europeia, a Alemanha tem um papel chave na definição da UE. A Europa e a Alemanha ganharam muita experiência... que poderiam ser valiosas na criação de um único ou comum marco regulatório para a globalização.<sup>73</sup>

Na prática, o objetivo é aumentar o comércio e o diálogo político, tendo em vista a tradição alemã em inovação e em sustentabilidade. A atuação se dará por meio de instituições internacionais e bilateralmente, através de acordos isolados. No campo da política mundial, a Alemanha defende, assim como o Brasil, a reforma do conselho de segurança da ONU. No formato atual, 15 países integram o conselho, mas apenas cinco são membros permanentes (China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos da América). Os outros dez membros são eleitos pela Assembleia Geral da ONU por períodos de dois anos e não podem ter mandatos consecutivos<sup>74</sup>. O argumento da Alemanha é que o órgão que deve ser adaptado com a realidade política de distribuição de poder no mundo.

Outra frente da política internacional alemã é a defesa de cooperação com outros países por meio de fóruns multilaterais como os grupos G – G7/G8 e G20<sup>75</sup>. Não por acaso,

---

<sup>73</sup> *Globalisierung gestalten - Partnerschaften ausbauen - Verantwortung teilen*, p. 6

<sup>74</sup> Informações retiradas do *site* do Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil-cs-onu.com/>>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>75</sup> A sigla G-8 corresponde ao grupo de países mais ricos e industrializados do mundo. Fazem parte originalmente os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Canadá, França, Itália, Reino Unido; e a Rússia, que ingressou em 1998. Já o G20 foi formado em 2003, antes da V Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), e é composto por países em desenvolvimento. O G20 possui 23 membros sendo cinco países da África (África do Sul, Egito, Nigéria, Tanzânia e Zimbábue), seis da Ásia (China, Filipinas, Índia, Indonésia, Paquistão e Tailândia), e 12 da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e

durante a presidência da Alemanha no G8, em 2007, o país lançou a campanha G8+5 (países do G8 mais China, Índia, Brasil, África do Sul e México), em uma tentativa de encorajar a cooperação com os países emergentes e inclusão do grupo nos processos de tomada de decisão em órgãos internacionais.

Na área cultural, uma das estratégias é a promoção de intercâmbios temáticos anuais como 2012 para a Índia e China e 2010 para o Vietnã (a fórmula é basicamente a mesma do Ano do França no Brasil, realizado em 2009)<sup>76</sup>. Continuar promovendo entidades alemãs internacionais como o Goethe-Institut e a Alexander von Humboldt Foundation também estão na pauta.

Já para questões de segurança, a Alemanha afirmou que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) continuará a ser a principal referência em sua atuação. Lembrando que o país mantém tropas no Afeganistão e anunciou que pretende retirá-las em 2014<sup>77</sup>.

Em linhas gerais, a tática do governo alemão, a partir da análise do documento em questão, é aumentar e consolidar sua esfera de atuação política e econômica em âmbito mundial. O historiador Tony Judt, já em 2007, havia chamado a atenção para a ascensão do poder do continente europeu em âmbito global.

O século XX – o século dos EUA – testemunhara o mergulho da Europa no abismo. A recuperação do Velho Continente foi um processo lento e incerto. Sob determinados aspectos, jamais se completaria: Os EUA teriam o maior exército e a China fabricaria mais produtos, a preços mais baixos. Contudo, nem os EUA e nem a China dispunham de um modelo útil a ser universalmente copiado. Apesar dos horrores do passado recente – e, em grande medida, por causa desses horrores –, eram os *europeus* que agora se encontravam em condições de oferecer ao mundo alguns conselhos sobre como evitar a repetição dos erros por eles próprios cometidos. Pouca gente

---

Venezuela); de acordo com informações do *site Brasil Escola*; disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/geografia/g-20-paises-desenvolvimento.htm>>. Acessado em: 22/04/2013

<sup>76</sup> De maio de 2013 a maio de 2014 serão realizados diversos eventos em função do ano Alemanha + Brasil, promovido pelas representações consulares. Informação disponível em:

<[http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/0201\\_DZBrasilia/Artigos/UltimasNoticiasAnoAlemanha.html](http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/0201_DZBrasilia/Artigos/UltimasNoticiasAnoAlemanha.html)>. Acessado em: 10/11/2012

<sup>77</sup> Conforme informações de reportagem da **Agência Brasil**, publicada em 22 de maio de 2012.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-22/otan-sela-acordo-sobre-retirar-tropas-do-afeganistao-ate-2014>>. Acessado em: 10/11/2012

poderia prever tal condição sessenta anos antes, mas o século XXI talvez seja da Europa.<sup>78</sup>

De acordo com Tony Judt, apesar de seu livro ter sido publicado antes da crise, a Alemanha tem um papel central nos ditames da política europeia. A conjuntura atual da política internacional nos leva a crer que o mundo de fato caminha para uma multipolarização de poderes. Ainda se espera que a Europa nos próximos anos, com problemas econômicos resolvidos ou não, seja uma grande exportadora de tecnologia e quiçá provedora de algumas das soluções de sustentabilidade em que o mundo precisará no futuro.

Em relação a “evitar a repetição de erros”, citada por Judt, é preciso que os líderes da União Europeia revejam o modelo que estabelece o tipo de relação entre as nações do bloco. Na conjuntura atual, há desequilíbrio entre as vertentes política e econômica no processo de integração da União Europeia. Países com maior poder econômico, têm mais autonomia e liberdade para formular suas políticas tendo em vista os interesses nacionais, como apontou o economista português Rui Henrique Ribeiro Rodrigues Alves, em sua tese de doutorado intitulada “O Futuro da União Europeia: Organização Económica e Política no Contexto dos Desafios Pós-Euro” (2008).

A dinâmica do processo de integração tem sido também frequentemente marcada pelos humores da conjuntura económica internacional, evidenciando que ainda não se encontra suficientemente estabelecida uma inequívoca solidariedade entre os países participantes, a qual permita, a cada instante, colocar os interesses globais acima dos interesses particulares (e, sobretudo, eleitoralistas) em cada Estado-Membro.

A falta de solidariedade, reflexo natural das debilidades do processo de integração política, comprova-se particularmente mediante a observação das frequentes “habilidades nacionais” em torno do cumprimento de certos objectivos (por exemplo, Loureiro, 1999, ilustra este fenómeno a propósito do cumprimento dos critérios de convergência de Maastricht), com a criatividade nacional a sobrepor-se ao que seriam os interesses comunitários. Tal parece indiciar que a lógica da construção sucessiva de laços de solidariedade não possibilitou ainda, mais de cinco décadas após o início do

---

<sup>78</sup> JUDT, 2007, p. 785

percurso, a ultrapassagem da lógica dos “interesses nacionais” pela lógica do “interesse europeu”, sobretudo em matérias particularmente sensíveis.<sup>79</sup>

## O caso Lazarinka e a política de integração da UE

Em meados de 2008, Lazarinka R.<sup>80</sup>, uma búlgara de 24 anos mudou-se para Stuttgart, na Alemanha, e arranhou um emprego sem registro como garçoneiro em um restaurante local. Após 18 meses, Lazarinka descobriu que estava grávida e seu então namorado a deixou. Perto do final da gravidez, ela foi demitida de seu trabalho e buscou ajuda na agência local de assistência social. Ao ser atendida, os funcionários lhe disseram que ela não tinha direito a nenhum tipo de benefício e a aconselharam a voltar para a Bulgária, de acordo com informações de reportagem de janeiro de 2013 publicada pelo portal *Spiegel*<sup>81</sup>.

Lazarinka, em vez disso, decidiu processar a cidade de Stuttgart. Sua alegação foi que a Bulgária, assim como a Romênia, entraram para a União Europeia no ano de 2007, e a constituição do bloco prevê que cidadãos de outros países europeus, quando em território estrangeiro e sem condições de se manter, recebam os mesmos benefícios que os locais. A corte alemã decidiu a favor de Lazarinka, determinando que cidadãos da Bulgária e da Romênia têm direito a receber benefícios quando na Alemanha, mesmo que não tenham um visto de trabalho válido<sup>82</sup>.

O caso ganhou notoriedade e tornou-se estopim para uma discussão de proporções maiores. O que estava em jogo no veredicto era se os cidadãos dos 27 países do bloco deveriam ter direito aos mesmos benefícios que os alemães residentes na Alemanha, e se a União Europeia era um acordo meramente econômico ou social.

Um tratado de 1953, a Convenção Europeia de Assistência Médica e Social, que conta com 18 signatários, entre eles a Alemanha, prevê o princípio de igualdade entre os

---

<sup>79</sup> Citação retirada da tese de doutorado **O Futuro da União Europeia: Organização Económica e Política no Contexto dos Desafios Pós-Euro**, 2008, p. 11. O trabalho está disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10799/2/Tese.pdf>>. Acessado em: 12/12/2012

<sup>80</sup> O nome completo de Lazarinka não foi divulgado pela imprensa alemã

<sup>81</sup> Reportagem de 30 de janeiro de 2013, disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/germany/german-court-to-rule-on-right-of-eu-nationals-to-german-social-welfare-a-880383.html>>. Acessado em: 01/03/2013

<sup>82</sup> Informações de reportagem do portal **EU Observer**, de janeiro de 2013, disponíveis em: <<http://euobserver.com/social/118899>>. Acessado em: 01/03/2013

respectivos nacionais perante a aplicação das legislações de assistência social e médica<sup>83</sup>. O governo alemão, porém, em dezembro de 2011, incluiu um adendo ao acordo advertindo que o acesso de estrangeiros ao *Hartz IV* era uma exceção à regra.

De acordo com o artigo 16, linha b, segunda frase, da Convenção, o Governo da República Federal da Alemanha não se compromete a conceder aos nacionais de outras Partes Contratantes, igualmente e sob as mesmas condições que aos seus próprios nacionais, o benefícios previstos no Livro II do Código Social - Suporte Renda Básica de Candidatos - na última versão aplicável.<sup>84</sup>

## Política interna

O sistema eleitoral alemão incentiva a formação de coalizões, evitando que um partido sozinho forme um governo. A configuração do parlamento federal, chamado de *Bundestag*, formada após as eleições de 2009, conta com seis bancadas de partidos representados: o Partido Social Democrata (SPD), a União Democrata Cristã (CDU; o partido de Angela Merkel), União Social Cristã (CSU), a Aliança 90/Os Verdes, o Partido Liberal Democrático (FDP) e A Esquerda.

Nas eleições parlamentares, os eleitores têm direito a dois votos. O primeiro, distrital, majoritário; e o voto de legenda, proporcional. O voto distrital elege candidatos que representam os 299 distritos eleitorais dos quais a Alemanha está dividida, sendo que cada distrito elege um deputado. Já o segundo, de legenda, define o tamanho de cada bancada no parlamento<sup>85</sup>.

Para que um partido obtenha uma bancada, necessita de no mínimo 5% dos votos válidos. Entretanto, se um deputado, seja ele de qualquer partido, for eleito diretamente pelo voto distrital, este terá direito a uma cadeira no parlamento. O número padrão de

---

<sup>83</sup> Texto da Convenção disponível em: <<http://www.gddc.pt/siii/docs/dec182-1977.pdf>>. Acessado em: 10/02/2012

<sup>84</sup> Anexo II, Convenção Europeia de Assistência Médica e Social; disponível em: <<http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/014-II.htm>>. Acessado em: 10/02/2013

<sup>85</sup> Informações retiradas de reportagem do portal **Deutsch Welle** de maio de 2011, e do *site Tatsachen über Deutschland*, mantido pelo governo federal, com informações sobre o país. Disponíveis em: <<http://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt/o-sistema-politico/main-content-04/o-parlamento-federal.html>> e <<http://www.dw.de/os-partidos-pol%C3%ADticos/a-900929>>. Acessados em: 10/01/2013

deputados é 598, mas pode aumentar em caso da vitória de eleitos por voto distrital. Nas eleições de 2009, por exemplo, o número de representantes ficou em 622.

Conforme a descrição do escritor Gerd Langguth em sua biografia de Angela Merkel (2007), a orientação dos principais partidos políticos da Alemanha consiste em:

#### 1/CDU - União Democrática Cristã da Alemanha

É um partido de centro-direita surgido em 1945, visando reunir os antes separados católicos e protestantes, tendo como referência a "concepção cristã do ser humano e sua responsabilidade perante Deus". Desconfiado de grandes programas, prefere lançar-se na luta por metas (como dizia Konrad Adenauer). A secularização e o individualismo enfraqueceram o partido, que, com Angela Merkel, se move em direção ao centro. Um grande número de chanceleres que teve a Alemanha depois da guerra são oriundos deste partido.

#### 2/CSU - União Social Cristã

é um partido regional, católico, conservador, fundado também em 1945. Afirmar as doutrinas sociais da Igreja: subsidiariedade, solidariedade, personalismo. Só atua na Baviera, onde a CDU não está organizada. Desde 1949, forma com a CDU uma bancada única no Parlamento Federal.

#### 3/SPD - Partido Social Democrata da Alemanha

Representa a social-democrata alemã, e é uma reconstituição do partido homônimo fundado em 1869, e identificado com o proletariado. Tem perdido grande parte de sua anterior influência, em vista das alterações sociais decorrentes da globalização.

#### 4/FDP - Partido Liberal Democrata

Criado em 1948, inspira-se na tradição liberal do Estado mínimo e de direitos humanos individuais.

#### 5/ Aliança 90/Os Verdes

Fundado em 1980, defende as questões ambientais, combate o uso da energia nuclear e prega a paz mundial.

#### 6/ A Esquerda

Fundado em 2007, é a fusão de agremiações esquerdistas, sendo uma delas o partido comunista da extinta Alemanha Oriental (SED). Tem tido grande

desenvolvimento agregando simpatizantes do SPD, acusando-o de mover-se à direita<sup>86</sup>.

Soma-se ainda à descrição do autor, o Partido dos Piratas (*Piratenpartei*), fundado em Setembro de 2006, cujo foco é a liberdade na internet e combate a regulações no meio digital. Associado a um movimento internacional, o partido ganhou notoriedade em 2009 ao eleger quatro parlamentares federais na Alemanha.

Há ainda outros partidos menores como Os Republicanos (REP) e o Partido Nacional Democrata da Alemanha, ambos de extrema direita e o Partido Marxista-Leninista (MLPD), de extrema esquerda. Outros nânicos defendem causas específicas como o partido feminista *Die Frauen* (As Mulheres), o Partido Protetor dos Animais e o partido da terceira idade *Graue Panther* (Panteras Cinzas)<sup>87</sup>.

**Tabela 4 – Composição do Bundestag**

	2009	2005
SPD	23%	34,20%
CDU	27,30%	27,80%
CSU	6,50%	7,40%
Partido Verde	10,70%	8,10%
Partido Liberal	14,60%	9,80%
A Esquerda	11,90%	8,70%
Outros partidos	6%	4%

Fonte: DW<sup>88</sup>

A coalizão do governo, desde 2009, é formada por três partidos: o CDU de Merkel, o CSU, da Baviera, e o liberal FDP. Posturas distintas em relação à questão social, porém, acabam por vezes gerando desconforto nesta aliança de centro-direita.

Em novembro de 2012, por exemplo, após oito horas de negociação entre os líderes da base, concordou-se em eliminar uma sobretaxa de saúde e introduzir benefícios extras para crianças, conforme informações de reportagem publicada pela *Reuters*<sup>89</sup>.

<sup>86</sup> LANGGUTH, Gerd. **Angela Merkel - Ascensão ao Poder**. 2007, p. 15-16

<sup>87</sup> Dados de reportagem do portal DW de maio de 2011, disponível em: <<http://www.dw.de/os-partidos-pol%C3%ADticos/a-900929>>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>88</sup> Idem.

O corte discutido por Merkel e sua coalizão consiste no pagamento de 10 euros por trimestre para visitas ao médico. Já o benefício para as crianças resultará em um projeto de apoio financeiro a pais que mantêm crianças pequenas em casa – originalmente um projeto do CSU, que se aprovado, entrará em vigor em agosto de 2013.

Membros do FDP e CDU criticaram a medida sob o argumento de que isto tiraria mulheres do mercado de trabalho, além do que, no caso de filhos de estrangeiros, poderia dificultar a integração. Este foi o motivo da demora nas negociações. Outra questão é que o FDP, como representante dos industriais alemães, teve que aceitar a impossibilidade de concretizar suas promessas de redução de impostos para empresas, dada a época de austeridade financeira.

O projeto dos benefícios para crianças também enfrenta oposição dos social-democratas do SPD, que argumentam que as medidas são de caráter puramente eleitoral – tendo em vista as eleições federais a serem realizadas em setembro de 2013.

O fato dos social-democratas, tradicionais defensores dos benefícios, estarem atacando um projeto de bem-estar social também tem a ver com ambições políticas próprias. O partido pretende lançar um candidato a chanceler – o ex-ministro das finanças Peer Steinbrück. Na pesquisa eleitoral divulgada em novembro de 2012 pelo jornal local *Bild am Sonntag*, os partidários de Merkel contavam com 38% contra 29% de intenções de voto ao SPD<sup>90</sup>.

“O governo atual tem sido muito tímido quando se trata de grandes corporações. Precisamos de mais regulação na Europa... Apoiamos os benefícios sociais. Olhamos para o bem-estar, e depois o sistema de benefícios”, disse Thorben Albrecht, chefe do departamento de política e estratégia do SPD, em uma entrevista por telefone realizada para este trabalho em agosto de 2012. Perguntado sobre o fato da *Agenda 2010* ter sido realizada durante o governo de Schröder, do SPD, Albrecht respondeu: “Pensamos que

---

<sup>89</sup> A reportagem foi publicada em 04 de novembro de 2012 sob o título *Merkel coalition agrees welfare changes as poll looms*, disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/11/05/us-germany-coalition-idUSBRE8A402Z20121105>>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>90</sup> A pesquisa eleitoral divulgada pelo *Bild am Sonntag* foi reproduzida em reportagem da **Reuters** de 04 de novembro de 2012: <<http://www.reuters.com/article/2012/11/05/us-germany-coalition-idUSBRE8A402Z20121105>>. Acessado em: 10/01/2013

em relação à Agenda 2010, em 90% foi um bom trabalho, que modernizou o sistema. Mas houve problemas no caminho que têm de ser corrigidos. Aceitamos algumas das críticas e fazemos (nosso papel de) oposição (ao governo atual).” O posicionamento do SPD é influenciado pelo fato de que o partido perdeu representatividade nas eleições de 2009. Enquanto nas eleições de 2005 o partido conseguiu 34,2% das cadeiras do parlamento, sua representatividade caiu 11,2 pontos percentuais, para 23% na votação seguinte.

# Capítulo 4

## Democracia em Estado de crise

Enquanto a crise do euro está aumentando o número de pobres na Europa, quem tem dinheiro em caixa aproveita para analisar oportunidades advindas dos tempos difíceis. O investidor americano Warren Buffet – bilionário do mundo financeiro que se orgulha de ter comprado sua primeira ação aos 11 anos –, declarou, em entrevista à televisão americana *CNN* em fevereiro de 2012 que está analisando oportunidades de investimento no mercado imobiliário americano. “Eu compraria umas duzentas mil casas se pudesse”, disse o investidor completando que se trata de um investimento melhor que ações. Seu conselho é comprar propriedades com financiamento de 30 anos e refinanciá-las caso os preços caiam<sup>91</sup>.

Buffet falou sem cerimônias do mesmo setor imobiliário que foi oficialmente epicentro das turbulências na economia americana. Outra revelação de Buffet é que ele colocou 1.4 bilhão de euros em oito investimentos na Europa, os quais ele se recusou a revelar. Seria este o conceito de ver oportunidades na crise?

Enquanto isso, no mesmo ano, o brasileiro Marcelo Caruso foi indiciado por fraude hipotecária por ter obtido cerca de R\$ 2 milhões em empréstimos para adquirir três imóveis na cidade de Tampa, na Flórida. Seu erro foi ter declarado que pretendia ocupar as três propriedades como moradia principal. Por isso, Caruso pode pegar até 20 anos de prisão. Outro dado que seria relevante para a análise de Buffet é que, durante o período de dificuldades na economia americana, pelo menos 1,5 milhão de americanos perderam suas casas e outros milhões ainda podem perder<sup>92</sup>.

Os chineses também querem aproveitar os tempos de crise na Europa. O ministro do comércio Chen Deming anunciou que mandaria uma delegação de empresários ao continente com o intuito de adquirir empresas. “Certos países europeus enfrentam a

---

<sup>91</sup> A entrevista de Warren Buffet na *CNN* está disponível no *link*: <<http://www.cnn.com/id/46538421/>>. Acessado em: 12/05/2012

<sup>92</sup> Dado retirado de reportagem publicada no jornal **USA Today** em 19 de julho de 2012. Disponível em: <<http://usatoday30.usatoday.com/money/economy/housing/story/2012-07-19/Foreclosure-older-Americans/56330168/1>>. Acessado em: 12/06/2012

crise da dívida e esperam poder transformar seus ativos em liquidez. Por isto vamos estimular mais empresas chinesas a adquirir companhias europeias”, disse o ministro Chen Deming, conforme informações do jornal *Global Times* em artigo novembro de 2011<sup>93</sup>.

A grande mídia, nacional e internacional, por sua vez, atua muitas vezes como porta-voz direto dos interesses do mercado financeiro. Além do conflito das relações mercadológicas básicas, que compõem a fonte de renda dos veículos de comunicação, contrapostas à liberdade editorial, há ainda outro fator, que se origina na necessidade do jornalista em transmitir notícias em tempo real. Pude perceber, em minha experiência como repórter de economia, que os agentes do mercado financeiro se mostram bastante acessíveis para falar com jornalistas. É possível conversar com um analista de uma grande corretora de ações ou com o economista-chefe de um banco em apenas dez minutos após ter explicado a pauta para o assessor de imprensa dessas instituições. O mesmo não acontece para contatos com empresários e diretores de indústrias, que estão diretamente ligados à produção de bens. Desse modo, pela pressa que o jornalista tem, não é raro que as matérias feitas no calor dos momentos transmitam diretamente os valores do mercado financeiro – já que estes são os entrevistados mais disponíveis.

A formação de grandes conglomerados de mídia, que gera a concentração de poder político e consenso de opiniões, para citar algumas das consequências mais graves, também impacta o enfoque da difusão de informações. O jornal francês *Le Figaro*, por exemplo, é controlado pelo Grupo *Dassault*, especializado na fabricação de aviões de guerra e helicópteros<sup>94</sup>. Serge Dassault, presidente do grupo, com uma fortuna estimada em US\$ 13 bilhões é senador na França e está em 69º lugar na lista da revista *Forbes*, que publica anualmente o *ranking* dos mais ricos do mundo, e em quarto lugar entre as maiores fortunas da França<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> A notícia foi publicada em português na editoria de economia do portal **Terra**. Disponível em: <[http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201111291027\\_AFP\\_80544064](http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201111291027_AFP_80544064)>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>94</sup> Informações de reportagem do portal **Carta Maior** de fevereiro de 2012. Disponível em: <[http://cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=21376](http://cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=21376)>. Acessado em: 10/11/2012

<sup>95</sup> O perfil de Serge Dassault está descrito na lista da *Forbes* de 2013 e pode ser acessado em: <<http://www.forbes.com/profile/serge-dassault/>>. Acessado em: 10/04/2013

Na Alemanha, há pelo menos 10 grandes corporações de mídia, sendo que as quatro maiores estão entre as 50 principais organizações midiáticas do mundo<sup>96</sup>. O grupo *Bertelsman* é o maior do país, com cerca de 600 empresas, incluindo o canal de televisão *RTL* e a editora *Random House*<sup>97</sup>. A corporação tem negócios em 50 países e seu faturamento totalizou US\$ 15,3 bilhões no ano de 2011<sup>98</sup>.

A segunda maior é a *ARD*, uma empresa pública que detém uma rede de canais de televisão e rádio<sup>99</sup>. Já a terceira maior, trata-se de outro grupo privado, a editora *Axel Springer*, com mais de 230 publicações entre jornais e revistas, com escritórios em 10 países e dona do jornal *Die Welt* e do tabloide *Bild*<sup>100</sup>.

*Weltbild*, outra corporação midiática entre as 10 maiores da Alemanha, com a maior rede de vendas de livros no país depois da *Amazon*, teve um faturamento de 1,59 bilhão de euros em 2012<sup>101</sup>. O acionista majoritário é a associação de dioceses alemãs, da Igreja Católica.

Multinacionais têm, na esmagadora maioria das vezes, interesses divergentes dos ideais da comunicação informativa. Executivos de empresa em geral estão mais interessados no lucro do que em fornecer informação de qualidade. A fabricação de consenso entre setores do poder pode dificultar a cobertura de fatos, em especial no jornalismo político e econômico. O jornalista e escritor brasileiro José Arbex Jr. abordou a questão em seu livro *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (2001).

Para as megacorporações da mídia, a defesa da ordem econômica globalizada ultrapassa a questão ideológica. Tornou-se uma medida de sobrevivência, já que apenas um sistema internacional que permitiu a desregulamentação e a

---

<sup>96</sup> Informações do *site* do Instituto Goethe: <<http://www.goethe.de/wis/med/dos/jou/jiw/en7613654.htm>>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>97</sup> Dados retirados do *site* da empresa: <<http://www.bertelsmann.com/Bertelsmann/Facts-%2526-Figures.html>>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> Mais informações sobre a *ARD* em: <<http://www.referenceforbusiness.com/history2/9/ARD.html>>. Acessado em: 13/02/2013

<sup>100</sup> Relatório das atividades internacionais da *Axel Springer* no ano de 2011 disponível em: <[http://www.axelspringer.de/dl/38631/Axel\\_Springer\\_International\\_Licensing.pdf](http://www.axelspringer.de/dl/38631/Axel_Springer_International_Licensing.pdf)>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>101</sup> Dados de reportagem do jornal britânico **The Independent** de novembro de 2011, disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/revealed-publisher-owned-by-the-catholic-church-sells-pornography-6257572.html>>; e da própria empresa: <<http://www.weltbild.com/company/about-us/>>. Acessados em: 10/12/2012

privatização dos veículos de comunicação na maior parte dos países pode garantir a própria existência das grandes corporações transnacionais.

É óbvio que a hegemonia do grande capital corporativo em geral, e americano em particular, tem sérias e profundas implicações sobre a seleção, distribuição e interpretação das notícias. Centros formadores de matrizes ideológicas liberais, as grandes corporações elaboram e disseminam discursos e interpretações que reforçam diariamente a ideologia segundo a qual cabe ao “mercado” a resolução dos problemas e demandas de toda ordem – públicas e privadas, individuais e coletivas. Esses discursos e essas interpretações exercem um profundo e amplo efeito de contaminação em todos os setores de produção cultural e ideológica.<sup>102</sup>

O escritor Noam Chomsky, em seu livro *Controle da Mídia* (2002), fala da ‘necessidade’ de manter o público assustado e ameaçado, como forma encontrada pelos donos de mídia para inibir questionamentos por parte da população e fazê-la concordar com medidas que não atendem seus interesses.

Temos que mantê-lo (o público) bastante assustado porque a menos que não esteja bastante intimidado com todo o tipo de ameaças, capazes de o destruir interna ou externamente, ele pode começar a pensar o que é muito perigoso, porque ele não tem discernimento para isso. Por isso é importante distraí-lo e marginalizá-lo.<sup>103</sup>

Uma breve análise da cobertura da crise do euro pela imprensa europeia e de outros diversos países notaria o tom de gravidade e o uso recorrente de palavras como ‘calote’, ‘perigo’, ‘contaminação econômica’, ‘aprofundamento da crise’, entre outros termos alarmistas<sup>104</sup>.

Além da imprensa, agentes do mercado financeiro também exercem influência considerável em governos. No caso da Europa, bilhões de euros foram injetados na salvação de bancos. Notícias que fazem as ações da bolsa subir ou descer pouco tem a ver com a produção. Qualquer comentário de bastidor de algum político europeu é capaz de causar um ‘otimismo’ ou ‘pessimismo’ nos ‘sentimentos’ do mercado. Tratado

---

<sup>102</sup> ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 100

<sup>103</sup> CHOMSKY, 2002, p. 25

<sup>104</sup> Em novembro de 2011, o então ministro grego das finanças Evangelos Venizelos disse que o país enfrentava um ‘perigo mortal’ referindo-se às dificuldades para acertar as finanças públicas; conforme informações de reportagem publicada no portal da revista **Época**, disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI281303-16367,00-GRECIA+ENFRENTA+PERIGO+MORTAL+DIZ+MINISTRO.html>>. Acessado em: 24/04/2013

como uma entidade animada e sensível, o ‘humor’ do mercado contamina as bolsas de todo o mundo, de Tóquio a Buenos Aires.

Outro artifício inteligentemente engendrado pelos mercados financeiros são as notas de investimento, concedidas por empresas como *Standard & Poor’s*, *Fitch e Moody’s*, para citar as maiores. Seu trabalho é basicamente fornecer notas para bancos, empresas e governos, que supostamente indicam aos investidores o quão seguro é investir em determinado ativo. Quanto mais baixa a nota, maior o risco. O problema é que além de não existir uma regulação específica, ou seja, não haver critérios que norteiem a atuação dessas empresas, a maioria das análises é encomendada pelos próprios agentes do mercado financeiro.

Para se ter uma ideia do poder dessas agências, no dia 5 de julho de 2011, uma semana após a União Europeia liberar uma parcela do pacote de ajuda à Grécia, Portugal virou o novo centro das atenções. O motivo: a agência *Moody’s* rebaixou a nota dos títulos da dívida do governo português em quatro níveis, para Ba2, considerado categoria *junk* (lixo). A mensagem com isso era de que Portugal havia se tornado desaconselhável para investidores. O anúncio teve efeito imediato e Portugal passou a pagar juros mais altos para rolar suas dívidas. O novo primeiro ministro português Pedro Passos Coelho classificou na época o anúncio como um “murro no estômago”<sup>105</sup>. O ministro das finanças alemão Wolfgang Schäuble reagiu, dizendo que era preciso “romper o oligopólio das agências de classificação e limitar sua influência”<sup>106</sup>. Mesmo criticadas por não terem previsto a crise em 2008, nada foi feito em termos de regulação da atividade desse tipo de empresa.

Portugal também conta com outro exemplo interessante de agentes que se beneficiam da crise. Com uma dívida pública acima de 190 bilhões de euros (117% do PIB), o país recebeu um pacote de ajuda da União Europeia de 61 bilhões de euros. Uma das condições, porém, era que o governo português privatizasse a companhia aérea estatal *TAP (Transportes Aéreos Portugueses)*. O grupo *Sinergy*, controlador da *Avianca*, foi o único candidato a participar do processo final de privatização – que no final acabou

---

<sup>105</sup> Informações do jornal português **Diário de Notícias** de 6 de julho de 2011, disponíveis em: <[http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content\\_id=1898907](http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=1898907)>. Acessado em: 10/12/2012

<sup>106</sup> Informações de reportagem da agência AFP reproduzida pelo portal **UOL** em 6 de julho de 2011, disponíveis em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/07/06/alemanha-quer-romper-com-o-oligopolio-de-agencias-de-classificacao.jhtm>>. Acessado em: 10/12/2012

sendo vetada pelo governo português e a venda foi adiada. O grupo, porém, controlado pelos empresários e irmãos José e German Efromovich, tem negócios, além da aviação, nos ramos de petróleo e gás, energia e construção. Para contornar a legislação europeia que proíbe que grupos de fora da região sejam controladores de companhias aéreas sediadas na Europa<sup>107</sup>, os irmãos utilizariam sua cidadania polonesa, já que pais e avós são nascidos no país.

### **Outras influências do mercado**

Garantir o ganho dos acionistas é a prioridade na maioria das grandes empresas. Isso pressiona por uma busca incessante de maximização dos lucros e cortes de custos. Esse aumento do poder dos acionistas, aliado ao fenômeno da globalização, trouxeram importantes mudanças na estrutura das organizações. Muitas fábricas foram transferidas para locais onde os trabalhadores custam menos, as leis trabalhistas são mais flexíveis e os gastos, mesmo com a logística mais complexa, são menores. Essa transnacionalidade se instalou rápida e especialmente entre empresas americanas e europeias. Não há limites para o que uma empresa pode se transformar. Organizações como a *Apple* ou a *Nike*, por exemplo, caminham para tornarem-se empresas de *royalties*, nas quais a única coisa que se vende de fato é uma ideia ou um *design* inovador. No caso da *Apple*, a matriz foca em desenvolver o conceito de seus produtos, como o *Ipad*, e deixa a manufatura a cargo de chinesas como a *Foxconn*, que tem uma filial no Brasil.

O que mantém essas marcas é a criação de desejos de consumo por suas tecnologias, ou simplesmente o *status* que os consumidores pensam adquirir ao usar determinada grife. Dirigir um legítimo *Audi* ou *BMW* de última geração nas lisas e retas estradas alemãs que não têm limite de velocidade, afinal, tem um forte apelo enquanto desejo de consumo.

Fica a pergunta do que irá acontecer quando as empresas contratadas para a fabricação de produtos absorverem as tecnologias que usam das matrizes para produzirem os mesmos produtos, com uma marca não tão famosa, mas a preços reduzidos, como já acontece. A precaução até agora é investir bilhões de dólares em propaganda, mídia e na

---

<sup>107</sup> Informações retiradas de reportagem da Agência Estado publicada no portal **IG** em 8 de dezembro de 2012. Disponíveis em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/2012-12-08/donos-da-avianca-fazem-oferta-pela-tap.html>>. Acessado em: 10/12/2012

criação de mitos, como se tornou o fundador da *Apple*, Steve Jobs. Pesquisar novas tecnologias e registrar patentes também é uma forma de assegurar, ao menos temporariamente, o domínio de uma empresa em determinado mercado.

Em relação à China, apesar da alta competitividade do modelo econômico, o Estado de bem-estar social do país asiático não inspira seguidores, e deverá ser em breve alvo de reformas, conforme informações publicadas em reportagem da revista *Exame*, em novembro de 2012.

Uma das principais transformações que Xi (Xi Jinping, escolhido como presidente da China para os próximos 10 anos) terá de comandar é o desenvolvimento de uma rede de proteção social. Ironicamente, poucas sociedades assimilaram tão bem o conceito de Estado mínimo quanto a China “comunista”- isto é, no aspecto de prestação de serviços públicos. O único serviço gratuito prestado à população pelo Estado é a educação básica (os 12 anos de ensino compulsório). E, mesmo assim, se o aluno tirar notas tão ruins, a ponto de não conseguir se classificar para uma escola de ensino médio, sua família terá de pagar pelo ano repetido. Universidade pública, como se conhece no Brasil, não existe. As universidades são, sim, do governo, mas todas são pagas. Nos hospitais públicos, se o paciente não tiver dinheiro, não é atendido. Mas o que acontece se ele estiver com uma doença grave? ‘Volta para casa e espera a morte’, diz uma médica, que pede para não ser identificada. Apesar de o governo ter começado a implantar um sistema de aposentadoria há cerca de 20 anos, os benefícios são baixíssimos e cobrem apenas parte da população. Qualquer aumento de renda entre os chineses mais pobres, se transforma em consumo de itens de primeira necessidade.<sup>108</sup>

E mais:

Entre as peculiaridades da China, uma das menos conhecidas, mas das mais importantes na estabilidade de um país com 1,3 bilhão de habitantes é o sistema *hukuo*. Todo chinês se registra junto às autoridades locais e recebe a classificação de trabalhador urbano ou rural. Isso permite ao governo ao governo controlar a migração para as cidades, mas gera duas ‘classes’ de cidadãos. Entre os trabalhadores da cidade, 40% têm direito à aposentadoria, ante 60% dos que são do campo. Mas a relação entre os valores é inversa: na

---

<sup>108</sup> Revista **Exame**, edição 1028, 14/11/2012, p.46

cidade o benefício é de 3 000 dólares anuais; e na área rural, 1 000... Mas por causa do *hukuo*, apenas uma parcela dos chineses conhece a prosperidade.<sup>109</sup>

Com a crise, a ideia da necessidade de cortes, especialmente de empregos, na Europa, fica ainda mais forte. Medidas que dificilmente seriam implantadas em tempos de bonança são tomadas rapidamente em reuniões de diretorias. A montadora *Ford*, por exemplo, anunciou em outubro de 2012 o corte de 6.200 postos de trabalho no continente europeu e o encerramento das atividades na fábrica de Genk, na Bélgica<sup>110</sup>. A francesa *Peugeot* anunciou 8 mil demissões em julho do mesmo ano<sup>111</sup>. Em dezembro o Banco *Santander* anunciou que fecharia 700 agências na Espanha<sup>112</sup>.

Da parte da classe média, em especial a espanhola, a situação se agravou de tal forma que há casos de famílias, que antes moravam de aluguel, e que passaram a invadir casas abandonadas no país, conforme publicado em uma reportagem da *Folha de S. Paulo*, de 15 de abril de 2013<sup>113</sup>. “Eu trabalho, mas as coisas não estão bem. Quando vim para cá, há oito anos, ganhava € 2.000 por mês (R\$ 5.200), mas agora não chego aos € 800 (R\$ 2.000)”, relatou em entrevista ao jornal o pintor Carlos Antônio Leite, de 33 anos, que está vivendo em um chalé de 200 metros quadrados que encontrou vazio no povoado de Valdemoro, a cerca de 30 quilômetros de Madrid.

Até antes da crise, os invasores de casas abandonadas eram em geral jovens anarquistas. Desde 2012, com o desemprego atingindo aproximadamente 6 milhões de pessoas, famílias passaram a ocupar também. Outro dado do artigo é que entre 2001 e 2011, a Espanha tornou-se líder na Europa em construção de habitações, com quase 5 milhões de casas construídas no período. Muitas delas sequer foram compradas e o Instituto Nacional de Estatística aponta que o país está com cerca de 3 milhões de imóveis vazios<sup>114</sup>.

---

<sup>109</sup> Revista **Exame**, edição 1028, p.47

<sup>110</sup> Informações de reportagem do portal **Motor Dream**, disponíveis em: <<http://motordream.uol.com.br/noticias/ver/2012/10/26/ford-anuncia-mais-demissoes-na-europa>>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>111</sup> Informações de reportagem do portal **Exame** de 25 de julho de 2012, disponíveis em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/peugeot-insiste-em-demissoes-apos-perder-us-800-mi-no-1o-semester/>>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>112</sup> Informações de reportagem do portal **G1** de 17 de dezembro de 2012, disponíveis em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/12/santander-fechara-700-agencias-na-espanha-apos-absorver-banesto.html>>. Acessado em: 10/04/2013

<sup>113</sup> Artigo disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1262707-classe-media-invade-chaes-na-espanha.shtml>>. Acessado em: 23/04/2013

<sup>114</sup> Idem.

Sob o mesmo pretexto de crise, a *Unilever* anunciou que reduzirá o tamanho das embalagens e dos produtos no mercado europeu para se adaptar à nova realidade de orçamento dos consumidores do continente, conforme disse o diretor europeu do grupo Jan Zijderveld, segundo informações do jornal *O Estado de S. Paulo* em agosto de 2012<sup>115</sup>: “Se um consumidor espanhol gasta agora em média apenas 17 euros em compras, não podemos vender sabão em pó que custa metade de seu orçamento”, disse Zijderveld.

A expansão, crescimento e busca por novos mercados e consumidores são palavras de ordem nas empresas. Nesse quesito, economias emergentes como a dos *BRIC* (sigla que se refere a Brasil, Rússia, China e Índia), com suas grandes populações que ainda não consomem tanto como os europeus e norte-americanos, se tornam grandes atrativos aos olhos dos países desenvolvidos. Os 200 milhões de brasileiros, incluída aí a classe C que ‘nunca na história do país’ comprou tanto, são vistos como potenciais consumidores de produtos. O governo, ao menos o brasileiro, de olho no chamado crescimento, promoveu medidas de estímulo ao consumo. Pouco se falou em contenção de endividamento.

Existe na lógica capitalista uma pressão enorme para que os números de uma economia sejam sempre mantidos positivos. Em geral, uma recessão é definida por dois trimestres consecutivos de queda no PIB<sup>116</sup>.

Em um mundo em que os recursos naturais estão dando provas de exaustão, com impacto direto no mercado de *commodities*, o não crescimento econômico deve se tornar cada vez mais comum nos próximos anos. Isso nos leva a pensar que, ou o conceito de recessão precisa ser redefinido, ou as notícias de crise, com todo o ‘pânico’ que causam nos mercados, serão cada vez mais comuns. “Não existe sustentabilidade se não houver retorno econômico”, disse o engenheiro Antonio Dechen, membro do Conselho Científico para Agricultura Sustentável e diretor da Fundação Agrisus em entrevista para a *newsletter* bimestral da empresa de biotecnologia *Monsanto*, em março

---

<sup>115</sup> Reportagem do jornal **O Estado de S. Paulo** disponível em: <[http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2012/10/26/desemprego-na-espanha-chega-pela-primeira-vez-a-25-da-populacao/?doing\\_wp\\_cron=1364107302.7243928909301757812500](http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2012/10/26/desemprego-na-espanha-chega-pela-primeira-vez-a-25-da-populacao/?doing_wp_cron=1364107302.7243928909301757812500)>, Acessado em: 10/04/2013

<sup>116</sup> Recessão é um termo adotado tecnicamente por economistas, conforme explicou Helena Pontual em artigo para o portal do Senado Federal, disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/entenda-o-assunto/recessao>>, Acessado em: 10/11/2012

de 2012<sup>117</sup>. Ou seja, as empresas também necessitam passar por uma mudança de posicionamento.

### **Decisões a portas fechadas**

A autora canadense Naomi Klein descreve, em sua obra *Doutrina do Choque* (2007), como momentos de crise (ou de choque) são aproveitados para que decisões impopulares sejam implantadas. Em um paralelo com as atrocidades que as práticas de psiquiatria já causaram em diversos seres humanos, em que era necessário desconstruir velhas patologias, deixando um branco na mente dos pacientes e deste modo abrindo espaço para o que seria chamado de cura, comunidades e até países inteiros também poderiam estar sujeitos a processos de reconstrução. Esse pensamento, na medicina, justificou experiências de terapias de choque elétrico, torturas, controle de mentes, e outras formas de tentativa de dominação e castração do comportamento humano, muitas vezes associadas e até financiadas por entidades de governos. Já na economia, o ‘Estado de choque’ das populações seria o momento ideal para a imposição de medidas de caráter neoliberal, em que um punhado de empresários e políticos lucra em cima de bens e conquistas públicas. O momento ideal para a aplicação de medidas impopulares são crises econômicas, grandes tragédias em que reconstruções se fazem necessárias e até revoluções. O economista Milton Friedman, de acordo com Klein, foi uma figura-chave em diversos processos desse tipo, que ocorreram ao redor do mundo.

Friedman aprendeu como explorar um choque de larga escala ou uma crise no meio dos anos 70, quando atuou como do ditador chileno, o general Augusto Pinochet. Não apenas os chilenos estavam em Estado de choque por conta do golpe (de governo) violento de Pinochet, o país também estava traumatizado por uma situação severa de hiperinflação. Friedman aconselhou Pinochet a impor medidas rápidas de transformação da economia – cortes de impostos, comércio livre, serviços privatizados, cortes no gasto público e desregulação. Eventualmente, os chilenos viram até suas escolas públicas substituídas por privadas financiadas com vouchers. Foi a tentativa de transformação capitalista mais extrema do que qualquer outro lugar e se tornou conhecida como a revolução da “Chicago School”, por conta do alto número de economistas de Pinochet haviam tido aula como Friedman na Universidade de Chicago. Friedman previu que a rapidez, surpresa e o tamanho das mudanças econômicas provocariam reações psicológicas no

---

<sup>117</sup> Entrevista disponível em: <<http://www.monsanto.com.br/monsantoemcampo/?p=1071>>. Acessado em: 10/01/2013

público que facilitariam os ajustes. Ele criou a expressão ‘tratamento de choque’ econômico para sua dolorosa tática. Nas décadas que seguiram, sempre que governos impuseram programas de livre mercado, o tratamento de choque em que as medidas são tomadas todas de uma vez, ou “doutrina do choque”, tem sido o método escolhido.”<sup>118</sup>

O livro foi terminado antes do início da crise nos Estados Unidos. Sua teoria, porém, parecia um prenúncio do que aconteceria nos países desenvolvidos. Uma série de decisões na política europeia foi tomada, sem nenhum tipo de consulta popular, devido ao ‘caráter de urgência’ que as situações exigiam. A Grécia estava à beira do colapso, segundo os jornais de todo o mundo, se não aceitasse as duras medidas impostas pela *Troika*, grupo formado por inspetores da Comissão Europeia, Banco Central Europeu (BCE) e Fundo Monetário Internacional (FMI). Não houve tempo para pensar. Equipes de estrangeiros chegaram com planos prontos de aumentos de impostos, privatizações e cortes de benefícios e só cabia ao governo local aceitar as condições, mesmo com greves gerais e protestos populares maciços.

A crise também justificou a aprovação do Tratado sobre Estabilidade, Coordenação e Governança para a União Econômica e Monetária (TECG) acompanhado do Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), a serem colocados em prática até 2013, novamente sem a consulta popular. Os tratados demandam que os orçamentos dos governos devem ser equilibrados. Um mecanismo automático de correção, que não será submetido a deliberações parlamentares, deve entrar em ação nos países da zona do euro quando a dívida de um Estado ultrapassar 60% do PIB. Em casos como a França, cuja dívida alcança 87% do PIB, significa que o país deve diminuir as diferenças, ao longo dos próximos anos, ao ritmo de um vigésimo ao ano, que representa 26 bilhões de euros anualmente<sup>119</sup>.

O historiador britânico Eric Hobsbawm, em sua obra *Globalização, Democracia e Terrorismo* (2007), teceu críticas à estrutura política da União Europeia.

Um organismo como a União Europeia pôde evoluir no rumo de uma estrutura poderosa e efetiva precisamente porque não tem um eleitorado maior do que o reduzido número (ainda que crescente) de Estados-membros.

---

<sup>118</sup> KLEIN, 2007, p.7

<sup>119</sup> Dados retirados de reportagem publicada na edição brasileira da revista **Le Monde Diplomatique**, em junho de 2012. O título da reportagem é: UE cada vez menos democrática, e menos social

Não fosse pelo seu “déficit democrático”, a União Europeia não iria para nenhum lugar, e não pode haver nenhum futuro para seu Parlamento porque não existe um “povo europeu”, e sim um conjunto de “povos membros”, dos quais menos da metade se deu ao trabalho de votar nas eleições parlamentares da União Europeia em 2004. A “Europa” é, hoje, uma entidade que funciona, mas, ao contrário dos Estados-membros, ela não goza de legitimidade popular e nem de autoridade eleitoral. Não surpreende assim que os problemas tenham surgido logo que a União Europeia foi além das negociações entre os governos e se tornou tema de campanha eleitoral nos Estados-membros. Por mais desejável que seja, a democracia não é um instrumento eficaz para resolver os problemas globais ou transnacionais.

O esforço de disseminar a democracia também é perigoso por um motivo mais indireto: dá às pessoas que não usufruem dessa forma de governo a ilusão de que ela realmente governa os que vivem sob sua vigência. Mas será verdade? Hoje sabemos algo a respeito da maneira pela qual foram tomadas as decisões de ir à guerra contra o Iraque em pelo menos dois países de inquestionáveis credenciais de boa-fé democrática: os Estados Unidos e o Reino Unido. Sem mencionar seu envolvimento com problemas complexos de ocultamentos e enganos, a democracia eleitoral e as assembleias participativas tiveram pouco a ver com esse processo. As decisões foram tomadas em privado por pequenos grupos de pessoas, de um modo que não é muito diferente do que teria ocorrido em países não-democráticos.<sup>120</sup>

Hobsbawm usou apenas o exemplo dos Estados Unidos e do Reino Unido. A falta de democracia em relação à decisão de ir ao Iraque, para citar um exemplo de medida que afeta o todo, mas é tomada por um pequeno grupo de pessoas, pode ser estendida a vários outros países que também participaram da ocupação, que contou com a presença de tropas australianas, espanholas e italianas<sup>121</sup>.

Mesmo nas invasões do Iraque e do Afeganistão, podemos ver ganhadores do setor privado. Funcionários da empresa de segurança americana *Blackwater*, para citar um dos casos, foram contratados para atuar como mercenários durante os conflitos, através de um contrato bilionário com o governo americano, conforme descreveu o jornalista americano Jeremy Scahill em seu livro sobre o tema.

---

<sup>120</sup> HOBBSAWM, 2007, p.119-120

<sup>121</sup> Lembrando que a invasão se deu mesmo após os inspetores da ONU afirmarem não terem encontrado nenhum tipo de arma de destruição em massa no Iraque.

Embora a guerra ao terror e a ocupação do Iraque tenham dado origem a inúmeras empresas, poucas tiveram uma ascensão tão meteórica quanto a Blackwater ao poder, ao lucro e à proeminência – talvez nenhuma outra. Em menos de uma década, a Blackwater saiu de um pântano na Carolina do Norte para se tornar uma espécie de Guarda Pretoriana da “guerra global ao terror” movida pela administração Bush. Hoje ela tem mais de 2,3 mil soldados particulares operando em nove países, inclusive dentro dos Estados Unidos. Mantém um banco de dados com 21 mil ex-agentes e soldados das Forças Especiais, além de policiais aposentados, que pode convocar a qualquer momento. A companhia tem também uma frota particular de mais de 20 aeronaves, incluindo-se aí helicópteros de combate e uma divisão de zepelins de reconhecimento.<sup>122</sup>

Além disso, vários países, como a própria Alemanha, no caso do Afeganistão, se declararam prontos a ajudar na reconstrução. Resta saber a que termos se dará esse processo, e quais empresas estarão envolvidas nas obras que serão erguidas nesses locais.

## **A resistência**

O advento da crise financeira que afeta as economias de todo o mundo despertou a reflexão por parte de diversos grupos. A reação mais proeminente, talvez, seja o fenômeno dos movimentos *Occupy*, que aconteceram em diversas cidades do planeta.

As ocupações em cena atualmente em Nova York, Londres, Glasgow e outros lugares são muito diferentes dos protestos do passado. São ações organizadas em tempos de crescente desemprego, em que o futuro parece sombrio. A maioria dos jovens – não obstante os protestos históricos dizendo o contrário – não conseguirá uma educação superior a menos que tire da manga imensas somas de dinheiro e logo, sem dúvida, será confrontada pela divisão do sistema de saúde em público e privado. A democracia capitalista de hoje pressupõe um acordo fundamental entre os principais partidos representados no Parlamento a fim de que suas contendas, limitadas por sua moderação, tornem-se totalmente insignificantes. Em outras palavras, os cidadãos já não podem determinar quem (e como) controla a riqueza de um país, uma riqueza criada em grande medida por eles próprios.<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> SCAHILL, Jeremy. **Blackwater: A ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo**. 2008, p. 64

<sup>123</sup> ALI, Tariq. 2012, p. 69

O movimento *Occupy* é um movimento de protesto internacional contra a desigualdade econômica e social. Seu objetivo é pressionar para que as relações de estrutura e poder sejam mais justas. Grandes corporações e o desproporcional controle e liberdade de atuação exercidos pelo mercado financeiro global, que beneficiam uma minoria, são seus principais alvos de ataque.

Surgiu dessa ideia o mote do 1% de uma elite associada à tomada de decisões e os 99% que são afetados por estas mesmas decisões. Um dos *slogans* do movimento *Occupy* é “Nós somos os 99%”. Parte do levante foi inspirado na Primavera Árabe, com os protestos da praça Tahir, no Cairo, capital do Egito, e nos indignados espanhóis, que promoveram uma série de demonstrações na Europa sob os motes “Democracia real agora” e “Juventude sem futuro”, contra os cortes na Espanha. Chama a atenção que esses grupos são altamente heterogêneos e dividem a mesma insatisfação em relação aos rumos da política global. Carlos Leo, engenheiro espanhol, que trabalha com pesquisa em uma universidade, vive no bairro de Malasaña, em Madrid, e participa dos protestos, me forneceu um relato de como sua vida se transformou desde o início da crise.

*Mi sueldo se ha visto varias veces recortados y la paga extra de Navidad se ha perdido. La cantidad de empresas que quieren invertir en investigación es muy escasa y la amenaza de expulsar personal de la universidad es real. No paro de repasar las cuentas de mi casa para tratar de gastar menos todos los meses. Al menos de momento mi trabajo continúa... La sensación de tristeza, desánimo o depresión es grande y generalizada. Yo tengo muchos amigos que están desempleados y la posibilidad de tener empleo en los próximos meses parece muy complicada.*

*En Malasaña, se siguen trabajando en proyectos pequeños para cambiar este sistema donde la banca y la especulación han sido tan beneficiadas. Estamos organizando un Mercado Social, grupos de Consumo, un banco de tiempo, señalar los comercios que están a favor de un cambio de sistema y la posibilidad de empleo de una moneda para este barrio.*

De acordo com especialistas que contribuíram com artigos para o livro *Occupy* (2012), o desafio dos protestantes é como criar um movimento que perdure e traga mudanças sociais significativas para esta e para as próximas gerações. O inimigo, chamado de a hegemonia, ou o poder dominante ou hegemônico, é astuto em incorporar as principais demandas dos que são contra seu sistema, e devolvê-las de forma suavizada, sem efeito

prático. Um exemplo disso é como as corporações adotaram rapidamente padrões de sustentabilidade. Fala-se tanto no assunto e promovem-se tantas ações que se tornou quase impossível saber o que é de fato uma medida sustentável e o que não passa de *Greenwash* – termo usado para definir ações de *marketing* para dar ao consumidor uma falsa impressão de que a empresa se preocupa com a sustentabilidade<sup>124</sup>. Em outras palavras, como descreveu Robert W. Cox em seu ensaio sobre a obra de Gramsci, “a hegemonia é como um travesseiro: absorve os golpes e, mais cedo ou mais tarde, o suposto assaltante vai achar confortável descansar sobre ele”<sup>125</sup>. É exatamente essa capacidade do poder hegemônico em absorver discursos anti-hegemônicos que tem sido a chave para sua manutenção no poder.

---

<sup>124</sup> Interessante lembrar que uma jornalista argentina especializada em mineração me disse certa vez que as propagandas da Vale pareciam comerciais de cereais matinais e não condiziam com a principal atividade da empresa, que é a extração de minério de ferro.

<sup>125</sup> COX, 1983, p. 121.

## Capítulo 5

### O bem-estar social x neoliberalismo

Um caso que beira o pitoresco, para não dizer trágico, comoveu a opinião pública grega e europeia em maio de 2012. Uma mulher que acabara de dar à luz no sul da Grécia recebeu uma conta de 1.200 euros após o parto. Ao dizer que não tinha meios para pagar, foi ameaçada de não conseguir levar seu bebê para casa. Eventualmente o hospital acabou cedendo e não cobrou nada da mãe<sup>126</sup>. Como centenas de milhares de pessoas na Grécia, a mulher em questão não está apta a receber tratamento médico grátis (exceto emergências) por não estar empregada nem contribuindo regularmente ao sistema de saúde nacional. No caso de desempregados, o atendimento depende de estar em dia com o pagamento de impostos. De acordo com reportagem publicada na *BBC*<sup>127</sup>, o governo grego cortou 13% dos gastos em saúde nos últimos dois anos e instruiu os hospitais a cortarem custos. Ao mesmo tempo, por conta de parte da classe média local que parou de pagar por seguros de saúde privados, a demanda por serviços públicos de saúde aumentou em 30%.

Nos meses seguintes, entre maio e outubro de 2012, um surto de malária, doença que era endêmica no país até a década de 70, época em que foi eliminada, voltou a aparecer na Grécia por conta da falta de investimentos na saúde. “Deixar um país europeu voltar a ter casos de malária é um sintoma muito grave da crise”, declarou o diretor de operações dos Médicos Sem Fronteiras, Apostolos Veizis, segundo reportagem publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em dezembro de 2012<sup>128</sup>.

Um levantamento produzido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontou que 2010 foi o primeiro ano desde 1975 em que governos europeus cortaram gastos na saúde. No ano de 2010 o corte foi de 0,6% de gastos por

---

<sup>126</sup> Reportagem do diário português **Jornal de Notícias**, publicada em 23 de maio de 2012: <[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=2542951&page=-1](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2542951&page=-1)>. Acessado em: 10/11/2012

<sup>127</sup> Reportagem publicada no portal da **BBC** em 22 de maio de 2012, sob o título “*Greek hospital tighten payment rules*”. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/magazine-18073793>>. Acessado em: 09/11/2012

<sup>128</sup> A reportagem publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, em dezembro de 2012, sob o título “Sem investimentos, malária volta a preocupar a Grécia”, pode ser lida no *link*: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,sem-investimentos-malaria-volta-a-preocupar-a-grecia-968361,0.htm>>. Acessado em: 10/01/2013

habitante e assim foi mantido em 2011 e 2012, de acordo com outra reportagem publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em dezembro de 2012<sup>129</sup>. A média dos países europeus para o gasto do PIB com a saúde é de 9%, sendo que há dois anos era de 9,2%. Apesar de Alemanha, França e Holanda continuarem com taxas acima de 11%, na Grécia o corte foi de 6,7% somente em 2010 – devendo subir para 10% em 2012, atingindo uma redução de 2,5 bilhões de euros no orçamento da saúde nos próximos cinco anos. Em vista da situação, médicos gregos decidiram atender idosos e pobres de graça, mesmo se estes não estiverem aptos a receber atendimento, de acordo com as regras do sistema.

Os números indicam, ao lado do aumento do desemprego e descontentamento popular com as medidas de redução de gastos, que a Europa vive um processo de desmonte do Estado de bem-estar social. Corrobora esse cenário a falta de coordenação entre os líderes da União Europeia, cujas decisões são muitas vezes associadas a interesses econômicos latentes de grandes grupos empresariais e financeiros.

Em teoria, o grau de desenvolvimento do Estado de bem-estar social em qualquer país passa necessariamente por um acordo social entre cidadãos, setor privado e governo. O resultado da interação entre essas três esferas, que têm interesses próprios e divergentes, será a intensidade em que os benefícios são aplicados em determinado local.

O estudioso alemão Claus Offe, em sua obra *Capitalismo Desorganizado*, se debruça sobre como a questão vem sendo tratada, em especial na Alemanha. Segundo ele, a partir do início dos anos 80, iniciou-se uma discussão, especialmente entre representantes da esquerda e da direita, sobre o quão estável e viável era a arquitetura do Estado de bem-estar social. Prevaleceu então a premissa de que a garantia civil coletiva do Estado estava se tornando um peso muito grande para a economia. Ou seja, a partir de uma interpretação de orientação neoconservadora, convencionou-se que o Estado de bem-estar social gera impostos excessivos. Essa visão, segundo Offe, é contrabalanceada pela esquerda democrática, formada por partidos e governos socialistas e social-democratas, sindicatos, entre outros atores.

---

<sup>129</sup> O título do artigo é “Pela primeira vez em 40 anos, Europa reduz orçamento da saúde”. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pela-1-vez-em-40-anos-europa-reduz-orcamento-da-saude,968511,0.htm>>. Acessado em: 10/10/2013

Em tons alarmistas, os neoliberais responsáveis pela política econômica demandam que a roda do Estado do bem-estar seja parada. Se isso fosse de fato realizado, os resultados seriam altamente ambíguos. Do ponto de vista econômico, o desmantelamento do Estado do bem-estar aboliria um amortecedor que funciona como um estabilizador da demanda. Do ponto de vista político, a abolição do Estado do bem-estar eliminaria um mecanismo que tem servido para garantir a paz e a estabilidade social na República Federal da Alemanha e em outros países. Seria uma experiência com um custo extremamente alto e cujos resultados seriam altamente incertos.<sup>130</sup>

Da parte dos neoconservadores, representantes da economia de mercado, foi levantada uma série de questões que ameaçam diretamente a permanência, ou ao menos a expansão do Estado de bem-estar social. Dentre os problemas apresentados, estão a possibilidade de aumento da demanda do Estado de bem-estar social; o risco do aparecimento de aproveitadores<sup>131</sup>; além de que, em teoria, os benefícios sociais infligem um dano não imediatamente econômico, mas moral (e aí, posteriormente econômico), por impactar a eficiência econômica e produtividade da sociedade.

Se por um lado, o Estado de bem-estar social bem implantado, compensa diferenças sociais, evita revoltas coletivas e traz aos ricos uma sensação de obrigação social cumprida, para os neoconservadores, gera inércias e conta com grandes dificuldades em relação a qualquer tipo de revisões básicas. Soma-se a isso que qualquer tipo de corte em benefícios tem um alto custo político.

Assim como prevaleceu a ideia dos neoconservadores em relação à política de manutenção do Estado de bem-estar social na Europa, predominou também a ideologia neoliberal de que os mercados se autorregulam por oferta e demanda, sem precisar de intervenção do Estado.

O economista Friedrich Hayek (1899-1992) foi um dos mais notáveis defensores da ideologia do livre mercado. Suas ideias exerceram grande influência entre os ativistas liberais e nos governos de Ronald Reagan (presidente dos EUA de 1981 a 1989) e Margaret Thatcher (primeira-ministra britânica de 1979 a 1990), em especial na forma de condução de seus governos, dotada de extrema austeridade fiscal.

---

<sup>130</sup> OFFE, 1989, p. 112

<sup>131</sup> Neoconservadores temem o surgimento de ‘acomodados’ no sistema de benefícios, ou seja, pessoas que mesmo em condições de trabalhar optam por receber auxílio do governo

A civilização espontaneamente caminha pelo livre mercado, sem discriminação e sem nenhum prévio planejamento regulamentado. O liberalismo é um produto de contingência. As desigualdades são casuais, fruto da atividade individual, que pode ser revertido ao longo do movimento capitalista. Para Hayek o papel do Estado deve ser o de proteger a ordem espontânea, não, ser o engenheiro social e viver apagando os incêndios da desigualdade social, deve-se não interferir e não permitir que outros interfiram. Admitindo-se a eleição de uma assembléia que tomaria conta dos impostos mínimos, se encarregaria da infra-estrutura básica e dos serviços sociais. Só não disse se esse arranjo ideal seria uma junta militar ou um governo de extrema direita bem protegido.<sup>132</sup>

O contexto para a ascensão do neoliberalismo, no caso americano, se deu no final da década de 60, quando o país se deparou com um problema de perda de competitividade aliado a uma tendência de aumento de gastos públicos, em grande parte por conta das despesas com armamentos em sua atuação na Guerra Fria, que trouxe ao país crescentes déficits em sua balança de pagamentos. A solução encontrada para que os EUA continuassem gastando foi aumentar sua liberdade para emitir moeda – um padrão que até então era associado às reservas em ouro de cada país. No ano de 1971 o então presidente Richard Nixon (mandato de 1969 a 1974) decretou unilateralmente o fim do padrão-ouro. Como consequência, nos anos seguintes, o dólar sofreu um processo de desvalorização cambial e houve grande aumento da inflação nos EUA, que chegou a 13,5% em 1980.

Na medida em que as taxas de juros americanas eram mantidas relativamente baixas para operar a desvalorização do dólar, desenvolveu-se uma enorme onda especulativa de commodities que, combinada com o acirramento dos conflitos distributivos e o questionamento da liderança americana, culminou nos choques do petróleo, levando a uma explosão inflacionária jamais vista em tempos de paz nos países centrais.<sup>133</sup>

Diante disso, o então presidente do *Federal Reserve* (FED), o banco central norte-americano, Paul Volcker, promoveu um grande aumento na taxa de juros, em uma

---

<sup>132</sup> WAINWRIGHT, 1998, *apud* CORREIA e MAGALHÃES FILHO no texto “A política neoliberal como redutora de possibilidades de criação de novos empreendimentos”; disponível em: <[http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/\[21\].pdf](http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/[21].pdf)>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>133</sup> BIASCO, 1979, *apud* “Do ouro imóvel ao dólar flexível”, do economista Franklin Serrano em revista **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2 (19), jul./dez. 2002, p. 237-253,.

tentativa de combate à inflação. Volcker havia sido nomeado pelo presidente Jimmy Carter (mandato de 1977 a 1981) no ano de 1979 e foi mantido por seu sucessor Ronald Reagan até 1987, quando foi substituído por Alan Greenspan. Durante sua atuação, a taxa básica de juros saiu de uma média mensal de 10,94% para um pico de 19,1% em junho de 1981, conforme informações de um perfil do economista publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>134</sup>.

Com influência das teorias monetaristas em voga na época, Volcker controlou a oferta de dinheiro, que foi a razão do salto dos juros. Mais tarde, admitiu que o monetarismo foi, no fundo, uma forma melhor de justificar a alta dos juros para combater a inflação. A estratégia deu certo e a inflação caiu para 3,2% em 1983. Mas Volcker ficou conhecido na América Latina como o responsável pela crise da dívida e pela "década perdida" dos anos 80. Como os contratos de dívida externa com juros flutuantes receberam o impacto da alta das taxas americanas, o serviço tornou-se elevado demais, levando um país latino-americano após o outro ao calote, a começar pelo México. O Brasil, é claro, foi um deles. Hoje, porém, há quase consenso de que a atuação decidida de Volcker foi fundamental para tirar os EUA e vários países ricos da "estagflação" (inflação e baixo crescimento), que caracterizou o final dos anos 70.<sup>135</sup>

Outras medidas promovidas sob a tutela do governo Reagan foram a redução de impostos aos mais ricos e a doutrina neoliberalista de pouca intervenção na economia, desregulação do mercado financeiro e redução de gastos públicos.

Já no Reino Unido, Margareth Thatcher, ao ascender ao poder em 1979, foi ainda mais intensa na aplicação de políticas neoliberais. As principais medidas foram contração de emissão de moeda, elevação da taxa de juros, redução dos impostos sobre altos rendimentos, abolição do controle do fluxo financeiro, corte de gastos sociais, somado a um amplo programa de privatização que atingiu a indústria do aço, do petróleo, gás, setor elétrico e fornecimento de água<sup>136</sup>.

---

<sup>134</sup> Reportagem do jornal **O Estado de S. Paulo** de 27 de novembro de 2008; disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,paul-volcker-e-simbolo-do-aperto-financeiro,284528,0.htm>>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Informações do artigo de Laerte Moreira dos Santos, professor do EFTSP. Texto disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/neoliberalismolaerte.html>>. Acessado em: 09/01/2013

O saldo foi uma taxa de desemprego sem precedentes. No ano de 1982, o número passou de 3 milhões de pessoas, o maior índice desde a década de 1930. O desemprego na Grã-Bretanha tornou-se o segundo maior da Europa, perdendo apenas para a Bélgica. Na Irlanda do Norte e algumas regiões da Escócia, os níveis da época chegaram a 20% e 15% de desempregados, respectivamente<sup>137</sup>.

Thatcher também foi marcada pelo conflito contra o sindicato dos mineiros de carvão, no ano de 1985. Os mineiros tinham considerável força política na Inglaterra, posto que na época cerca de 80% da energia elétrica era obtida por meio da queima de carvão mineral, além de ser largamente usado no aquecimento das casas. Soma-se a isso que os sindicatos, de orientação de esquerda, eram um empecilho para a estratégia de privatização da primeira-ministra. Em março de 1984 o governo declarou o fechamento da mina de Cortonwood, em Yorkshire e os mineiros entraram em greve. Para deter o preço do carvão, o governo aumentou as importações do produto, sobretudo da Polônia e dos Estados Unidos. Thatcher não recuou e a paralisação durou um ano inteiro. A situação se complicou para alguns operários, que após tanto tempo sem receber, passaram a viver de doações. Grande parte dos mineiros foi demitida e 20 minas, das 174 existentes no país foram fechadas. Cerca de 20 mil empregos se perderam com o conflito.

“Sinal de um tempo em que a União Soviética ruía econômica e politicamente e que em mais alguns anos desapareceria. Sinal da vitória do capitalismo e da economia liberal. Sinal de uma nova ordem mundial gestada pela própria Thatcher, com o auxílio do então presidente americano Ronald Reagan e, no campo das ideias, do papa João Paulo II”, disse o jornalista britânico Seumas Milne, autor do livro *The Enemy Within* (O Inimigo Interno, ainda sem tradução em português), em entrevista à revista *Aventuras na História*, em outubro de 2005<sup>138</sup>.

Para os neoliberais, a longa e profunda recessão entre 1969-1973 resultava no poder excessivo dos sindicatos e do movimento operário, proporcionando o aumento dos gastos/investimentos sociais do Estado e corroendo as bases da acumulação. Outro campo preterido pelos neoliberais para a redução da

---

<sup>137</sup> Informações de arquivo da **BBC**, de 26 de janeiro de 1982. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid\\_2506000/2506335.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid_2506000/2506335.stm)>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>138</sup> Artigo disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/greve-ferro-carvao-434346.shtml>>. Acessado em: 09/02/2013

intervenção estatal é o da regulação das relações de trabalho, pois o excesso de regulação impediria um maior crescimento econômico e a criação de novos empregos.<sup>139</sup>

Do ponto de vista econômico, durante a década de 1980, houve diminuição da inflação e aumento nos lucros das empresas em contrapartida à diminuição dos empregos e rebaixamento dos salários. A taxa de crescimento do PIB, porém, não foi muito alta nesse período. O motivo, segundo Santos (1995), foi que “a desregulamentação financeira proposta pelo neoliberalismo favoreceu mais a inversão especulativa do que a produtiva”<sup>140</sup>. Outro ponto levantado pelo autor é que o objetivo de diminuir o peso do Estado de bem-estar social nos países europeus falhou. Os gastos não diminuíram significativamente em razão do desemprego crescente e das pensões pagas aos aposentados, que apresentaram um aumento demográfico. Corroboram essa visão os economistas Paulo da Cruz Correia e Francisco de Magalhães Filho, autores do artigo “A política neoliberal como redutora das possibilidades de criação de novos empreendimentos” (2003):

Pode-se dizer que o grande capital revestido da bandeira neoliberal não nutre sonhos de retornar à idade de ouro (45/65). Mas para reforçar sua posição no Estado intervencionista, expurgando-o o mais possível da presença das classes trabalhadoras no seu interior e, portanto, facilitando seu aproveitamento como promotor da acumulação.<sup>141</sup>

No dia 17 de abril de 2013, aconteceu em Londres o cortejo fúnebre da ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher. O funeral com honras militares, que incluiu um desfile pelas ruas da capital inglesa, custou aos cofres públicos cerca de 10 milhões de libras. Aplausos e protestos fizeram parte da cerimônia de despedida da dama de ferro. “Esta mulher causou tanto sofrimento que é essencial vir aqui e demonstrar que nós ainda lembramos do que ela fez.”<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> ZIMMERMANN, Clovis Roberto; ALVES, João Carlos Lima. O Mito do declínio do *Welfare State*. **Emancipação**, v. 9, n. 2, 2009, p. 232, disponível em:

<[www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/.../832](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/.../832)>. Acessado em: 10/02/2013

<sup>140</sup> Artigo do professor Laerte Moreira dos Santos disponível em:

<<http://www.cefetsp.br/edu/eso/neoliberalismolaerte.html>>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>141</sup> CORREIA, Magalhães Filho, 2003, p. 310; disponível em:

<<http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/21.pdf>>. Acessado em: 10/01/2013

<sup>142</sup> Conforme informações de reportagem publicada pelo portal **Exame**, disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/londres-se-despede-de-thatcher-com-aplausos-e-protestos?page=1>>. Acessado em: 24/04/2013.

A liberdade econômica promovida pelas políticas neoliberais apresenta inúmeros reflexos na conjuntura atual. O maior beneficiário foi sem dúvida o setor privado. A alegação das empresas de que têm de buscar competitividade a qualquer custo está justificando corte de gastos, salários mais baixos e menos benefícios. Grande parte das medidas de austeridade da crise do euro foram tomadas ao calor dos momentos, sob o argumento de tranquilizar investidores. Ao mesmo tempo em que governos são pressionados pelo aumento de dívidas públicas e milhares de cidadãos europeus estão em dificuldades financeiras, diversas empresas hesitam em pagar impostos corretamente. Um levantamento da revista britânica *Economist* de 16 de fevereiro de 2013 estima que o dinheiro de mais de 2 milhões de empresas esteja depositado em bancos e fundos de paraísos fiscais.

Se um paraíso fiscal é definido como um local que tenta atrair fundos de não-residentes ao oferecer regulação suave, com baixa ou nenhuma taxa e anonimato, então o mundo tem de 50 a 60 lugares como esse. Eles servem de domicílio para mais de 2 milhões de empresas e milhares de bancos, fundos e seguradoras. Ninguém sabe ao certo quanto dinheiro está escondido: estimativas variam de muito abaixo a muito acima de US\$ 20 trilhões.<sup>143</sup>

## O ordoliberalismo alemão

A onda neoliberalista da década de 1980 também influenciou a Alemanha Ocidental, sob o governo do então chanceler do partido CDU Helmut Kohl (mandato de 1982 a 1998). A economia alemã, desde a segunda metade do século XX, está orientada sob o conceito de “*soziale Marktwirtschaft*” ou “economia social de mercado”. Apesar do termo ‘mercado’ associado a ‘social’ parecer contraditório, o objetivo é enfatizar com a palavra ‘social’ que os alemães desejavam uma economia que apoiasse não apenas os ricos, mas também os trabalhadores; e o termo ‘mercado’, se refere à busca por um modelo livre de intervenção ou dominação estatal após a experiência nazista. Em outras palavras, a tradição econômica alemã prevê que o papel do Estado deve ser o de assegurar que as regras sejam bem definidas.

---

<sup>143</sup> The missing \$20 trillion. Revista *Economist*, v. 406, n. 8823, 16-22 fev. 2013, p: 13. Em tradução livre para o português.

Com o tempo, o termo "social" na economia social de mercado começou a ter uma vida própria. Ele mudou a economia da Alemanha Ocidental em direção a um sistema de bem-estar social, que se tornou um dos mais caros do mundo. Além disso, o governo federal alemão (RDA) e os Estados começaram a compensar irregularidades dos ciclos econômicos e mudanças na produção mundial, começando por abrigar e apoiar alguns setores e indústrias... O governo tornou-se um instrumento para a preservação das indústrias existentes, em vez de promover a renovação. Na década de 1970, o Estado assumiu um papel cada vez mais importante na economia. Durante os anos 1980, o chanceler Helmut Kohl tentou reduzir o papel do Estado que, e ele conseguiu em parte, mas a unificação alemã novamente obrigou o governo alemão a assumir um papel mais forte na economia. Assim, a contradição entre os termos "social" e "mercado" continua a ser um elemento de debate na Alemanha.<sup>144</sup>

O economista alemão Walter Eucken (1891-1950) é considerado o principal idealizador desse conceito. É dele também o desenvolvimento da doutrina do ordoliberalismo, a variante alemã do neoliberalismo. O ordoliberalismo preza que o Estado deve prover a estrutura política para a liberdade econômica, em contraste com o *laissez-faire* do neoliberalismo. Assim, caberia ao governo o papel de defensor da propriedade privada, da segurança jurídica, estabilidade monetária, entre outros, com a função de estabelecer os limites da competitividade. Desse modo, para os ordoliberais, uma economia desse tipo é 'social' por natureza, pois proporciona liberdade e possibilidade de escolha para todos (sob a máxima: "prosperidade para todos através da competição"). A doutrina reconhece que o mercado sozinho não consegue resolver todos os problemas e que as instituições sociais devem assegurar que todos os membros da sociedade sejam providos com bens que permitam, ao menos, uma vida com dignidade, de acordo com informações do estudo *Ordoliberalism and Christian Social Doctrine* (Ordoliberalismo e Doutrina Cristã Social), de autoria de Lothar Funk, professor de economia da Universidade de Düsseldorf<sup>145</sup>, datado de novembro de 2012.

A economia social de mercado, segundo o professor Funk, permitiu uma redistribuição de recursos massiva ao longo da segunda metade do século XX, mas também gerou

---

<sup>144</sup> Arquivo *on-line* da biblioteca do Congresso dos EUA; disponível em: <<http://countrystudies.us/germany/136.htm>>. Acessado em: 17/01/2013. Em tradução livre para o português

<sup>145</sup> A apresentação referente ao estudo está disponível em: <[http://www.kas.de/upload/dokumente/2012/11/121204\\_Ordoliberalism\\_and\\_Christian\\_Social\\_Doctrine.pdf](http://www.kas.de/upload/dokumente/2012/11/121204_Ordoliberalism_and_Christian_Social_Doctrine.pdf)>. Acessado em: 17/02/2013

ineficiências. Segundo o autor, o maior problema foi que a ligação entre desempenho pessoal e desempenho econômico da economia foi largamente negligenciada. Dentre os exemplos de ineficiências, estatísticas oficiais apontam que no ano de 2011, cerca de uma em cada cinco pessoas na Alemanha (19,9%) – o que corresponde a cerca de 16 milhões de pessoas –, foi afetada pela pobreza ou exclusão social, em comparação a 19,7% em 2010<sup>146</sup>.

### **A influência da ideologia neoliberal**

A competitividade intensificou-se nos últimos anos palavra de ordem no mercado de trabalho. Há uma grande pressão, em especial sob os jovens, para que se aprenda uma série de habilidades que, em teoria, serão úteis no mundo corporativo como liderança, planejamento estratégico, negociações de sucesso entre outras. As referências tornaram-se os empresários e industriais de sucesso, em especial os que construíram fortuna a partir do nada. Ao passar estas lições, ensina-se que o ambiente em que se nasce pouco importa, desde que a vontade pessoal de vencer (ou um golpe de sorte) predomine sobre qualquer tipo de adversidade. Pouca se ensina de coletividade e vida em sociedade. Este fenômeno é discutido no livro *Da Tragédia à Farsa* (2009), do filósofo esloveno Slavoj Žizek.

No novo capitalismo global contemporâneo, a naturalização ideológica alcançou um nível sem precedentes: são raros os que se atrevem sequer a sonhar sonhos utópicos de alternativas possíveis. Um atrás do outro, os poucos regimes comunistas sobreviventes estão a reinventar-se como protetores autoritários de um novo ‘capitalismo com valores asiáticos’, ainda mais dinâmico e eficaz. Longe de demonstrar que a época das utopias ideológicas ficou para trás, esta hegemonia incontestada do capitalismo é sustentada pelo núcleo propriamente utópico da ideologia capitalista.<sup>147</sup>

Este fenômeno, cujas raízes se voltam para o modo de vida norte-americano, acentuou-se e atingiu níveis históricos com o fim da Guerra Fria. A ausência do contrapeso da ideologia comunista (em especial após a dissolução da União Soviética) levou a uma exacerbação dos ideais do capitalismo e do neoliberalismo. O trunfo do capitalismo,

---

<sup>146</sup> Dado da agência Destatis, disponível em:  
<[https://www.destatis.de/EN/PressServices/Press/pr/2012/10/PE12\\_369\\_634.html](https://www.destatis.de/EN/PressServices/Press/pr/2012/10/PE12_369_634.html)>. Acessado em:  
31/01/2013

<sup>147</sup> ŽIZEK, 2009, p.92

porém, foi, e ainda é, apresentar-se como não ideologia. Grande parte do mundo está inserida em uma lógica mercadológica capitalista que impacta diretamente a vida das comunidades, mas há pouco esclarecimento ideológico em relação ao funcionamento da sociedade. Em teoria, somos livres para pensarmos e fazermos o que quisermos, mas na prática, estamos inseridos em um sistema em que o dinheiro é necessário para suprir qualquer necessidade básica.

### **A ideologia do bem-estar**

A permanência do Estado de bem-estar tem muito a ver com a ideia de nação e coletividade de determinado país. São os cidadãos que devem decidir a garantia ou não de benefícios a seus pares. Trata-se de uma questão que, se perder de vista sua essência, corre o risco de classificar os receptores de benefícios como pobres indignos e aliviar os ricos, que pagam mais impostos, de suas obrigações morais. A existência de benefícios se justifica no desejo coletivo por uma sociedade mais justa e igualitária, além da permanência de uma relativa paz social.

É preciso que os ricos acreditem no sistema para que possam continuar com sua manutenção. Existe na Alemanha uma iniciativa chamada *Appel für eine Vermögensabgabe* (Apelo pelo dever da fortuna, em português), formada por ricos (pessoas cujo patrimônio excede 500 mil euros) que são favoráveis a pagar mais impostos. Enquanto estive em Berlim, me encontrei com um dos idealizadores do projeto, o psiquiatra alemão Dieter Lehmkuhl. Para seu grupo, a saída para a crise tem de passar por investimentos futuros pesados na ecologia e no social. Também conversamos sobre a questão da energia nuclear, já que se tratava da época em que a chanceler Angela Merkel havia anunciado a extensão da vida das usinas nucleares. Dieter acredita que, em uma vida em sociedade, quanto menores os níveis de diferença social, maior a qualidade de vida para todos.

Essa visão é complementada pela teoria de Richard Wilkinson e Kate Pickett publicada no livro *The Spirit Level – Why Equality is Better for Everyone* (Nível elevado: Por que igualdade é melhor para todos, em uma tradução livre). Os autores realizaram uma extensa pesquisa em países desenvolvidos e apontam que sociedades mais igualitárias são em geral mais felizes e apresentam menores índices de doenças e criminalidade – tanto entre pobres como entre ricos. Por meio de comparações estatísticas, mostraram

que índices de dependentes químicos, obesidade, violência, gravidez na adolescência e doenças mentais, entre outros, são menores em sociedades cuja disparidade de renda é menor. Outra questão levantada pelo livro é que a desigualdade afeta a confiança mútua e aumenta a busca por *status* e os níveis de estresse em geral.

Tendo chegado ao limite do que um padrão de vida material elevado pode nos oferecer, somos a primeira geração a ter encontrado outros meios de melhorar a qualidade de vida real. A evidência mostra que reduzindo a desigualdade é o melhor meio de aprimorar a qualidade do ambiente social, e a real qualidade de vida para todos nós.<sup>148</sup>

---

<sup>148</sup> WILKINSON, Pickett, 2010, p.29 – Tradução livre do trecho

## Conclusão

Na noite de 9 de novembro de 1989, os alemães saíram às ruas para comemorar a queda do Muro de Berlim. A derrubada parcial daquela construção, o maior símbolo da Guerra Fria, realizada pelo próprio povo, com suas próprias picaretas e machados, representava o fim de um ciclo. Alguns pedaços foram mantidos para que a história da divisão fosse lembrada, sendo que o maior trecho intacto foi o que posteriormente se transformou na *East Side Gallery*: uma extensão de 1,3 quilômetro do muro original a qual cerca de 106 artistas de diferentes nacionalidades cobriram com pinturas, fazendo do local a maior galeria a céu aberto do mundo. Em março de 2013, porém, o marco foi novamente atacado – dessa vez por motivos bem menos nobres. Cerca de cinco metros do muro foram retirados para criar uma rota de acesso e assim facilitar a construção de um condomínio de luxo próximo ao local. Os responsáveis pelo projeto, cuja ideia original era retirar 22 metros do muro, alegam que têm planos de recolocar as partes removidas em outro lugar, conforme informações de reportagem do portal *Deutsch Welle*<sup>149</sup>. No ato da retirada, 250 policiais escoltavam os operários para evitar que protestos interrompessem a obra.

A ação ofensiva sobre o muro é um pequeno símbolo de outro ciclo, vivenciado pela Europa neste começo de século XXI: o predomínio do capital sobre a vontade popular. Soma-se a isso um cenário de queda do PIB em diversos países europeus, desemprego crescente, alto endividamento público, escassez de crédito e uma grande crise de confiança internacional. A época de ouro do Estado de bem-estar social iniciada logo após a Segunda Guerra, acabou nos anos 1980. O começo da década de 2010, porém, está sendo marcado por uma revisão mais profunda do tipo de benefícios que os governos europeus pretendem prover a seus cidadãos em nome do ajuste orçamentário e aumento da competitividade do setor privado. O estudioso alemão Claus Offe comentou a questão.

Fica claro que se nas economias capitalistas industrializadas as propostas neoliberais têm como um de seus objetivos a recomposição das perdas

---

<sup>149</sup> Reportagem da DW de 27 de março de 2013, disponível em: <<http://www.dw.de/apesar-de-protestos-trecho-do-muro-de-berlim-%C3%A9-removido/a-16703089>>. Acessado em: 17/04/2013

sofridas pelo capital no conflito distributivo, e o enfraquecimento do Estado do bem-estar leva não só a isso, como à perspectiva de ganhar ainda mais.<sup>150</sup>

Nesse contexto, em que a economia tornou-se o principal medidor de bem-estar de um país (e em que as diferenças sociais contam cada vez menos), não é surpresa que a Alemanha tenha se tornado o principal ator político do bloco europeu. A questão é que tipo de liderança o país está exercendo na União Europeia. Um artigo do historiador Perry Anderson para a revista *Le Monde Diplomatique*, de dezembro de 2012, intitulado “A Europa diante da hegemonia alemã”, teceu críticas à política atual:

Quando a crise do euro irrompe no cenário europeu, a coesão da zona do euro não se dá por medidas sociais capazes de conter as populações mais afetadas, e sim pela dominação política do membro mais influente porque está em melhores condições financeiras. É dessa forma que a Alemanha, à frente de uma coalizão de Estados nórdicos, impões aos países do Sul – a seu bel-prazer – programas de austeridade draconianos, impensáveis para seus próprios cidadãos, mas cómodos na medida em que não permitem a esses países recorrer à desvalorização de suas moedas e tornar suas exportações mais competitivas.

Submetidos a uma pressão esmagadora, os governos desses ‘pequenos’ Estados, caem como pinos de boliche. Na Irlanda, Polônia e Espanha, as maiorias parlamentares em exercício no início da crise foram derrotadas nas urnas – com a ironia de que os sucessores se mostraram ainda mais austeros com suas respectivas populações.<sup>151</sup>

A chanceler Angela Merkel tem provavelmente o acesso mais direto, em comparação a seus colegas chefes de Estado, ao presidente do Conselho Europeu Herman Van Rompuy, particularmente no que se refere ao debate sobre a reforma de governança na zona do euro<sup>152</sup>. O país também garante cerca de 27% do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (ESFS)<sup>153</sup>, o que equivale a cerca de 211 bilhões de euros, criado com o intuito de prover assistência financeira a países em dificuldades<sup>154</sup>. Esses

---

<sup>150</sup> OFFE, 1989, p. 120

<sup>151</sup> ANDERSON, Perry. A Europa diante da hegemonia alemã. *Le Monde Diplomatique*, ano 6, n. 65, p. 19.

<sup>152</sup> Informação retirada do texto de SCHWARZER, Daniela. *Germany: Between Europe and World* (World Politics Review Features). Kindle Edition: 2012, exemplar de amostragem, p. 37

<sup>153</sup> O EFSF foi criado em maio de 2010 como mecanismo de 'resgate' em caráter temporário. Em outubro de 2010 o Mecanismo Europeu de Estabilidade (ESM) substituiu o EFSF em caráter permanente e entrou em vigor em 8 de outubro de 2012, de acordo com informações do *site* europeu sobre o fundo: <<http://www.efsf.europa.eu/about/index.htm>>. Acessado em: 17/04/2013

<sup>154</sup> APUD Schwarzer, Kindle Edition: 2012, exemplar de amostragem, p. 37

‘socorros’ aos endividados, são na verdade empréstimos que terão que, ao menos em teoria, ser pagos um dia. O sociólogo Ulrich Beck discursou sobre o tema em seu livro *A Europa Alemã - De Maquiavel a ‘Merkievel’: Estratégias de poder na crise do euro* (2013).

Não se deve esquecer que, ainda que de maneira involuntária, a Alemanha transformou-se na potência que lidera a Europa em crise. [18] Como explica ULRICH BECK, “o novo poder alemão na Europa não se baseia, como no passado, na violência enquanto última ratio. Ele não necessita de quaisquer armas para impor a outros Estados a sua própria vontade. Por isso, o discurso sobre o ‘IV Reich’ é absurdo. É também por esta razão que o poder baseado na economia é muito mais móvel: não precisa entrar a marchar, sendo, contudo, onipresente. O potencial de chantagem de que dispõe não provém da lógica da guerra, mas sim da lógica do risco, mais precisamente: do colapso econômico iminente. A estratégia de recusa – não fazer algo, não investir, não disponibilizar créditos e dinheiro – este ‘não’ de utilização múltipla constitui a alavanca central da potência econômica chamada Alemanha na Europa do risco financeiro.”<sup>155</sup>

Note-se que nenhum dos empréstimos aos países endividados veio acompanhado de soluções para o crescimento interno. As medidas de contrapartida, em sua maioria, exigiam austeridade fiscal, corte de custos e privatizações, aumentando o grau de dificuldade para que economias menores reencontrem crescimento econômico. Em outras palavras, a liderança da Alemanha na zona do euro está baseada no fato do país ter sido o que mais disponibilizou recursos para socorro financeiro dos países com altas dívidas públicas.

Assim, longe de se considerar o que é melhor para as populações, quem ganha com boas oportunidades de negócio são grupos empresariais – em sua maioria, estrangeiros de outros países europeus, dos EUA e asiáticos. Nas populações afetadas, mais uma vez, em especial Grécia e Portugal, será cada vez mais comum pagar por serviços que antes eram grátis. Outro ponto relevante, é que os cortes não foram pensados por governos locais, mas sim impostos pela *Troika* – o grupo de inspetores do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Central Europeu (BCE) e Comissão Europeia.

Ao aderir ao euro, os membros perderam a capacidade de fazer políticas econômicas que beneficiassem seu próprio povo. Esse poder foi entregue ao Banco Central Europeu.

---

<sup>155</sup> BECK, A Europa alemã, p. 73

O euro, por sua vez, foi criado para ser uma moeda forte, baseado no que era o marco alemão. O resultado foi o aumento do custo de vida na Europa em geral, seguido de aumento de gastos públicos regionais.

A raiz do problema da crise do euro não está nos gastos com o social, mas sim na impossibilidade de se manter uma moeda cara em países cuja estrutura da economia não a comporta. E assim, grosso modo, os gregos não conseguem desenvolver sua economia e os alemães sofrem com o aumento da desigualdade.

Há os fatores do envelhecimento das populações europeias, aumento do tempo de vida e casais que decidem ter menos filhos, que naturalmente ameaçam a manutenção do Estado de bem-estar social. A questão é que, se isso fosse de fato a raiz do problema, reformas e cortes seriam realizados de forma planejada. Não foi o que aconteceu, especialmente no caso da Grécia.

A simples existência de benefícios em países endividados, tornou-se alvo de ataques. O pacote de medidas imposto à Grécia foi tão duro e feito tão às pressas, que não houve tempo para se analisar as consequências futuras. Tudo foi feito em nome dos credores da dívida e os aportes financeiros, em grande parte, foram para capitalizar os bancos locais.

Já da parte da Alemanha, a desigualdade social está aumentando posto que qualquer corte nos benefícios afeta justamente quem mais precisa. Ao pressionar para que o indivíduo reaja a situações adversas, impõe-se um contrassenso ao cerne de qualquer sistema de Estado de bem-estar social, que é a melhora da coletividade. Se em sua origem a concessão de benefícios sociais está na praticidade em se evitar conflitos por parte das massas, uma análise das sociedades ocidentais em geral apontaria a despolitização (ou ao menos a queda pelo interesse em política de maneira geral), como terreno ideal para o desmantelamento do Estado de bem-estar social. Contribui ainda o fato da maioria das pessoas viver em cidades, portanto afastadas da realidade dos meios de produção. Marx e Engels, em “A Ideologia Alemã” (1846), já haviam alertado que “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante”<sup>156</sup>. Será essa a explicação para que a abordagem neoliberal tenha

---

<sup>156</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, p. 184

sido predominante tanto em relação à manutenção de políticas de bem-estar social quanto nas medidas tomadas por conta da crise do euro?

# Referências

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ALVES, João Carlos Lima; ZIMMERMANN, Clóvis Roberto. **O mito do declínio do Welfare State**. Ponta Grossa: UEPG, 2008.

ALVES, Rui Henrique Ribeiro Rodrigues. **O Futuro da União Europeia: Organização Económica e Política no Contexto dos Desafios Pós-Euro**. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 2008.

ALY, Götz. **Hitler's Beneficiaries: plunder, racial war and the nazi welfare state**. Nova York: Metropolitan Books, 2008.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAGUS, Philipp. **A tragédia do euro**. Campinas: Vide Editorial, 2012.

BALL, Stephen J. **Performatividade, Privatização e o Pós-Estado do Bem-estar**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2004.

BECK, Ulrich. **A Europa Alemã - De Maquiavel a Merkievel. Estratégias de Poder na Crise do Euro**. Lisboa: Almedina, 2013.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BERG-WEGER, Marla. **Social Work and Social Welfare: An Invitation**. Oxford: Routledge, 2010.

BESSEL, Richard. **Alemanha, 1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHADE, Jamil. **O mundo não é plano: a tragédia silenciosa de 1 bilhão de famintos**. São Paulo: Saraiva, 2009.

CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia: os espetaculares efeitos da propaganda**. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

CLOWARD, Richard; PIVEN, Frances Fox. **Regulating the poor: the functions of public welfare**. Nova York: Vintage, 1993.

CORREIA, Paulo da Cruz e MAGALHÃES FILHO, Francisco B. de. **A política neoliberal como redutora das possibilidades de criação de novos empreendimentos**. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3., 2003, Brasília. Anais... Brasília: EM/UEL/UnB, 2003.

COX, Robert W. Gramsci. **Hegemonia e relações internacionais: Um ensaio sobre o método** In: Gill, Stephen (org) Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1983.

CRAMME, Olaf; DIAMOND, Patrick. **After the Third Way: The future of social democracy in Europe**. Londres: I. B. Tauris, 2012.

FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano**. São Paulo: Objetiva, 2005.

FUNK, Lothar. **Ordoliberalism and christian social doctrine**. Dusseldorf: Fachhochschule Düsseldorf, 2012.

GINGRICH, Jane R. **Making markets in the welfare state: the politics of varying market reforms**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e *welfare state*: Estado e desenvolvimento social no Brasil. **Rev. Adm. Pública** [online]. 2006, vol.40, n.2 [cited 2013-03-11], pp. 201-234.

GUÉROT, Ulrike; LEAMAN Jeremy; SCHWARZER, Daniela. **Germany: between Europe and world (world politics review features)**. Kindle Edition, 2012.

HÄUSERMANN, Slija. **The politics of welfare state reform in continental Europe: modernization in hard times**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HARVEY, David...et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012

HESSE, Nils Christian. **Public opinion and retrenchment of Germany's welfare state**. Munique: Grin Verlag, 2008.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUBER, Evelyne; STEPHENS, John D. **Development and crisis of the welfare state: parties and policies in global markets**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

IRELAND, Patrick. **Becoming Europe: immigration integration and the welfare state**. Pittsburgo: University of Pittsburg Press, 2004.

JUDT, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

JUDT, Tony. **Reflexões sobre um século esquecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KATO, Junko. **Regressive taxation and the welfare state: path dependence and policy diffusion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KING, Desmond. O Estado e as estruturas sociais de bem-estar em democracias. **Industriais Avançadas** (em Novos Estudos, n.22). São Paulo: CEBRAP, 1988.

- KLEIN, Naomi. **The shock doctrine**. Londres: Penguin Books, 2007.
- LANGGUTH, Gerd. **Angela Merkel: ascensão ao poder**. São Paulo: Editora Erfurt, 2009.
- LEAMAN, Jeremy. **The political economy of Germany under chancellors Kohl and Schroder: decline of the German model? (Monographs in German History)**. Oxford: Berghahn Books, 2009.
- LIERSE, Hanna; HEISE Arne. **The effects of European austerity programmes on social security systems**. Hamburgo: Friedrich-Ebert-Stiftung International Policy Analysis, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, 1846.
- MEDICI, André Cezar. **Welfare State no Brasil**. São Paulo: Arquivo online da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo. Disponível em:  
<<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/Contecsi2004/BrasilEmFoco/port/polsoc/saude/welfare/index.htm>>
- MEYER-TIMPE, Ulrike. **Unsere armen Kinder: Wie Deutschland seine Zukunft verspielt**. Munique: Pantheon Verlag, 2009.
- MILLS, Clifford W. **Angela Merkel (Modern World Leaders)**. Nova York: Chelsea House Publishers, 2007.
- MOZZICAFREDO, Juan Pedro. **O Estado-providência em transição**. Lisboa: Fragmentos, 1993.
- OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- OFFE, Claus. **Modernity and the state: east, west**. Berlim: Cambridge Press, 1996.
- PEREIRA, Edvaldo. **Que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PERRAUDIN, Michael. **German colonialism and national identity**. Oxford: Routledge, 2010.
- RIVER, Charles (editors). **Current events: the European Union and the eurozone crisis**. Kindle Edition: 2011.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.
- SCAHILL, Jeremy. **Blackwater: A ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- SCHMIDT, Manfred; RITTER, Gerhard. **The rise and fall of a socialist welfare: The German Democratic Republic (1949-1990)**. Nova York: Springer, 2012.

SERRANO, Franklin. **Do ouro imóvel ao dólar flexível.** (texto livro Economia e Sociedade) Campinas: Unicamp, 2002.

SHAPIRO, Daniel. **Is the welfare state justified?** Morgantown: Cambridge University Press, 2007.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Teorias Explicativas sobre a Emergência e o Desenvolvimento do Welfare State. **Revista Política & Trabalho**, n. 15, São Luiz, set. 1999.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. **A transposição de teorias sobre a institucionalização do welfare state para o caso de países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

SPENCE, Michael. **Os desafios do futuro da economia: O crescimento mundial nos países emergentes e desenvolvidos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SVALLFORS, Stefan. **Contested welfare states: welfare attitudes in Europe and beyond (studies in social inequality).** Stanford: Stanford University Press, 2012.

TAYLOR-GOOBY, Peter. **End of the welfare state?** Oxford: Routledge, 2012.

WALLRAF, Günter. **Cabeça de Turco: Uma viagem nos porões da sociedade alemã.** Rio de Janeiro: Globo, 1988

WILKINSON, Richard; PICKETT, Kate. **The spirit level.** Londres: Penguin Books, 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Da tragédia à farsa.** Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

## **Internet:**

### **Introdução**

LIVING conditions, risk of poverty. **Destatis.** Disponível em: <[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty\\_HHTyp\\_SILC.html#Footnote1](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty_HHTyp_SILC.html#Footnote1)>. Acessado em: 01/10/2013.

SANTINI, Daniel. Ele quer pagar mais taxas – 10 perguntas para Dieter Lehmkuhl. **Encalhe**, 3 mar. 2010. Disponível em: <<http://humbertocapellari.wordpress.com/2010/03/03/ele-quer-pagar-mais-taxas-10-perguntas-para-dieter-lehmkuhl/>>. Acessado em: 05/05/2011.

### **Capítulo 1**

RELAÇÕES laborais: novo relatório aponta crispação no diálogo social na Europa. **Europa.** Disponível em: <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_IP-13-321\\_pt.htm?locale=FR](http://europa.eu/rapid/press-release_IP-13-321_pt.htm?locale=FR)>. Acessado em: 23/04/2013.

**BILD. Axel Springer.** Disponível em:  
<[http://www.axel Springer.de/en/media/cw\\_mediafactsheet\\_en\\_87011.html](http://www.axel Springer.de/en/media/cw_mediafactsheet_en_87011.html)>. Acessado em: 19/04/2013.

OECD Economic Outlook: Statistics and Projections. **OECD iLibrary.** Disponível em:  
<[http://www.oecd-ilibrary.org/economics/data/oecd-economic-outlook-statistics-and-projections/oecd-economic-outlook-no-92\\_data-00646-en](http://www.oecd-ilibrary.org/economics/data/oecd-economic-outlook-statistics-and-projections/oecd-economic-outlook-no-92_data-00646-en)>. Acessado em: 06/05/2012

ECONOMIC Outlook No 92 - December 2012 - OECD Annual Projections. **OECD StatExtracts.** Disponível em: <<http://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=40203>>. Acessado em: 30/04/2013.

**OECD iLibrary.** Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/3012021ec088.pdf?expires=1360809986&id=id&accname=guest&checksum=B0D8A802EA6C95301F211AAAA733D750>>. Acessado em: 06/05/2012.

SCHILLER, Christian. Does German welfare state need another fitness program? **Public Financial Management Blog**, 27 jul. 2009. Disponível em: <<http://blog-pfm.imf.org/pfmblog/2009/07/does-the-german-welfare-state-need-another-fitness-program.html?cid=6a00e54ef0059588340133f30c6ae8970b>>. Acessado em: 08/05/2012.

LIERSE, Hanna; HEISE Arne. **Budget Consolidation and the European Social Model – The Effects of European Austerity Programmes on Social Security Systems.** Berlin: Friedrich-Ebert-Stiftung International Policy Analysis, 2011. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/id/ipa/07891.pdf>>. Acessado em: 10/07/2012.

BENEFITS. **Bundesagentur fur Arbeit.** Disponível em:  
<[http://www.arbeitsagentur.de/nn\\_426132/EN/Navigation/zentral/Leistungen/Leistungen-Nav.html](http://www.arbeitsagentur.de/nn_426132/EN/Navigation/zentral/Leistungen/Leistungen-Nav.html)>. Acessado em: 10/09/2012.

**OECD iLibrary.** Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/sites/csp-fra-table-2013-1-en/index.html?contentType=/ns/StatisticalPublication,/ns/KeyTable&itemId=/content/table/20752288-table-deu&containerItemId=/content/tablecollection/20752288&accessItemIds=&mimeType=text/html>>. Acessado em: 26/12/2012.

**ARBEITSAGENTUR.** Disponível em:  
<[http://www.arbeitsagentur.de/nn\\_426140/EN/zentraler-Content/Presse/Presse-12-001-EN-650648.html](http://www.arbeitsagentur.de/nn_426140/EN/zentraler-Content/Presse/Presse-12-001-EN-650648.html)>. Acessado em: 10/12/2012.

COMMUNITY Statistics on Income and Living Conditions (EU-SILC). **Destatis.** Disponível em:  
<[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty\\_HHTyp\\_SILC.html#Footnote1](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingConditions/LivingConditionsRiskPoverty/Tables/ArtRiskPoverty_HHTyp_SILC.html#Footnote1)>. Acessado em: 01/10/2013.

LIVING in Europe (EU-SILC). **Destatis.** Disponível em:  
<<https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/SocietyState/IncomeConsumptionLivingCon>

[ditions/LivingConditionsRiskPoverty/Current\\_KeyIndicators\\_SILC.html](#)>. Acessado em: 10/12/2012.

UNEMPLOYMENT statistics. **Eurostat**. Disponível em: <[http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics\\_explained/index.php/Unemployment\\_statistics](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Unemployment_statistics)>. Acessado em: 10/12/2012.

SHORT-Term Labour Market Statistics: Harmonised Unemployment Rates HURs. **OECD.StatExtracts**. Disponível em: <<http://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=36324#>>. Acessado em: 10/12/2012.

BERLIN'S entire S-Bahn train network shuts down. **The Local**, 15 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.thelocal.de/national/20111215-39535.html#.UUKQXBxUcrU>>. Acessado em: 10/12/2012.

SIX hurt as train derails in Berlin. **The Local**, 12 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.thelocal.de/national/20120821-44489.html#.UUKPdRxUcrU>>. Acessado em: 10/12/2012.

MÜLLER, Peter; WASSERMANN, Andreas. Makeover for Deutsche Bahn: German Government Plans Radical Railroad Reform. **Spiegel Online**, 19 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/business/makeover-for-deutsche-bahn-german-government-plans-radical-railroad-reform-a-740182.html>>. Acessado em: 10/07/2012.

DEUTSCHE Bahn at a glance. **DB Bahn**. Disponível em: <[http://www.bahn.de/i/view/USA/en/about/overview/company\\_profile.shtml](http://www.bahn.de/i/view/USA/en/about/overview/company_profile.shtml)>. Acessado em: 10/07/2012.

RENEWABLE energy sources. **Destatis**. Disponível em: <[https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/EconomicSectors/Energy/Production/RenewableEnergies\\_ol.html](https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/EconomicSectors/Energy/Production/RenewableEnergies_ol.html)>. Acessado em: 07/12/2012.

EDDY, Melissa. German plan to abandon its nuclear energy lags. **The New York Times**, 30 maio 2012. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2012/05/31/world/europe/german-plan-to-abandon-its-nuclear-energy-lags.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2012/05/31/world/europe/german-plan-to-abandon-its-nuclear-energy-lags.html?_r=0)>. Acessado em: 07/07/2012.

WATER for Berlin. **Berliner Wasserbetriebe**. Disponível em: <<http://www.bwb.de/content/language2/downloads/info-engl-09.pdf>>. Acessado em: 18/07/2012.

**BERLINER Wassertischs**. Disponível em: <<http://berliner-wassertisch.net>>. Acessado em: 18/07/2012

Berlin seeks to buy RWE's water-utility stake. **MarketWatch**, 17 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.marketwatch.com/story/berlin-seeks-to-buy-rwes-water-utility-stake-2012-07-17>>. Acessado em: 12/11/2012.

RWE sells its 24.95% shareholding in Berliner Wasserbetriebe to the State of Berlin. **RWE**, Essen, 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.rwe.com/web/cms/en/113648/rwe/press-news/press-release/?pmid=4008131>>. Acessado em: 12/11/2012.

Dia do Trabalho tem protestos na Alemanha e na Turquia. **Estadao.com.br**, 01 maio 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,dia-do-trabalho-tem-protestos-na-alemanha-e-na-turquia,363869,0.htm>>. Acessado em: 12/11/2012.

Merkel diz que a sociedade multicultural falhou na Alemanha. **Público**, 17 out. 2010. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/merkel-diz-que-a-sociedade-multicultural-falhou-na-alemanha-1461411>>. Acessado em: 12/07/2012.

EVANS, Stephen. Germany's charged immigration debate. **BBC**, Berlim, 17 out. 2010. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-11532699>>. Acessado em: 12/11/2012.

ANNAN, Kofi. Razões pelas quais a Europa precisa de uma estratégia de imigração. **UNRIC**, 29 jan. 2004. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/opinioao/5912>>. Acessado em: 12/12/2012.

ANGELA Merkel polémica: integração dos imigrantes 'falhou'. **TVI24**, 17 out. 2010. Disponível em: <<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/alemanha-merkel-imigrantes-muculmanos-tvi24--/1199923-4073.html>>. Acessado em: 12/07/2012.

## Capítulo 2

**EUROPEAN Museum Forum**. Disponível em: <<http://www.europeanmuseumforum.info/component/content/article/15-emya-2012/36-european-museum-of-the-year-2012-award-nominations-.html>>. Acessado em: 12/07/2012.

**CENTRAL Intelligence Agency (CIA)**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gm.html>>. Acessado em: 12/07/2012.

**TUROMAQUIA**. Disponível em: <<http://turomaquia.com/carimbando-o-passaporte-entre-alemanhas-berlim/>>. Acessado em 17/03/2013.

GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e *welfare state*. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro, mar./abr. 2006, p. 205. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000200003>>. Acessado em: 10/07/2012.

O ADEUS ao bem-estar social. **Deutsch Welle - DW**, 20 out. 2003. Disponível em: <<http://www.dw.de/o-adeus-ao-bem-estar-social/a-1004871>>. Acessado em: 12/07/2012.

ARTE Degenerada. **Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=328](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=328)>. Acessado em: 24/04/2013.

**SPREEUFER Fuer Alle**. Disponível em: <<http://www.spreeufer-fuer-alle.de>>. Acessado em: 24/04/2013.

GERMANY. OCDE iLibrary. Disponível em: <[http://www.oecd-ilibrary.org/economics/country-statistical-profile-germany\\_20752288-table-deu](http://www.oecd-ilibrary.org/economics/country-statistical-profile-germany_20752288-table-deu)>. Acessado em 01/05/2012.

SCHOLZ, Kay-Alexander. Mapa da pobreza na Alemanha aponta tendências surpreendentes. **DW – Deutsch Welle**, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.dw.de/dw/article/0,,15620728,00.html>>. Acessado em: 01/05/2012.

STATISTICS Debate: Child and Youth Poverty Still the Most Urgent Problem on the Policy Agenda. **Diw Berlin**, 24 maio 2011. Disponível em: <[http://www.diw.de/en/diw\\_01.c.372865.en/themen\\_nachrichten/statistics\\_debate\\_child\\_and\\_youth\\_poverty\\_still\\_the\\_most\\_urgent\\_problem\\_on\\_the\\_policy\\_agenda.html](http://www.diw.de/en/diw_01.c.372865.en/themen_nachrichten/statistics_debate_child_and_youth_poverty_still_the_most_urgent_problem_on_the_policy_agenda.html)>. Acessado em: 01/05/2012.

### Capítulo 3

EUROPEAN Comission. Disponível em: <[http://ec.europa.eu/homeaffairs/doc\\_centre/immigration/docs/COM%202012%20250%20final%201\\_EN\\_ACT\\_part1\\_v5.pdf](http://ec.europa.eu/homeaffairs/doc_centre/immigration/docs/COM%202012%20250%20final%201_EN_ACT_part1_v5.pdf)>. Acessado em: 05/10/2012.

REAL GDP growth rate – volume. Percentage change on previous year. **Eurostat – European Comission**. Disponível em: <<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/refreshTableAction.do?tab=table&plugin=1&pcode=tec00115&language=en>>. Acessado em: 07/10/2012.

ALEMANHA e França criam grupo para liderar mudanças radicais na zona euro. **Dinheiro Vivo**, 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/CIECO057057.html>>. Acessado: em: 07/10/2012.

Ministério das Relações Exteriores do Brasil, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDAlemanha.pdf>>. Acessado em: 21/04/2013.

CAMERON planeja plebiscito sobre permanência do Reino Unido na UE. **UOL Notícias**, 23 jan. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2013/01/23/cameron-planeja-plebiscito-sobre-permanencia-do-reino-unido-na-ue.htm>>. Acessado em: 21/04/2013.

GASPAR, Eva. Só a Alemanha pode evitar uma crise de proporções apocalípticas. **Jornal de Negócios**, 29 nov. 2011. Disponível em: <[http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/quotsoacute\\_a\\_alemanha\\_pode\\_evitar\\_uma\\_crise\\_de\\_proporcedilotildees\\_apocaliacutepticasquot.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/quotsoacute_a_alemanha_pode_evitar_uma_crise_de_proporcedilotildees_apocaliacutepticasquot.html)>. Acessado em: 07/10/2012.

HÁ limite a poder da Alemanha contra a crise, afirma Merkel. **Folha de S. Paulo**, 15 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/48809-ha-limite-a-poder-da-alemanha-contra-a-crise-afirma-merkel.shtml>>. Acessado em: 07/10/2012.

VILA-NOVA. Carolina. Merkel é responsável pelo agravamento da crise. **Folha de S. Paulo**, 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/25658-merkel-e-responsavel-pelo-agravamento-da-crise.shtml>>. Acessado em: 07/10/2012.

NETTO, Andrei. Parlamento grego aprova plano de cortes. **O Estado de S. Paulo**, 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,parlamento-grego-aprova-plano-de-cortes-,835052,0.htm>>. Acessado em: 07/10/2012.

MINISTRO alemão diz que a Grécia é um ‘buraco sem fundo’. **O Estado de S. Paulo**, 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,ministro-alemao-diz-que-a-grecia-e-um-buraco-sem-fundo-,835048,0.htm>>. Acessado em: 10/10/2012.

**FEDERAL Foreign Office** (Ministério das Relações Exteriores do governo alemão). Disponível em: <[https://www.auswaertiges-amt.de/EN/Infoservice/Broschueren/Uebersicht\\_node.html?https=1](https://www.auswaertiges-amt.de/EN/Infoservice/Broschueren/Uebersicht_node.html?https=1)>. Acessado em: 11/10/2012.

CENTRO de Informação das Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil-cs-onu.com/>>. Acessado em: 10/12/2012.

G20 Países em desenvolvimento. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/g-20-paises-desenvolvimento.htm>>. Acessado em: 22/04/2013.

2013/2014: Temporada da Alemanha no Brasil. **Representações da República Federal da Alemanha no Brasil**. Disponível em: <[http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/0201\\_DZBrasilia/Artigos/UltimasNoticiasAnoAlemanha.html](http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/0201_DZBrasilia/Artigos/UltimasNoticiasAnoAlemanha.html)>. Acessado em: 10/11/2012.

GIRALDI, Renata. Otan fecha acordo sobre retirar tropas do Afeganistão até 2014. **Agência Brasil**, 22 maio 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-22/otan-sela-acordo-sobre-retirar-tropas-do-afeganistao-ate-2014>>. Acessado em: 10/11/2012.

ALVES, Rui Henrique Ribeiro Rodrigues. **O Futuro da União Europeia: Organização Económica e Política no Contexto dos Desafios Pós-Euro**, 2008, p. 11. Tese (Doutoramento em Economia) – Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10799/2/Tese.pdf>>. Acessado em: 12/12/2012.

POPP, Maximilian. One for All?: German Court to Decide on EU Benefits Case. **Spiegel Online**, 30 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/germany/german-court-to-rule-on-right-of-eu-nationals-to-german-social-welfare-a-880383.html>>. Acessado em: 01/03/2013.

POP, Valentina. German court confirms social rights for Bulgarians. **EU Observer**, 31 jan. 2013. Disponível em: <<http://euobserver.com/social/118899>>. Acessado em: 01/03/2013.

DECRETO n.º 182/77 – Convenção Europeia de Assistência Social e Médica, Protocolo Adicional e anexos I, II e III. Disponível em: <<http://www.gddc.pt/siii/docs/dec182-1977.pdf>>. Acessado em: 10/02/2012.

COUNCIL of Europe. Annex II to the European Convention on Social and Medical Assistance. Disponível em: <<http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/014-II.htm>>. Acessado em: 10/02/2013.

O SISTEMA político. **Perfil da Alemanha**. Disponíveis em: <<http://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt/o-sistema-politico/main-content-04/o-parlamento-federal.html>>. Acessado em: 10/01/2013.

ALEMANHA – Os partidos políticos. **DW – Deutsch Welle**. Disponível em: <<http://www.dw.de/os-partidos-pol%C3%ADticos/a-900929>>. Acessado em: 10/01/2013.

SEVERIN, Thorsten; RINKE, Andreas. Merkel coalition agrees welfare changes as poll looms. **Reuters**, 4 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/11/05/us-germany-coalition-idUSBRE8A402Z20121105>>. Acessado em: 10/01/2013.

#### Capítulo 4

CRIPPEN, Alex. Warren Buffett on CNBC: I'd Buy Up 'A Couple Hundred Thousand' Single-Family Homes If I Could. **CNBC**, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.cnbc.com/id/46538421>>. Acessado em: 12/05/2012.

LEDERMAN, Josh. Foreclosure crisis hits older Americans hard. **USA Today**, 19 jul. 2012. Disponível em: <<http://usatoday30.usatoday.com/money/economy/housing/story/2012-07-19/Foreclosure-older-Americans/56330168/1>>. Acessado em: 12/06/2012.

CHINA enviará delegação para comprar empresas europeias. **Terra**, 29 nov. 2011. Disponível em: <[http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201111291027\\_AFP\\_80544064](http://economia.terra.com.br/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201111291027_AFP_80544064)>. Acessado em: 10/04/2013.

FEBBRO, Eduardo. Concentração também é marca da mídia na França. **Carta Maior**, 7 dez. 2012. Disponível em: <[http://cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=21376](http://cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=21376)>. Acessado em: 10/11/2012.

SERGE Dassault & Family. **Forbes**, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.forbes.com/profile/serge-dassault/>>. Acessado em: 10/04/2013.

MEDIA landscape: concentration on a highly concentrated market. **Goethe-Institute**, maio 2011. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/med/dos/jou/jiw/en7613654.htm>>. Acessado em: 10/04/2013.

FACTS & Figures. **Bertelsmann**. Disponível em: <<http://www.bertelsmann.com/Bertelsmann/Facts-%2526-Figures.html>>. Acessado em: 10/04/2013.

ARD - Company Profile, Information, Business Description, History, Background Information on ARD. **Reference for Business**. Disponível em: <<http://www.referenceforbusiness.com/history2/9/ARD.html>>. Acessado em: 13/02/2013.

International Licensing 2010/2011. **Axel Springer**. Disponível em:  
<[http://www.axelspringer.de/dl/38631/Axel\\_Springer\\_International\\_Licensing.pdf](http://www.axelspringer.de/dl/38631/Axel_Springer_International_Licensing.pdf)>.  
Acessado em: 10/12/2012.

PATERSON, Tony. Revealed: publisher owned by the Catholic Church sells pornography. **The Independent**, 25 nov. 2011. Disponível em:  
<<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/revealed-publisher-owned-by-the-catholic-church-sells-pornography-6257572.html>>. Acessado em: 10/12/2012.

**VERLAGSGRUPPE Weltbild**. Disponível em:  
<<http://www.weltbild.com/company/about-us/>>. Acessado em: 10/12/2012.

GRÉCIA enfrenta perigo mortal, diz ministro. **Época**, 26 nov. 2011. Disponível em:  
<<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI281303-16367,00-GRECIA+ENFRENTA+PERIGO+MORTAL+DIZ+MINISTRO.html>>. Acessado em: 24/04/2013.

PASSOS: Corte no 'rating' foi "murro no estômago". **Diário de Notícias**, 6 jul. 2011. Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content\\_id=1898907](http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=1898907)>.  
Acessado em: 10/12/2012.

ALEMANHA quer romper com o oligopólio de agências de classificação. **UOL Notícias**, 6 jul. 2011. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2011/07/06/alemanha-quer-romper-com-o-oligopolio-de-agencias-de-classificacao.jhtm>>. Acessado em: 10/12/2012.

DONOS da Avianca fazem oferta pela TAP. **IG Economia**, 8 dez. 2012. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/2012-12-08/donos-da-avianca-fazem-oferta-pela-tap.html>>. Acessado em: 10/12/2012

FORD anuncia mais demissões na Europa. **Motor Dream**, 26 out. 2012. Disponível em: <<http://motordream.uol.com.br/noticias/ver/2012/10/26/ford-anuncia-mais-demissoes-na-europa>>. Acessado em: 10/04/2013.

PEUGEOT insiste em demissões após perder US\$ 800 mi no 1º semestre. **Exame**, 25 jul. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/peugeot-insiste-em-demissoes-apos-perder-us-800-mi-no-1o-semester/>>. Acessado em: 10/04/2013.

SANTANDER fechará 700 agências na Espanha após absorver Banesto. **G1**, 17 dez. 2012. Disponível em:  
<<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/12/santander-fechara-700-agencias-na-espanha-apos-absorver-banesto.html>>. Acessado em: 10/04/2013.

MARTÍN, María. Classe média invade chalés na Espanha. **Folha de S. Paulo**, 15 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1262707-classe-media-invade-chalet-na-espanha.shtml>>. Acessado em: 23/04/2013.

CHADE, Jamil. Desemprego na Espanha chega pela primeira vez a 25% da população. **Estadão.com.br/Bogs**, 26 out. 2012. Disponível em:  
<<http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2012/10/26/desemprego-na-espanha-chega-pela-primeira-vez-a-25-da>>

[populacao/?doing\\_wp\\_cron=1364107302.7243928909301757812500](http://populacao/?doing_wp_cron=1364107302.7243928909301757812500)>. Acessado em: 10/04/2013.

PONTUAL, Helena. Recessão. **Senado Federal**. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/entenda-o-assunto/recessao>>. Acessado em: 10/11/2012.

SUSTENTABILIDADE gera lucratividade. **Monsanto em Campo**. Disponível em: <<http://www.monsanto.com.br/monsantoemcampo/?p=1071>>. Acessado em: 10/01/2013.

## Capítulo 5

LUÍS, Cláudia. Hospital grego ameaçou ficar com bebê para mãe pagar a conta da cesariana. **Jornal de Notícias**, 23 maio 2012. Disponível em: <[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=2542951&page=-1](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2542951&page=-1)>. Acessado em: 10/11/2012.

HADJIMATHEOU, Chloe. Greek hospital tighten payment rules. **BBC**, 22 maio 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/magazine-18073793>>. Acessado em: 09/11/2012.

SEM investimentos, malária volta a preocupar a Grécia. **Estadão.com.br**, 3 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,sem-investimentos-malaria-volta-a-preocupar-a-grecia-,968361,0.htm>>. Acessado em: 10/01/2013.

CHADE, Jamil. Pela primeira vez em 40 anos, Europa reduz orçamento da saúde. **Estadão.com.br**, 3 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pela-1-vez-em-40-anos-europa-reduz-orcamento-da-saude,968511,0.htm>>. Acessado em: 10/10/2013.

CORREIA, Paulo da Cruz; MAGALHÃES FILHO, Francisco B. de. **A política neoliberal como redutora das possibilidades de criação de novos empreendimentos**. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3., 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p. 294-312. Disponível em: <[http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/\[21\].pdf](http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/[21].pdf)>. Acessado em: 10/01/2013.

DANTAS, Fernando. Paul Volcker é símbolo do aperto financeiro. **O Estado de S. Paulo**, 27 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,paul-volcker-e-simbolo-do-aperto-financeiro,284528,0.htm>>. Acessado em: 10/01/2013.

SANTOS, Laerte Moreira dos. O neoliberalismo. **CEFET-SP**. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/neoliberalismolaerte.html>>. Acessado em: 09/01/2013.

1982: UK unemployment tops three million. **BBC**, 26 jan. 1982. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid\\_2506000/2506335.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid_2506000/2506335.stm)>. Acessado em: 10/01/2013.

MIRANDA, Celso. Greve: a ferro e carvão. **Guia do Estudante**, 1 out. 2005.  
Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/greve-ferro-carvao-434346.shtml>>. Acessado em: 09/02/2013.

ZIMMERMANN, Clovis Roberto; ALVES, João Carlos Lima. O Mito do declínio do *Welfare State*. **Emancipação**, v. 9, n. 2, 2009, p. 232. Disponível em:  
<[www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/.../832](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/.../832)>. Acessado em: 10/02/2013.

Londres se despede de Thatcher com aplausos e protestos. **Exame**, 17 abr. 2013.  
Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/londres-se-despede-de-thatcher-com-aplausos-e-protestos?page=1>>. Acessado em: 24/04/2013.

U.S. Library of Congress. The Social Market Economy. **Country Studies**. Disponível em: <<http://countrystudies.us/germany/136.htm>>. Acessado em: 17/01/2013.

FUNK, Lothar. Ordoliberalism and Christian Social Doctrine. Social Market Economy as Europe's Economic Model International Conference, Cadenabbia, November 2012.  
Disponível em:  
<[http://www.kas.de/upload/dokumente/2012/11/121204\\_Ordoliberalism\\_and\\_Christian\\_Social\\_Doctrine.pdf](http://www.kas.de/upload/dokumente/2012/11/121204_Ordoliberalism_and_Christian_Social_Doctrine.pdf)>. Acessado em: 17/02/2013.

**DESTATIS**. Disponível em:  
<[https://www.destatis.de/EN/PressServices/Press/pr/2012/10/PE12\\_369\\_634.html](https://www.destatis.de/EN/PressServices/Press/pr/2012/10/PE12_369_634.html)>.  
Acessado em: 31/01/2013.

## **Conclusão**

PLAISANT, Rafael. Apesar de protestos, trecho do Muro de Berlim é removido. **DW - Deutsch Welle**, 27 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.de/apesar-de-protestos-trecho-do-muro-de-berlim-%C3%A9-removido/a-16703089>>. Acessado em: 17/04/2013.

## **Anexos**



Protesto em Berlim contra a decisão do governo de estender a data para o fechamento de usinas nucleares, em frente ao Reichstag, a sede do parlamento alemão (Foto: Carolina Guerra)



Energia nuclear? Não obrigado (Atomkraft? Nein, danke) foi o lema dos protestos anti-energia nuclear em Berlim (Fotos: Carolina Guerra)



Muitos alemães compareceram à manifestação de bicicleta (Foto: Carolina Guerra)



“Não há razão para a construção de uma grande mesquita”, diz a faixa do Pro-Kölns (acima); homem carrega bandeira da Alemanha (centro); e “Toda a verdade precisa de coragem para ser dita. A. Einstein” (Fotos: Carolina Guerra)



Jovens tocam bateria para impedir que o comício Pro-Köln seja ouvido (esq.); e homem fantasiado carrega cartazes com os dizeres “Maluco ou o quê?” e “Faíscas coloridas contra canalhas marrons” (Fotos: Carolina Guerra)



Jovem se prepara para ‘limpar’ as ruas onde passou o Pro-Kölns (Foto: Carolina Guerra)



O evento em comemoração aos 20 anos de reunificação da Alemanha contou com o patrocínio da Coca-Cola e da cerveja Berliner Kindl (Foto: Carolina Guerra)